

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

MONTEIRO LOBATO: CRÍTICO SOCIAL

Texto apresentado para Defesa de Mestrado em
História Cultural.

Orientador: Dr. Adriano Luiz Duarte

Mestrando: Ricardo de Castilho Selke

FLORIANÓPOLIS, SETEMBRO DE 2012

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
CAPÍTULO 1 - A VOZ DO SERTÃO.....	5
1.1. Origem social, infância e Faculdade de Direito.....	5
1.2 A invenção do Jeca Tatu.	16
1.3 A busca do verdadeiramente brasileiro: Do Saci à redenção do Jeca Tatu.	29
1.4 Lobato e a revolta de 1924.....	46
1.5. Visões dos Estados Unidos da América: O Presidente Negro.....	51
CAPÍTULO 2 – A “AMÉRICA” REAL	63
2.1 Mister Slang e a crítica da 1º República.	63
2.2. Os Estados Unidos, avesso do Brasil.....	71
2.3 Ferro e Petróleo.....	89
CAPÍTULO 3 – MONTEIRO LOBATO E A ESQUERDA	107
CONCLUSÃO.....	117
ANEXOS	119
REFERÊNCIAS	123

INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é analisar a trajetória intelectual de Monteiro Lobato e a recepção que suas obras e idéias tiveram entre intelectuais e na imprensa paulista – em especial no jornal *Folha da Manhã*. A pergunta-problema será compreender qual foi a influência de sua passagem pelos Estados Unidos, entre 1927 a 1931, em sua obra. Para analisar a sua trajetória intelectual será dada maior ênfase à sua obra adulta em detrimento da infantil. Ênfase em especial ao livro *América* (1932), publicado logo depois de sua volta dos Estados Unidos.

A “trajetória” intelectual não deve ser confundida com uma biografia, assim como um livro de memórias não deve ser confundido com uma autobiografia. Em vez de se dar destaque a questões como: casamento, nascimento do primeiro filho, morte na família, mudança de endereço; será dada evidência às mudanças (e constâncias) na trajetória intelectual de Monteiro Lobato. Em outras palavras: suas obras aparecerão em primeiro plano, e não sua vida cotidiana. É claro que em alguns momentos, a dissertação tratará de questões que podem ser entendidas como biográficas, mas será apenas para facilitar a compreensão das ideias do autor.

Alguns pontos da dissertação devem ser comentados. Procurei, ao máximo, trazer questões inéditas, que nunca foram publicadas, nem mesmo por Edgard Cavalheiro, biógrafo oficial de Lobato. Por exemplo: as resenhas dos livros de Lobato. Por este mesmo motivo, algumas questões da trajetória intelectual de Monteiro Lobato serão tratadas de forma superficial. Em especial seus contos, seu trabalho como editor e sua crítica artística à arte moderna. Fiz esta escolha por ter entendido que não teria condições de trazer algo de novo para o debate. Há vários autores que já estudaram de forma minuciosa esses três temas e compreendi que não caberia a esta dissertação repetir novamente os seus argumentos.

A dissertação será dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo tratarei dos seguintes temas: a origem social do autor e seus primeiros escritos para jornais acadêmicos; seus contos do período de 1910-14; o início público da carreira de Lobato em 1914, quando publicou um artigo no jornal *O Estado de São Paulo* descrevendo a existência de uma sub-raça no interior do país, intitulada pelo autor de “Jeca Tatu”; sua participação como crítico de arte em São Paulo na década de 1910 e 1920; os motivos que levaram Lobato, em 1917, a negar o caráter racial do Jeca Tatu; a valorização proposta por Lobato da língua brasileira em

contraponto à Europa; sua carta a Arthur Bernardes propondo o voto secreto para terminar com a revolta de 1924 na cidade de São Paulo e seu apoio à secessão do Estado; a importância do romance *O Presidente Negro* (1926) para entender a relação de Lobato com os Estados Unidos e Henry Ford.

No segundo capítulo utilizarei duas obras de Lobato. A primeira será *Mister Slang e o Brasil* (1927). Darei ênfase às seguintes questões: a construção intelectual que Lobato fez de Henry Ford; o entendimento que o autor fez do movimento tenentista e os limites da democracia brasileira no período; a crítica do autor ao bombardeio de São Paulo.

Os temas não foram escolhidos ao acaso. Tentarei dar maior exposição àqueles que serão tratados, novamente, na obra *América*. Nesta, analisarei a construção simbólica que Lobato fez da sociedade americana: a riqueza material e o porquê desta riqueza; a censura religiosa nos Estados Unidos; a importância de Henry Ford como alegoria do pensamento americano; a participação feminina no mundo do trabalho; a democracia na América. Tentarei responder se o projeto industrial que Lobato propôs ao presidente Vargas, ao voltar dos Estados Unidos em 1932, composto pelo tripé “estrada-ferro-petróleo”, não foi uma tentativa de recriar o que ele viu em sua passagem por Nova York, como adido comercial.

Por último, no terceiro capítulo, será analisado o afastamento parcial de Lobato dos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, por conta da “Política de Boa Vizinhaça” do presidente Roosevelt. Lobato, que foi preso político da ditadura Vargas, foi contra a união comercial e política entre os dois países, por ver nela a legitimação internacional da ditadura brasileira. Começou a fazer elogios à URSS em entrevistas para jornais, depois de 1945. Escreveu um panfleto elogiando Carlos Prestes, intitulado *Zé Brasil* (1947) e iniciou amizade com Caio Prado Junior e Jorge Amado – dois conhecidos comunistas. Tentarei compreender o que levou o afastamento de Lobato dos Estados Unidos, e à sua aproximação com a esquerda, inclusive com o Partido Comunista e a URSS.

CAPÍTULO 1 - A VOZ DO SERTÃO

1.1. Origem social, infância e Faculdade de Direito.

José Renato Monteiro Lobato nasceu em Taubaté (SP), no ano de 1882. Sua mãe, Olímpia Augusta Monteiro, era filha bastarda. Sua avó materna, Anacleto Augusta do Amor Divino, professora humilde, tivera uma relação amorosa com o Visconde de Tremembé (ele, José Francisco Monteiro, era casado com Maria Belmira de França, sem filhos). Desta infidelidade conjugal surgiu o ramo materno de Monteiro Lobato: sua mãe e tio. Como era comum na época, segunda metade do século XIX, o Visconde reconheceu oficialmente Olímpia como filha e Monteiro Lobato (e suas duas irmãs) como netos. Todos teriam direito, inclusive, à herança, depois de sua morte. O fato de sua mãe ser filha bastarda, antes de ser mera questão de curiosidade, tem grande importância para indicar a origem social do autor. Lobato é constantemente lembrado como neto de um Visconde. O que não é um equívoco. Entretanto, não podemos ignorar o que poderia ser um estigma: era o neto “bastardo”.

Mesmo dentro desta condição social ilegítima, Lobato teve acesso a todos os ritos de passagem de um garoto aristocrata de sua época: períodos lendo na biblioteca particular de seu avô, ensino de francês, menino conhecido pelas suas irmãs por ser “mandão” e mais tarde, a Faculdade de Direito, em São Paulo.

Não existem muitas informações sobre a infância de Lobato. É sabido que na biblioteca de seu avô, ele teve acesso muito cedo a várias formas de periódicos, como: *Revista Ilustrada*, *Novo Mundo* uma coleção intitulada *Journal des Voyages*, obras do filósofo Herbert Spencer e a enciclopédia *Larousse*, dentre outros.

Com quatorze anos colaborou num jornal estudantil, “O Guarani”. Fundou até mesmo um “jornal”: *H20*. Leu, na adolescência os romances de Julio Verne, José de Alencar, Coelho Neto, Herculano, Catulle Mendes, Daudet e Joaquim Manuel de Macedo.

Com 16 anos, Lobato já era órfão. Seu pai morreu em 1898 e sua mãe no ano seguinte. O que se sabe da relação de Lobato com seus pais é, em geral, retirado de suas cartas, publicadas em *Cartas Escolhidas*. Estas foram selecionadas por Lobato e Edgard Cavalheiro, seu biógrafo oficial.

As cartas conhecidas de Lobato para o seu pai são quatro ao todo, enquanto para a sua mãe são catorze. Quando o autor escreve ao pai, é breve e sucinto. Em geral, suas cartas não passam de onze linhas impressas. Para sua mãe, suas cartas são longas, utilizando apelidos em vez de seu nome e comentando não apenas a sua rotina. Há seguidos comentários a respeito da vida dos meninos ricos em São Paulo. Na época, Lobato estava fazendo seus preparativos educacionais na cidade. Ele ficou impressionado com a riqueza de alguns em comparação com a sua. Mesmo sendo neto de um Visconde, Lobato passou, inclusive, por dificuldades financeiras.

Numa carta de 1895, Lobato afirmou que não tem mais dinheiro e vai à cidade “a pé e por um caminho muito longe que se sobe uma ladeira por que não tenho 3 vinténs para passar no viaduto.”¹ Em 1898, pede para sua mãe não mandar mais frutas “porque tenho que pagar 2000 réis a um carregador, e cada vez que despendo essa quantia é com muito dó de coração.”² Em 1899 comenta:

Aqui, durante o carnaval não é como aí: chega um sujeito por ex. como o Padrinho e gasta bastante confete no Garaux: no dia seguinte recebe a conta: 10 contos de réis!!! Isso deu-se o ano passado com o filho do Prado, que *num só dia* gastou só de confete 10 contos!³

O autor, quando adolescente, tinha em mente ser ou um artista plástico ou engenheiro – de preferência o primeiro.⁴ Estes planos foram desfeitos pelo seu avô Visconde, que escolheu para o neto varão a carreira de bacharel. Estudaria na Faculdade de Direito, em São Paulo.

Lobato seria uma exceção, dentro de seu contexto histórico, caso não aceitasse o pedido do avô. Como observa Campos: “Ingressando na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (...) Lobato cumpria um ritual obrigatório para os jovens de sua origem social.”⁵ Para Cavalheiro: “(...) naqueles tempos, para uma família tradicional, o caminho mais nobre, mais digno, mais de acordo com todas as aspirações, era o de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.”⁶

¹ LOBATO, Monteiro. **Cartas Escolhidas**: Volume I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 24.

² CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: Vida e obra: Tomo I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p. 46.

³ LOBATO, Monteiro. **Cartas Escolhidas**: Volume I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. 56 p.

⁴ CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: Vida e obra: Tomo I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p. 51.

⁵ CAMPOS, André Luiz Vieira. **A República do Picapau Amarelo**: uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986. p. 3.

⁶ CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: Vida e obra: Tomo I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p. 57.

Em 1900, com 18 anos Lobato entrou na Faculdade de Direito. Seus escritos deste período, (que iria até 1904) são significativos. Em primeiro lugar, algumas das acusações que iriam perseguir Lobato ao final de sua vida, como, por exemplo, ser um comunista-atéu, são, também, deste momento. Em segundo lugar, havia no autor um inconformismo com a situação da consciência nacional e da própria instituição de que ele fazia parte: a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Dois manifestos são pertinentes para tentarmos compreender, mesmo que superficialmente, o tipo de análise Lobato fazia do Brasil, quando estudante: “Outrora e hoje” (agosto,1900) e “Fuga dos Ideais” (agosto,1903). O primeiro foi publicado no jornal *Árcadia Acadêmica*, o segundo em *O Onze de Agosto*. Ambos eram de consumo interno dos estudantes da faculdade. O manifesto de 1900 inicia-se relembrando o passado brilhante que a Academia teve na formação de líderes nacionais:

Durante muitos anos, quase desde a sua fundação, a Academia foi o foco intelectual mais vivo, mais inteiro, mais brilhante de todo o País; era o cenáculo donde surgiam os próceres do segundo Império e da República.⁷

Segue afirmando que estes homens próceres (José de Alencar, José de Bonifácio, Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, entre outros) representavam o estado mental da época passada. Já o momento presente, para Lobato, seria de decadência moral e apatia. A síntese seria a ausência de lideranças entre os jovens. Tentando compreender o que teria motivado esta situação, Lobato chega a duas conclusões:

O meio literário atrofiou-se em contato com o vil mercantilismo que neste século invade todas as esferas sociais; o ideal desapareceu com a realização dos dois grandes ideais de outrora: um a 13 de Maio e outro a 15 de novembro; e vós bem sabeis que sem um ideal, sem um fíto, sem um destino, uma geração não pode progredir.⁸

Mercantilismo, fim do movimento abolicionista (1888) e o advento da República (1889), segundo Lobato, desmotivaram a juventude que ingressara na faculdade. O autor indica que este momento de marasmo pode estar acabando (não explica o porquê) e termina com uma passagem de Alexandre Herculano, onde ele afirma que existem dois caminhos: o primeiro que é plano mais leva à prostituição e o segundo, vereda estreita, que leva ao aplauso da própria consciência.

⁷LOBATO, Monteiro. Outrora e Hoje. In: LOBATO, Monteiro. **Literatura de Minarete**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 25.

⁸Ibid, p. 27.

O manifesto de 1903, no título resume o entendimento do autor sobre o período: a fuga dos ideais. Lobato comenta a ausência de um ideal aglutinador, o fim das associações (Grêmios) depois da proclamação da República e indica, novamente, os responsáveis pelo decréscimo dos ideais: o 13 de Maio e o 15 de Novembro. Para o autor:

A mocidade ficou então completamente desnordeada; perdera o fanal, a estrela guiadora, o núcleo de convergência de todas as aspirações; perdera o que a fazia dar mãos e generosamente caminhar e lutar; desapareceram, conseqüentemente, os clubes, associações de toda espécie e o próprio espírito de associação se foi aos poucos amortecendo, afrouxando assim os laços da solidariedade acadêmica.⁹

Diferentemente do primeiro manifesto, de 1900, onde o autor não dá nenhuma resposta prática para esta decadência política, neste segundo manifesto Lobato afirma que existe um ideal “bastante generoso” e “bastante amplo” que poderia servir como aglutinador para a juventude: o socialismo. Este significaria, segundo o aspirante a bacharel:

A regeneração da humanidade pelo advento definitivo da justiça, pelo império da verdade, pela extinção da miséria, pela destruição das classes, pela moralização da moral, pela reivindicação enfim de todos os direitos postergados, é modernamente a única cousa capaz de reacender nos corações a chama vivificante da fé idealista, dessa que abala montanhas, e torna possível um grêmio de estudantes.¹⁰

O “socialismo” de Lobato era de manual e vago – o segundo termo é do próprio autor.¹¹ Poderíamos classificá-lo de socialismo de “fachada”, já que, fora este escrito, o autor não demonstrou nenhum interesse em qualquer movimento operário, ou num movimento socialista/anarquista enquanto foi estudante de Direito, em São Paulo.

O socialismo juvenil de Lobato foi “influenciado” por um livro de Oliveira Martins intitulado *Teoria do Socialismo*.¹² A tese desenvolvida pelo autor é carregada de noções evolucionistas. O socialismo seria a evolução, o movimento natural da civilização rumo a dois ideais: a liberdade moral pela Justiça e a liberdade natural pelo Trabalho – a compreensão e apropriação da natureza com o desenvolvimento da ciência.¹³

⁹LOBATO, Monteiro. **Literatura de Minarete**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 118.

¹⁰Ibid, p.119.

¹¹Ibid, p.149.

¹²CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: Vida e obra: Tomo I**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p. 107.

¹³MARTINS, Oliveira. **Teoria do Socialismo**. Lisboa: Guimarães & Editores, 1952. p. 3-5.

É difícil saber até que ponto Lobato, por ser tão jovem, realmente levava a sério o que escrevia sobre a importância do socialismo como movimento de regeneração da juventude paulista. Numa carta de 1903 para seu amigo Godofredo Rangel, Lobato escreveu: “Hoje pedi uma conferência ao Sr. Oliveira Martins, e nem bem começou ele: ‘o socialismo é a evolução...’ alguém me chamou e lá deixei o homem latindo.”¹⁴ Em 1904, em outra carta, Lobato afirmou:

Todos nós, Lino, Albino e Tito [outras amigos do autor], andamos agora rebelados contra o socialismo e a atacar com os mais sórdidos argumentos o maravilhoso socialismo-sentimento do Ricardo [Gonçalves] – e ele, em vez de refutar-nos, sofre, vê nisso hipotenusas atacando um perfume.¹⁵

Não devemos esquecer que Lobato, neste momento, era um jovem estudante, recém-entrado na Universidade. Logo, seus textos devem ser postos dentro deste contexto histórico. Um ponto que ainda não foi respondido e esta pesquisa não tem a resposta, é se estes manifestos foram alterados posteriormente por Lobato – uma atitude comum do autor. Estes escritos só são conhecidos por terem sido compilados nas obras completas de Lobato – possivelmente outros escritos deste período foram perdidos. O que torna impossível buscar qualquer coerência (ou incoerência) nesta fase da vida do autor.

Mais provável que um interesse real de Lobato pelo movimento socialista, é a suposição de que seu socialismo era uma forma de se enturmar com seu grupo de amigos da faculdade de Direito (o nome do grupo era “Cenáculo” e estes se reuniam no “Minarete”, apelido dado à casa de Rangel). O grupo tinha um número fechado de amigos. Sete ao todo. Os principais nomes desse grupo são: Ricardo Gonçalves que era jornalista, poeta e interessado nos movimentos operários na cidade de São Paulo e Godofredo Rangel, mais tarde autor de *Vida Ociosa*, publicado em 1920. O que provavelmente os tornava distintos de tantos outros grupos era este socialismo vago. Este funcionava possivelmente como um aglutinador.

Neste período uma obra de Lobato chamou a atenção da Igreja Católica: o seu romance *Os Lambe-Feras* com 106 capítulos – inspirado na obra de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Os capítulos do romance deveriam ter sido publicados no jornal *O Povo* na cidade de Caçapava. Entretanto, apenas o primeiro capítulo foi divulgado. O segundo, supostamente, não chegou ao jornal por ter causa da

¹⁴LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**: Tomo 1º, São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 41.

¹⁵Ibid, p. 59.

reação dos leitores e do clero.¹⁶ O que provocou tanta revolta foi a forma que Lobato retratou os padres, logo no segundo parágrafo da primeira página: homens que são mulheres pelo vestuário, se assemelham a suínos e ervas daninhas.¹⁷

O romance em si, mesmo ignorando os ataques ao clero, pode ter sido ofensivo ao leitor da época e da cidade endereçada. O enredo é uma crítica à vida no interior paulista: cidade de falsos carolas, onde o tédio havia encontrado todo o “humor necessário para uma vegetação luxuriante”.¹⁸ Onde as mulheres ficavam nas janelas e “quando um pobre mortal desponta no começo da rua elas preparam-se para ‘olhá-lo’ e fitando nele um olhar (...) até que o mísero suma-se na outra extremidade”.¹⁹

Há dois fatos de repercussão na sua passagem pela faculdade, que merecem destaque. Em primeiro lugar, foi a sua vitória num concurso literário de contos, com o “Gens Ennuyeux” (1904). Conto de estilo rebuscado, onde Lino e seu amigo assistem a um evento enfadonho de ciência sobre a história da Terra. Lobato, provavelmente pensou em impressionar o jurado, recorreu a um título em língua francesa (algo como “Gente entediante”). Mas cometeu um erro básico. O título original do conto, que foi para análise do jurado, era “Gens ennuyeeses”. Ignorando que “gens” em francês é masculino e “ennuyeeses” feminino.²⁰ Mesmo com este pequeno erro, Lobato demonstrou capacidade de se destacar no meio acadêmico, em comparação com os seus colegas.

Em segundo lugar é a leitura de algumas obras de Gustave Le Bon (1841-1931) – sociólogo francês. Le Bon é descrito por Campos como o intelectual “racista” que Lobato utilizou para analisar a realidade brasileira em 1914, quando lançou a público “Velha Praga” e seu personagem, Jeca Tatu.²¹

Segundo Hobsbawm, Le Bon fez parte de um grupo de intelectuais antidemocráticos do século XIX e início do XX, como Tarde (1843-1904) e Troller (1872-1939).²² De fato, Le Bon foi lido tanto por Hitler, Mussolini, quanto por Henry

¹⁶CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: Vida e obra: Tomo I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p. 94.

¹⁷LOBATO, Monteiro. Os Lambe-Feras. In: LOBATO, Monteiro. **Literatura de Minarete**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 67.

¹⁸Ibid, p. 69.

¹⁹Ibid, p. 69.

²⁰LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**: Tomo 1º, São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 75.

²¹Ver: CAMPOS, André Luiz Vieira. **A República do Picapau Amarelo**: uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986. p. 14-15.

²²HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios**. São Paulo: Paz e Terra, 2005. p. 377.

Ford.²³ Freud o estudou e escreveu sobre a importância de Le Bon para o estudo das massas.²⁴ Porém, a questão do seu caráter antidemocrático é secundária para esta dissertação. O que importa para esta dissertação é sua característica “racista”.

A apropriação das teses “racistas” ou “raciais” de Le Bon por Lobato ainda precisam ser estudadas de forma mais detalhada e cuidadosa. Le Bon foi um sociólogo que ficou conhecido por procurar entender a lógica (ou falta desta) nas multidões. Seria surpreendente se este intelectual do século XIX não utilizasse o termo “raça” em algum momento. Assim como não é surpreendente que Le Bon comparasse uma multidão enfurecida com uma mulher.²⁵ Era comum no século XIX e início do XX, especialmente na Europa, termos como “raça”, “cultura” e “civilização” serem tratados como sinônimos, dependendo do autor.

A crença na inferioridade da raça negra, latina e indigna, comparada com o branco, era um senso-comum entre grande parcela da elite brasileira muito antes de Le Bon ter nascido. Em outras palavras: atitudes racistas da elite brasileira não precisavam necessariamente de uma base teórica sólida.

Mesmo assim é importante comentar as principais observações de Le Bon. Lobato, sem dúvida, admirava-o. Em “Confissões Ingênuas”, testemunho do autor sobre suas influências juvenis, publicado em 1941 no jornal *O Estado de São Paulo*, Le Bon e seu livro *L’Homme et la Société* é descrito como um “bombardeio aéreo! (...) não ficou de pé um só adobe de edifício de minha catolicidade caseira”.²⁶ Neste mesmo testemunho, Lobato cita Comte e H. Spencer.

O sociólogo francês estava interessado na “a era das multidões”: decadência de valores religiosos em detrimento do pensamento científico e no nascimento do “poder das multidões”.²⁷ Sua principal tese é que o comportamento humano perde qualquer forma de racionalidade quando muitos homens se reúnem. O indivíduo torna-se bárbaro:

Pelo simples fato de fazer parte de uma multidão, o homem desce portanto vários graus na escala da civilização. Isolado era talvez um indivíduo culto, na multidão, é um instintivo, conseqüentemente um bárbaro. Possui a

²³ GRANDIN, Greg. **Fordlândia**: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. p. 82.

²⁴ FREUD, Sigmund. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. In: FREUD, Sigmund. **Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos**: 1920-1923. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

²⁵ LE BON, Gustave. **Psicologia das Multidões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 42.

²⁶ LOBATO, Monteiro. **Conferências, artigos e crônicas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 221.

²⁷ LE BON, Gustave. **Psicologia das Multidões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 20.

espontaneidade, a violência, a ferocidade e também os entusiasmos e os heroísmos dos seres primitivos.²⁸

A multidão seria a “credulidade excessiva”, a “idéia fixa”, a “imaginação deformada”.²⁹ Haveria uma diferença racial entre as formas de multidões: as latinas seriam mais “femininas”, enquanto as anglo-saxões seriam menos “femininas”. A raça desempenharia o fator principal para entender o funcionamento da multidão:

Esse fator, a raça, deve ser colocado em primeiro plano, pois só ele é mais importante que todos os outros. (...) O poder da raça é tamanho que nenhum elemento poderia passar de um povo a outro sem sofrer as mais profundas transformações.³⁰

A “raça” também impediria uma mudança abrupta na formação política de uma nação. Revoluções não teriam um sentido de transformação social, já que o mais importante seria o passado hereditário de um povo:

Um povo não escolhe instituições segundo sua vontade, assim como não escolhe a cor dos seus olhos ou dos seus cabelos. As instituições e os governos são produto da raça. (...) Logo, um povo não possui o poder de mudar realmente suas instituições. Pode decerto, ao preço de violentas revoluções, modificar o nome delas, mas o fundo não se modifica.³¹

Por último, e muito importante, a educação de um povo não faria maiores diferenças para o seu progresso institucional. Seria até mesmo perigosa:

Os estatísticos vieram confirmar essas afirmações [a instrução não torna o homem mais moral] mostrando que a criminalidade aumenta com a generalização da instrução (...); que os piores inimigos da sociedade, os anarquistas, costumam ser recrutados entre os melhores alunos das escolas.³²

Lobato fez comentários similares aos de Le Bon. Em 1905, numa carta a um amigo, o autor comentou o que seria o “fatalismo” brasileiro:

Corrigir uma sociedade, Tito, é uma cousa impossível, é cousa que nunca se viu. Há o fatalismo que os guia e dirige; (...) A mesma lei que faz a criança filha do negro sair, em quaisquer condições do meio e da cultura em que seja colocada, com a pele preta do pai, faz também uma raça conservar sempre os característicos morais dos seus antepassados. No caso individual só um sangue mais elevado, um sangue de raça mais superior, poderá transfundir

²⁸ Ibid, p. 36-37.

²⁹ Ibid, p. 42-43.

³⁰ Ibid, p. 80-81.

³¹ Ibid, p. 85-86.

³² Ibid, p. 89.

nos entes novos o germe da progressividade. (...) é pelo italiano e pelo alemão que esse vírus, essa vacina será lançada em nossas veias (...).³³

Nesta mesma carta, Lobato afirmou que o verdadeiro patriota deveria casar-se com uma italiana ou alemã e levá-la ao campo.

Não há dúvida alguma que Lobato, nesta carta, via na Europa, e nos brancos, uma raça mais preparada para o trabalho e para o desenvolvimento social. O autor não fazia diferença entre progresso e brancos – especialmente se fossem italianos. A aptidão ao trabalho, o espírito de iniciativa, moral e até mesmo a ambição seriam questões raciais – algumas raças teriam, outras não.

Seus contos deste período (1900-1904), escritos, em parte, para um jornal intitulado *Minarete*, propriedade de seu amigo, Benjamin Pinheiro, prefeito de Pindamonhangaba, tratam de inúmeros assuntos. Com exceção de “Outrora e hoje” (1900) e “Fuga dos Ideais” (1903) que eram de consumo interno da faculdade, Lobato não trata de nenhum tema que, mais tarde, seria a sua marca registrada: a crítica social. Em geral, seus contos são tragicômicos.

Há vários sobre histórias de caçadores, como: “Juro” (1903). Um conto (“O charuto”, 1903) no qual o personagem, para impressionar sua namorada começa a fumar - como resultado, não se sente bem e vomita na frente dela. “Rubis” (1903), enredo com duplo sentido. “Memórias de um velho” (1904), conto autobiográfico, no qual o narrador se imagina velho e lembrando dos tempos de estudante. “Tão ingênua” (1903): esposa trai o marido para observar se realmente iriam crescer chifres na cabeça do mesmo – não crescem e essa fica contente em não ter acreditado que algo do tipo poderia acontecer. “Um Giles moderno” (1905) inspirado na obra de E.T.A Hoffmann.

Os contos que trazem questões pertinentes para o pensamento do autor são: “Da Janela” (1903), “A todo transe” (1903), “Futebol” (1905), “Em Tigelópolis” (1906), e “Filosofias” (1907). A importância destes contos não é apenas pelo estilo literário, mas sim pelo uso de idéias, conceitos e palavras que mais tarde, Lobato iria empregar de forma mais elaborada, em seus romances e artigos.

Em “Da Janela” e “Em Tigelópolis”, há pela primeira vez, breves comentários sobre a influência estadunidense no Brasil. No primeiro conto é a chegada da dança *cake-walke*, que dividiu os homens em duas classes: os que adoram e os que odeiam, jovens e velhos:

³³LOBATO, Monteiro. **Cartas Escolhidas**: Volume I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 76.

Os velhos corroídos de reumatismo, de hemorróidas, de cabelos brancos, verdadeiras ruínas cheias de erva, vociferam contra o cake, a “escandalosa”, a “imoral”, a “pornográfica” dança do bolo, e são possuídos de cóleras surdas ao só pronunciamento desse nome.³⁴

Seria uma dança sem nenhuma comparação dentro do repertório:

É todo ele novo, inédito, originalíssimo; não herdou os movimentos fundamentais das danças antigas, para depois amoldá-los a uma aparência nova. Nasceu nos Estados Unidos; daí partiu à conquista do velho mundo, e em breve desfraldou a bandeira da vitória na Inglaterra.³⁵

O segundo conto trata da chegada do “to flirt”, uma “instituição exclusivamente ianque”. “Flirt” é flerte, mas Lobato o utiliza no original e o traduz como “grelar”. Este seria:

(...) uma correspondência, uma palestra íntima entre dois pares dolhos. Só, sem mais nada, sem conseqüências de espécie nenhuma. Se entrarem em cena os apertos de mão demorados, os contatos discretos, o diálogo dos pés, já o flerte deixa de o ser.³⁶

O importante nestes dois contos é a chegada de costumes vindos dos Estados Unidos, a utilização de termos como “instituição exclusivamente ianque” e da divisão entre gerações que novas formas sociais (como a dança) provocam.

Em relação ao seu próprio país, Lobato demonstra pessimismo. Pessimismo racial. No artigo “Futebol” o autor comenta como este esporte, recém chegado ao Brasil, seria um estimulante. Daria resistência, tática, calma e iniciativa. Deste viria, inclusive, a “superioridade do inglês e do americano”³⁷, os “modernos Alexandres”. Os “neolatinos” seriam uma raça degenerada e gasta. Teríamos falta de iniciativa, diferentemente dos povos anglo-saxões. Mas com a chegada do futebol, poderíamos aprender:

Iniciativa, esta qualidade que os sociólogos consideram a mola real da psíquica anglo-saxônica, a fonte de todas as conquistas sociais dessa raça, o seu coeficiente de superioridade sobre a raça latina, é também uma das que mais se açacalam no exercício do futebol.³⁸

³⁴LOBATO, Monteiro. Da Janela, In: LOBATO, Monteiro. **Literatura de Minarete**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 92.

³⁵Ibid, p. 92.

³⁶LOBATO, Monteiro. Em Tigelópolis. In: LOBATO, Monteiro. **Literatura de Minarete**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 228.

³⁷LOBATO, Monteiro. Futebol. In: LOBATO, Monteiro. **Literatura de Minarete**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 179.

³⁸Ibid, p. 180.

Lobato comenta o valor de estrangeiros nas terras brasileiras. Estes seriam agentes “progressistas”, em especial na cidade de São Paulo, onde impeliam o povo a “trabalhar, a mexer-se, a lutar”.³⁹ Conclui afirmando que o país precisa de menos bacharéis e mais homens lutadores.

Em “A todo transe” encontramos comentários similares. O Brasil seria filho de pais inferiores, destituído de caráter, diferentemente do inglês e alemão, “incapaz de continuar a se desenvolver sem o concurso vivificador do sangue dalguma raça original (...)”.⁴⁰ Outro tema relevante é a verdadeira “idade” do país: o Brasil seria um país novo, mas velho nos seus hábitos:

o nosso país se viu criança e já martirizando o cérebro com tarefas impróprias; imberbe e já de casaca; moço e já velho nos hábitos imitados das velhas civilizações ocidentais. Quis ombrear a sua civilização com a civilização do velho mundo, sem se lembrar que a civilização é uma para cada povo assim como a fisionomia é uma para cada indivíduo (...); a consequência foi brotar uma civilização incolor, morna, (...) instável, impregnada dos vícios das que lhe serviram de modelos e sem nenhuma das suas qualidades. Uma água de barrela dúbia e morna – é o que é a nossa civilização.⁴¹

No conto “Filosofias”, Lobato comenta o que seria a “civilização”. Esta é a acentuação da “dualidade humana”: o homem natural, versus o homem com obrigações religiosas (forma de tirania, falsificador de sua natureza) e de etiqueta.

Destruir a personalidade humana é o seu ideal, e reduzindo a humanidade a um *conglomerado homogêneo*, cada ser pensando e agindo do mesmo modo e ao mesmo tempo que o vizinho do lado.⁴² [grifos meus]

O conto também trata da importância dos “desviantes”, como, por exemplo, Voltaire e Nietzsche: “Que desinteressante não seria o mundo se despido dos grandes loucos, dos grandes transviados, dos grandes boêmios!”⁴³ Lobato admirava Nietzsche. Sua primeira leitura do autor se deu em 1904, em francês.⁴⁴ Chegou a traduzir a obra *Anti-Cristo* em 1910.⁴⁵ Para Lobato, Nietzsche “é um tanque desbravador de tudo, e tem

³⁹Ibid, p. 182.

⁴⁰LOBATO, Monteiro. A Todo Transe. In: LOBATO, Monteiro. **Literatura de Minarete**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 110.

⁴¹Ibid, p. 111.

⁴²LOBATO, Monteiro. Filosofias. In: LOBATO, Monteiro. **Literatura de Minarete**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 309.

⁴³Ibid, p. 310.

⁴⁴LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**: Tomo 1º. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. 56-57 p.

⁴⁵Ibid, p. 292.

a sublime coragem de nos dizer: Vade mecum? Vade tecum! Queres seguir-me? Segue-te!”.⁴⁶

1.2A invenção do Jeca Tatu.

Formado em Direito em fins de 1904, Lobato voltou a Taubaté. Passaram-se quatro anos da saída de Lobato da cidade. Foi recebido com festa, banda de música, oito discursos e fogos, todos encomendados pelo seu avô Visconde para comemorar a chegada do neto, recém-bacharel.⁴⁷

O autor, que já havia demonstrado em seus contos pouco-caso pela vida no interior paulista, sentiu-se perturbado pela vida que levava ali. Mesmo estando no topo da hierarquia social da época e de sua localidade, afirma, em suas cartas, estar no exílio:

Sinto-me rodeado de conspiradores; todos tramam o meu achatamento. Tudo quanto mais prezávamos – o nosso individualismo, etc.; é crime de lesa-aldeia, de que o vigário, os parentes e as mais ‘pessoas gradas’ nos querem curar.⁴⁸

A construção que Lobato fez do interior paulista em contradição com a cidade é um tema de extrema importância e duradouro no seu modo de compreender a realidade brasileira. Como vimos, o romance “Os Lambe-Feras” é uma provocação aos seus próprios leitores de Caçapava, já que nele, “interior” e “tédio” são sinônimos.

Neste momento, o sentimento geral de Lobato, ao retratar a sua passagem e vida em Taubaté, é de impaciência. Este afirma não conseguir levar a sério o “burguesismo” local, em especial, comparado com a sua antiga vida na cidade de São Paulo, com os seus cafés e o Minarete. Diz, em 1905, ao seu amigo Rangel, que seu processo de “burrificação” vai bem, que o interior arrasa uma pessoa em pouco tempo e que sua vida é um suicídio mental lento.⁴⁹ Lobato não ficaria muito tempo em Taubaté. Em 1907, possivelmente graças aos contatos de seu avô, conseguiu um emprego como promotor público em Areias (230 km de São Paulo).

Seria nesta cidade que pela primeira vez o autor iria desenvolver uma tese que marcaria a intelectualidade brasileira por longo período: o interior brasileiro foi falsificado pelos seus literatos românticos. Se inicialmente o interior era apenas o tédio,

⁴⁶Ibid, p. 155.

⁴⁷Ibid, p. 85.

⁴⁸Ibid, p. 85.

⁴⁹ Ibid, p. 95-96.

agora o interior representaria o embuste dos intelectuais que moravam na cidade e escreviam sobre a vida no interior.

Ao chegar a Areias, em 1907, Lobato, agora noivo, hospedou-se no mesmo quarto que um dia foi lugar de passagem de Euclides da Cunha. Notou que a cidade em si daria um livro euclidiano, dada a sua decadência.⁵⁰ O autor começaria a manter um diário com suas impressões da cidade, mais tarde publicados na *Revista do Brasil*, e depois, lançado no formato livro, intitulado *Cidades Mortas*.

Sua impressão da cidade de Areias é de decadência econômica, causada pelo monopólio do café na agricultura. Seu conto “Café Café”, de 1900, com seu personagem agricultor, monarquista, falido pela queda do preço do produto, sem empregados, com o mato dominando a antiga plantação, resume a crítica de Lobato.⁵¹

A cidade morta (construção literária de uma cidade similar às do norte de São Paulo, como Areias) na visão de Lobato, era a cidade da nostalgia, símbolo do progresso nômade brasileiro. Os ricos seriam decadentes, os jovens do sexo masculino cedo iriam embora, as garotas mais bonitas arranjariam um “promotorzinho” para casar, as senzalas estariam vazias, os agregados dispersos, os cafezais extintos, a fecundidade do solo pobre – já que não eram utilizados adubos – e esse estaria dominado pela saúva.⁵² O silêncio na cidade morta só seria quebrado pelos sons tradicionais: o sino da igreja, as enxadas, o fim das aulas e o carrinho da Câmara.⁵³

O texto mais importante deste momento é “A vida em Oblivion” de 1908. Aí pode ser encontrada em estado germinal a crítica central de Lobato aos literatos paulistas – a mesma crítica que faria em 1914, com o personagem Jeca Tatu. Segundo Lobato, o caipira não havia sido retratado com honestidade pelos escritores.

A vida literária na cidade de *Oblivion* estaria resumida a três livros: *La mare d’Auteuil* de Paul de Kock, uns volumes de *Rocambole*, e por último, a *Ilha Maldita* de Bernardo Guimarães. Este último livro deixou Lobato irritado:

Bernardo descreve a natureza como um cego que ouvisse contar e reproduzisse as paisagens com os qualificativos surrados do mau contador. Não existe nele o vinco enérgico da impressão pessoal. (...) Nossas desajeitadíssimas caipiras são sempre lindas morenas cor de jambo. Bernardo

⁵⁰ Ibid, p. 167.

⁵¹ LOBATO, Monteiro. Café Café. In: LOBATO, Monteiro. **Cidades Mortas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 177.

⁵² LOBATO, Monteiro. Cidades Mortas. In: LOBATO, Monteiro. **Cidades Mortas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 3-7.

⁵³ LOBATO, Monteiro. Os perturbadores do silêncio. **Cidades Mortas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 15-16.

falsifica o nosso mato. Onde toda a gente vê carrapatos, pernilongos, espinhos, Bernardo aponta doçuras, insetos maviosos, flores olentes. Bernardo mente.⁵⁴

A partir deste momento Lobato iria demonstrar um sentimento de superioridade estética em relação a outros autores (como José de Alencar e Bernardo Guimarães) em razão de sua vivência *in locus* no interior do Brasil. Ele, Lobato, teria a capacidade de separar a “mentira literária” da verdade. No centro desta disputa intelectual não estaria nem o mato com seus insetos maviosos, muito menos as flores olentes. O centro da questão seria a representação do caboclo, o homem do campo e do interior, feito pelos românticos.

Para Antônio Cândido e J.A. Castello, o romantismo no Brasil foi um movimento singular:

Na literatura brasileira, o movimento romântico adquiriu um reflexo excepcional. Coincide com o movimento decisivo da definição da nacionalidade, com propósito expressos de reconhecer e valorizar o nosso passado histórico, embora recente, as nossas origens americanas, as tradições e lendas esboçadas, e de investigar o nosso folclore.⁵⁵

Seria contra uma “definição da nacionalidade” – o indianismo e o caboclo – que Lobato lançaria um manifesto.

Com a morte de seu avô Visconde em 1911, Lobato recebeu como herança uma fazenda na Serra da Mantiqueira (SP). Deixaria de ser promotor em Areias, para se tornar membro da elite cafeeira paulista – é justo definir Lobato como membro empobrecido desta.

Nesta fazenda, uma ideia (a falsificação do caboclo pelos românticos) ganharia nome próprio: Jeca Tatu. O nascimento deste personagem que dividiria a intelectualidade nacional apareceu pela primeira vez em fevereiro 1912, quando Lobato mandou uma carta a Rangel questionando-o:

Já te expus a minha teoria do caboclo, como o piolho da terra, o Porrigo decalvans das terras virgens? Ando a pensar em coisas com base nessa teoria, um livro profundamente nacional, sem laivos nem sequer remotos de qualquer influência européia.⁵⁶

⁵⁴LOBATO, Monteiro. A Vida em Oblivion. In: LOBATO, Monteiro. **Cidades Mortas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 11-12.

⁵⁵ANTONIO, Candido; CASTELLO, J.A. **Das Origens ao Romantismo**. Rio de Janeiro: Difel, 1976. p. 214.

⁵⁶LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**: Tomo1º. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 326.

Gostaria de ressaltar que este desprezo pelo caboclo (e a forma que ele era retratado na literatura romântica) é anterior ao Lobato fazendeiro - vem de Areias. O que torna a sua passagem como fazendeiro tão importante é que foi deste local que Lobato desenvolveu com mais cuidado a sua ideia do caboclo, dando-lhe um verniz de crítica literária e racial. Dali, também, lançou o seu manifesto.

Devemos analisar de que forma Lobato foi desenvolvendo a sua criação literária. Em outras palavras: devemos entender o que Lobato estava “fazendo” no momento de sua confecção e se possível, qual era a sua intenção em 1914. Skinner observa como pode ser perigoso estudar apenas aquilo que o autor “disse”, sem levarmos em conta o contexto social e linguístico do período. Nossos preconceitos e expectativas atuais poderiam criar “mitologias”.

A “mitologia” seria um equívoco de interpretação do historiador da real intenção do autor no momento em que este escrevia e lançava a sua obra. Analisar a intenção de um autor, não significa entender apenas o que ele disse, mas também o que ele não poderia ter dito. Como afirma Pocock, a tentativa de compreender a intenção do autor tem propósitos destrutivos e não construtivos:

[a intenção] Era destinada a colocar fora de consideração as intenções que o autor não poderia ter concebido ou levado a efeito porque não disporia da linguagem em que elas pudessem ser expressas, o que o levaria, por conseguinte, ao emprego de alguma outra linguagem que articulasse e realizasse outras intenções.⁵⁷

Entender o que o autor estava “fazendo” significa analisar a sua estratégia: o que pretendia obter, o que estava tramando?⁵⁸ Para Skinner, isto seria um método alternativo ao “textualista” que daria maior importância à leitura isolada do texto. Afirma:

O que, exatamente, o procedimento aqui proposto nos permite identificar nos textos clássicos que não se possa encontrar à sua mera leitura? A resposta, em termos genéricos, penso eu, é que ele nos permite definir o que seus autores estavam *fazendo* quando os escreveram. Podemos começar assim a ver não apenas que argumentos eles apresentaram, mas também as questões que formularam e tentaram responder, e em que medida aceitavam e endossavam ou contestavam e repeliavam, ou às vezes até ignoravam (...) as idéias e convenções então predominantes no debate público. Não podemos esperar atingir esse nível de compreensão estudando tão-somente os próprios textos. A fim de percebê-los como respostas a questões específicas, precisamos saber algo da sociedade na qual foram escritas.⁵⁹

⁵⁷POCOCK, J.G.A. **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: Edusp, 2003. p. 28.

⁵⁸Ibid, p. 28.

⁵⁹ SKINNER, Quentin. **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.p. 13.

O sentimento de Lobato com seus empregados rurais era de frustração. O que torna a situação um pouco problemática é que Lobato afirmou não ter muito contato com estes mesmos empregados, lidando apenas com um intermediário: o administrador da fazenda, provavelmente um capataz.⁶⁰

Entretanto, com a demissão do administrador da fazenda, em maio de 1914, esta situação mudou. Há uma pequena história sobre a demissão do administrador que vale a pena ser contada. Depois da demissão, o administrador pediu uma semana para ir embora da fazenda. Durante todo este período planejou uma pequena vingança contra Lobato: ameaçou e convenceu todos os empregados rurais a irem embora da fazenda, como forma de protesto. O objetivo era impedir a colheita, já que o fazendeiro ficaria sem mão-de-obra. Os empregados aceitaram a ameaça e prepararam o êxodo, sem contar nada ao chefe. Lobato só descobriu isso com a chegada dos carros de boi, ao questionar um de seus empregados do motivo da comoção.

Seu antigo administrador havia arranjado outra fazenda para os seus caboclos, e só iria trazê-los de volta em caso de recontração. Como insulto maior, o administrador iria voltar à fazenda no dia seguinte, para ver se todos haviam cumprido com o seu plano. A reação de Lobato foi de fúria. Ao conversar com o caboclo, ameaçou matar seu antigo administrador caso este voltasse à fazenda. A ameaça provavelmente chegou até seu antigo administrador, já que este não voltou para fazer a inspeção. Seus empregados resolveram ficar, intimidados com a reação de Lobato.⁶¹

Outro fato de grande importância foi o incêndio nos arredores de sua fazenda, no mesmo ano. Numa carta a Rangel, datada de 20/10/1914, o autor comenta mais uma vez a sua difícil relação com os seus empregados e como desta estaria saindo um romance ou conto:

(...) gesto uma obra literária, Rangel, que, realizada, será *algo nuevo* neste país vítima duma coisa: *entre os olhos dos brasileiros cultos e as coisas da terra há um maldito prisma que desnatura as realidades*. E há o francês, o maldito macaqueamento do francês. Nesta obra aparecerá o caboclo como o piolho da serra (...). Atualmente estou em luta contra quatro piolhos desta ordem – “agregados” aqui das terras. (...) Meu grande incêndio de matas deste ano a eles o devo. Estudo-os. Começo a acompanhar o piolho desde o estado de lêndea, no útero duma cabocla suja por fora e inçada de superstição por dentro.⁶²

⁶⁰LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**: Tomo 1º. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 332.

⁶¹Ibid, p. 352.

⁶² Ibid, p. 362-363.

Foi nesse contexto de irritação que Lobato lançou o seu artigo, intitulada “Velha Praga”. O alvo de sua crítica não era o caboclo, ou o incêndio na Serra, como pode parecer em primeira vista, mas sim a escola romântica e seus literatos. Sua provável intenção era desmascarar a “falsidade” do romantismo, como deixa claro em suas cartas:

A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos. (...) O romantismo foi todo ele uma tremenda mentira; e morto o indianismo, os nossos escritores o que fizeram foi mudar a ostra. (...) Em vez de índio, caboclo.⁶³

O artigo “Velha Praga” foi lançada em 12 de novembro de 1914 no jornal *O Estado de São Paulo*. Apenas seis meses depois de sua disputa com o administrador, e dias depois do começo do incêndio. Em 23 de dezembro de 1914, lançou o segundo artigo, “Urupês”, tratando do mesmo tema e no mesmo jornal.

Há uma questão interessante na forma que o primeiro artigo foi publicado. Lobato mandou-o por carta para ser publicado num segmento intitulado “Queixas e Reclamações”. Porém, o editor do *Estado de São Paulo*, ao lê-lo, achou a carta muito bem escrita. Resolveu dar maior destaque, publicando-o no corpo da folha, fora do segmento proposto por Lobato.⁶⁴ Este relato pode muito bem ser uma anedota criada por Lobato ou Cavalheiro. Afinal, ele era um colaborador do mesmo jornal – tradutor de textos em inglês – não sendo um fazendeiro totalmente desconhecido na redação. Mesmo sendo uma possível anedota, o sentido e a intenção que Lobato gostaria de ter dado ao artigo foi transformado pela ação do editor. Se a intenção do autor era fazer uma denúncia contra o caboclo e o incêndio, o editor fez esta ganhar muito mais importância do que uma simples carta de um leitor irritado. É um trabalho de mera suposição saber o que teria ocorrido se a vontade de Lobato tivesse sido realizada. Poderia ter sido ignorada pelos leitores, por exemplo.

No primeiro parágrafo do primeiro artigo, Lobato definiu a que veio:

Andam todos em nossa terra por tal forma estonteados com as proezas infernais dos belacíssimos ‘vons’ alemães, que não sobram olhos para enxergar males caseiros. Venha, pois, uma voz do sertão dizer às gentes da cidade que se lá fora o fogo da guerra é implacável, fogo não menos

⁶³ Ibid, p. 364-365.

⁶⁴ CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: Vida e obra: Tomo I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p. 151.

destruidor devasta nossas matas, com furor não menos germânico. A Serra da Mantiqueira ardeu como ardem aldeias na Europa (...).⁶⁵

Como observa Chiarelli: “Lobato é a ‘voz do sertão’, mas é a voz do *proprietário* do sertão, daquele que vê em seu agregado o responsável pelos seus males de fazendeiro, e por isso o compara a um parasita.”⁶⁶ Isso não significa, é claro, que quando Lobato escreveu os dois artigos, estava apenas “refletindo” a opinião da classe dominante de sua época. Vale lembrar que a crítica aos artigos viria desta mesma classe social. O que procuro mostrar com esta citação é que as relações de Lobato com os seus agregados não podem ser ignoradas na construção do personagem Jeca Tatu.

Ironizando os brasileiros que só tinham olhos para a guerra na Europa, Lobato pretendia trazer à tona a “realidade” nacional esquecida ou mascarada pelos intelectuais. Procurando responder quem seria o responsável pelo incêndio, Lobato chega a uma questão racial:

A nossa montanha é vítima de um parasita, um piolho da terra, peculiar ao solo brasileiro como o “Argas” o é aos galinheiros ou o “Sarcoptes mutans” à perna das aves domésticas. (...) Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização (...). À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado (...), vai ele refugindo em silêncio (...) de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna.⁶⁷

No artigo, o caboclo recebe vários nomes: Jeca Tatu, Manoel Peroba, Chico Marimbondo. Estes são descritos tendo uma característica animalesca: são nômades, parasitas, tem filhotes (filhos), brotam da terra como um urupê e sua moradia, de tão precária pareceria uma obra da natureza. Para esta dissertação, não podemos ignorar que a crítica de Lobato possivelmente é racial. Seu comentário sobre a importância do italiano no campo brasileiro é a crença na superioridade racial do mesmo sobre o caboclo.

Por que “raça” e não superioridade “cultural”? A resposta é que o estudo sociológico e histórico, pautado pela “cultura”, ainda não era o predominante no Brasil. Ao menos não em 1914. Raça ainda era a forma mais apropriada entre intelectuais de analisar a realidade brasileira, especialmente criando um contraponto com a Europa. Neste ponto, Lobato só estava sendo coerente com o seu período histórico. Em 1933,

⁶⁵LOBATO, Monteiro. Velha Praga. In: LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Editora Globo, 2008. p. 159.

⁶⁶CHIARELLI, Tadeu. **Um Jeca nos Vernissages**. São Paulo: Edusp, 1995. p. 110.

⁶⁷LOBATO, Monteiro. Velha Praga. In: LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Editora Globo, 2008. p. 160-161.

com a publicação de *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, a análise cultural ganhou fôlego. Porém, Freyre entrou em contato com a antropologia cultural não no Brasil, mas sim nos Estados Unidos, influenciado pelo antropólogo americano Franz Boas. O conceito “cultura” não aparece nos escritos *adultos* de Lobato – no máximo “mentalidade”, a partir de 1920. De forma alguma, com esta afirmação, é fechado o debate se o atraso do Jeca Tatu é apenas racial. Seria uma atitude arrogante decretar que outros pontos de vistas estão errados.

Em “Urupês”, o autor procurou definir e descrever melhor o seu personagem. Ficaria conhecido apenas como Jeca Tatu. Nele, ironiza publicamente José de Alencar e sua escola pela primeira vez:

Por felicidade nossa (...) não os viu Alencar; sonhou-os qual Rousseau. (...) A sedução do imaginoso romancista criou forte corrente. Todo o clã plumitivo deu de forjar seu indiozinho refogado de Peri e Atala. Em sonetos, contos e novelas, hoje esquecidos, consumiram-se tabas inteiras de aimorés sanhudos, com virtudes romanas por dentro e penas de tucano por fora. O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado. Crismou-se de “caboclismo”.⁶⁸

O Jeca Tatu não teria nenhuma virtude, apenas defeitos: votaria somente no governo, seria supersticioso, não compreenderia a idéia de Deus, tendo-O como um coronel, sua raça seria incapaz de evolução. Não conheceria e não produziria nenhuma forma de arte.

A condição “vegetal” do Jeca seria possibilitada pela sua forma de produzir a existência, segundo Lobato. A mandioca, que por ser fácil de produzir (plantar, colher e lançar sobre brasas) permitiria uma vida preguiçosa.⁶⁹ Lobato ironiza que se houvesse mandioca na Inglaterra, os seus habitantes atuais estariam “mariscando de peneira no Tamisa”.⁷⁰ Logo, o que o autor critica, a “lei do menor esforço” é a ideia que o “Jeca” vive apenas da subsistência mínima para se reproduzir enquanto homem.

Há certa similaridade entre isto e a noção de “tradicionalismo” em Weber. Como este afirma, o “tradicionalismo” seria um obstáculo ao capitalismo moderno. O tradicionalismo, conforme descrito por Weber seria o inimigo histórico da mentalidade econômica capitalista moderna.⁷¹ O modelo dado por Weber, para descrever o “tradicionalismo” é o seguinte: para aumentar a produtividade do trabalho, os

⁶⁸LOBATO, Monteiro. Urupês. In: LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Editora Globo, 2008. p. 167-168.

⁶⁹Ibid, p. 172.

⁷⁰Ibid, p. 172.

⁷¹WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.p.51.

empresários decidiram aumentar o rendimento pago ao trabalhador por tarefa. Mas o que ocorreu foi o inverso do imaginado: uma diminuição da produção. Ou seja, ganhar mais não atraía o trabalhador, mas sim manter o mesmo nível de renda de sempre: quanto devo trabalhar para ganhar a mesma quantia que recebi até agora e que cobre as minhas necessidades tradicionais?⁷² Weber, ao exemplificar o “tradicionalismo”, dá ênfase especial ao trabalhar rural e sua relação com o empresário capitalista – o primeiro buscando manter o mesmo padrão de vida e o segundo, procurando aumentar sua produção. Lobato não havia lido Weber neste momento. Logo, como dito acima, são questões similares e não equivalências. Porém, a relação de Lobato com os seus agregados parece estar dentro deste contexto: atraso (caboclo) e avanço (fazendeiro, italiano). Devemos tomar o cuidado de notar que o que sabemos da relação do autor com os seus empregados veio de suas cartas a Rangel. Não sabemos o que o “Jeca Tatu” pensava de Lobato: suas reclamações e observações.

O impacto dos artigos não foi imediato. Segundo as contas de Lobato, o jornal tinha cerca de 40 mil assinaturas no momento.⁷³ Um número expressivo, mas não o bastante para torná-lo nacionalmente conhecido. Sem dúvida, sua condição de fazendeiro “desconhecido” no inteiro paulista certamente mudou. Recebeu, depois da publicação dos contos, a oportunidade de trabalhar regularmente como colaborador para o jornal *Estado de São Paulo*.

Podemos dividir a “descoberta” do Jeca em três partes. A primeira, já exposta, foi o seu lançamento no jornal paulista. A segunda, possivelmente no início de 1915 foi a sua republicação em outros jornais pelo Brasil. Sessenta, ao todo, segundo Campos.⁷⁴ A terceira foi a publicação do conto em livro. Para Cavalheiro, foi no formato livro que deu-se a fama do personagem e a sua crítica no meio intelectual.⁷⁵ O livro *Urupês* foi lançado em 1918. Em setembro do mesmo ano já estava sendo preparada a sua 4^o edição. Em julho de 1919 estava na 5^o edição.

Parte do sucesso de Jeca veio com a ajuda do político e presidenciável Rui Barbosa. Num discurso, em 20 de março de 1919, no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, Barbosa comentou o significado da nacionalidade com a existência do Jeca Tatu. Neste discurso Barbosa começou taxando Lobato de “admirável escritor” para logo depois

⁷²Ibid, p.52-53.

⁷³LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**: Tomo 2^o. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 13.

⁷⁴CAMPOS, André Luiz Vieira. **A República do Picapau Amarelo**: uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986. p. 16.

⁷⁵CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: Vida e obra: Tomo I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p. 165.

criticá-lo. O que torna esse discurso tão importante, é que para Barbosa, o Jeca Tatu seria a expressão literária de uma questão de classe social. Disse à plateia:

Não sei bem, senhores, se, no tracejar deste quadro, teve o autor [Lobato] só em mente debuxar o piraquara do Paraíba e a degenerescência inata da sua raça. (...) o gênio do artista, refletindo alguma coisa do seu meio, nos pincelou, consciente, ou inconscientemente, a síntese da concepção que tem da nossa nacionalidade os homens que a exploram. Se os pecos mandachuvas deste sertão mal roçado, que se chama Brasil, o considerassem habitado, realmente, de uma raça de homens, evidentemente não teriam a petulância de o governar por meio de farsanterias (...).⁷⁶

Segue afirmando que o Brasil não era formado por essas “criaturas taradas”, mas sim pelas pessoas que estavam reunidas no Teatro, acompanhando o discurso. Seria surpreendente se Barbosa, presidenciável, afirmasse o contrário. O que torna a observação de Barbosa pertinente é que, como membro da elite, possivelmente sabia como os seus pares viam os pobres: de forma depreciativa.

No dia seguinte, o discurso foi reproduzido na primeira página do jornal *O Estado de São Paulo*. Segundo Lobato:

O discurso do Rui foi um pé de vento que deu nos Urupês. Não ficou um para remédio, dos 7000! Estou apressando a quarta edição, que irá do oitavo ao décimo segundo milheiro.⁷⁷

O sucesso comercial não evitou mais críticas ao personagem Jeca Tatu. Este não teve uma recepção unânime na época da sua publicação. Leonidas de Loyola, em 1919, publicou *Urupês e o sertanejo brasileiro*. Neste pequeno livro, Loyola afirmou que o Jeca é um caso paulista e não nacional. Afinal, Lobato não conheceria nem o gaúcho nem o jagunço. Se o Jeca era um doente, que fosse dada assistência médica a ele:

Ainda mesmo restricta a questão ao caipira paulista, resta saber si elle [Jeca] com os recursos de que dispõe poderia ter feito mais do que fez. Parece-nos que não. (...) Pobre, analphabeto, roído de vermes, ignorante, agricultor de methodos rudimentares e barbaros, o matuto não poderia ter feito mais do que fez. Qual a iniciativa que póde ter um homem rude e ignorante, doente e insulado no deserto? “Jeca Tatu” é victima e como tal precisa mais de defeza do que de ataque.⁷⁸

Num assunto muito pertinente na época, Loyola viu uma contradição (o autor utiliza o termo “divórcio eterno”) entre o interior e a cidade brasileira. O homem que

⁷⁶BARBOSA, Ruy. A Questão Social e Política no Brasil. *Ciência & Tópico*: José Bento Monteiro Lobato. Recife, Volume 9, Número 2, p. 172-173, Jul/Dez de 1981.

⁷⁷LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*: Tomo 2º. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 194.

⁷⁸LOYOLA, Leonidas. *Urupês e o Sertanejo brasileiro*. 1º edição. 1919. p. 11.

vive no campo vê no homem da cidade um vagabundo. O homem que mora na cidade vê no homem do interior um bandido. Apenas com o conhecimento mútuo seria possível um entendimento.⁷⁹

Por isso a ação de Monteiro Lobato, com os seus artigos, em nossa opinião, foi tão nociva para alguns intelectuais. Lobato confirmou com sucesso todos os preconceitos que as pessoas da cidade tinham do caboclo. É isto que Loyola procurou combater. Para este, o Jeca não era uma realidade, mas sim uma caricatura:

Ora, o que fez o renome de “Urupês” foi a figura caricatural de “Jeca Tatu” com que o sr. Monteiro Lobato pretendeu symbolisar o sertanejo brasileiro. Foi infeliz na sua tentativa o sr. Monteiro Lobato. Em primeiro lugar, porque a caricatura, que consiste na deformação, no augmento ou diminuição dos traços picturaes, não póde, em absoluto, servir de symbolo á uma raça.⁸⁰

Diferente do texto de Lobato, Loyola utilizou de várias disciplinas para negar a existência do Jeca em todo o território nacional, como: história, geografia, antropogeografia e medicina. Loyola comenta, num parágrafo apenas, a falta de patriotismo de Lobato.

A crítica mais famosa a Lobato veio de Ildefonso Albano, deputado cearense, com o seu personagem, atualmente desconhecido, Mané Chique-Chique. O livro, intitulado *Jeca Tatu*, publicado possivelmente em 1920, é a crítica da crítica, dedicado à “gloriosa memória de José de Alencar, através de cujos romances Iracema suspira e canta a jandaia.” Seu prefácio foi escrito por Mário de Alencar, filho do escritor.

Neste, Mario de Alencar afirma que Lobato exagerou na sua criação. O Jeca Tatu seria um caso isolado, paulista e não representaria a situação do Brasil inteiro:

O indivíduo miserável, observado em Jeca Tatu, é um mero acidental de um ponto de solo insalubre ou de um momento adverso. Generalizando-o a todo Brasil é um erro de sociologia leviana ou uma cincada de política inconsciente.⁸¹

Se a crítica de Lobato era racial, isso significaria que todos os brasileiros seriam também Jecas:

(...) a existir racialmente um Jeca Tatu, tinham sido Jecas Tatús os seus colaboradores na Constituinte e na imprensa, eram Jecas Tatús os seus partidários, e em todas as partes do país e em todas as classes, no governo e

⁷⁹Ibid, p. 14-15.

⁸⁰Ibid, p. 33-34.

⁸¹ALENCAR, Mario de. Prefácio. In: ALBANO, Ildefonso. **Jeca Tatu**. 1º edição. Rio de Janeiro: Livraria Araujo, 1920. p. III.

no parlamento, os havia, felizes ou infelizes, fortes ou fracos, segundo a boa ou má estrela de cada um.⁸²

Observa, com muito acerto, que o Mané Chique-Chique poderia ser entendido como a legitimação de Jeca Tatu, já que o primeiro morava no Nordeste, enquanto o segundo no Sul. Por último, afirma que Lobato era um escritor impressionista a serviço de um político – Rui Barbosa.

O Mané é o irmão de Jeca e seu oposto na vida rural. O livro é dividido em nove capítulos: *Os manos Jeca e Mané*, *Mané lavrador*, *Mané Vaqueiro*, *Mané Jangadeiro*, *Mané Seringueiro*, *Outras atividades de Mané*, *Mané Social*, *Mané poeta*, *Mané e a seca*. Albano descreve essas atividades do caboclo sempre procurando desqualificar o Jeca Tatu. Em nenhum momento Albano acusa Lobato de não ser patriota.

O Mané seria rude, tenaz, resistente, sóbrio, honesto. Preferiria o terreno árido. Seria trabalhador: “Enquanto o Jeca está de cócoras, Mané Chique-Chique, no seu roçado, vasto a perder de vista, lavra o solo, fecundando-o com o suor de seu rosto”.⁸³ Levava uma vida agitada no campo: “Enquanto Jeca vegeta acorocado, Mané, de gibão e chapéu de couro, leva a vida agitada do campo; montando no seu cavalo (...).”⁸⁴ Num tema ausente nos contos de Lobato, o Mané seria explorado:

Além de perseguido pela natureza, Mané Chique-Chique é explorado pelo proprietário do seringal, insaciável e perverso, que lhe impõe um regulamento leonino e o rouba nos fornecimentos e no preço da borracha colhida.⁸⁵

Temos que nos perguntar o porquê da vitória de Lobato sobre Leonidas de Loyola e Ildefonso Albano. Jeca Tatu é um adjetivo popular, possível de ser encontrado em qualquer dicionário. Por que não o Mané Chique-Chique?

Podemos supor que quando Lobato lançou o seu artigo “Velha Praga”, ele criou um personagem-síntese de seu momento histórico. O que os críticos de Lobato não tinham ao seu lado era o *zeitgeist* da sociedade brasileira, em especial de parte da classe dirigente – como salientou Rui Barbosa em 1919. Segundo Sevcenko:

(...) ao contrário do período da Independência, em que as elites buscavam uma identificação com os grupos nativos, particularmente índios e mamelucos – era esse o tema do indianismo -, e manifestavam ‘um desejo de ser brasileiro’, no período estudado, [início da República] essa relação se

⁸²Ibid, p. II.

⁸³ALBANO, Ildefonso. **Jeca Tatu**. 1^o edição. Rio de Janeiro: Livraria Araujo, 1920. p. 11.

⁸⁴Ibid, p. 23.

⁸⁵Ibid, p. 41.

torna de oposição, e o que é manifestado podemos dizer que é ‘um desejo de ser estrangeiro’.⁸⁶

A contradição da cidade com o interior, do italiano com o caboclo, a preguiça do homem do campo, a superstição do interiorano, todos esses temas serviam para tornar os dois artigos mais atrativos em seu período e ao seu grupo destinatário. Sua vitória não era inevitável. Não é este o ponto. Mas podemos dizer que Lobato partiu adiantado na disputa pela definição de nossa nacionalidade no início da República. Não podemos ignorar também que Lobato estava escrevendo de São Paulo, mantinha boas relações com o principal jornal do Estado e era um homem rico.

Outra questão que ajudou na vitória *a posteriori* do personagem Jeca Tatu, foi a forma que os estudiosos de Lobato trataram tanto o personagem em si, como os literatos que negaram a sua existência. Comentando o personagem criado por Lobato, Cavalheiro afirma que este não era uma criação fictícia, mas sim um fato:

Quando os nossos escritores olhavam o campo, desnaturavam a realidade, macaqueando o ‘maldito francês’. Em “Urupês” não havia nada disso. Existia, isto sim, a realidade, a dura e triste realidade.⁸⁷

Em relação aos intelectuais que criticaram na época da publicação o Jeca Tatu, Nunes comenta: “Em *Urupês*, a apresentação do Jeca Tatu, protótipo do caboclo negativo, despertou o protesto dos patriotas de plantão. Houve opúsculos literários em defesa do caboclo e contra Monteiro Lobato.”⁸⁸ Na biografia *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia* há a seguinte passagem:

Reproduzidos em outros jornais e mais tarde enfeixados em livro, os dois artigos [Velha Praga e Urupês] de Lobato acabaram repercutindo no país (...) gerando polêmica. Não tardou para que diversas personalidade ultrajadas em seus brios patrióticos viessem a público desmoralizar a criação lobatiana.⁸⁹

O Jeca Tatu não pode ser taxado de “fato” e seus detratores não foram a público apenas por uma questão patriótica – mesmo o patriotismo sendo um dos temas do romantismo. O Jeca é uma criação literária, tão fictícia quando o personagem Arnaldo,

⁸⁶ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Cia das Letras, 2009. p. 51.

⁸⁷ CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: Vida e obra: Tomo I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p. 195.

⁸⁸ NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato**: O editor do Brasil. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2002. p. 13.

⁸⁹ AZEVEDO, Carmen L; CAMARGOS, Márcia; SACCHETA, Vladimir. **Monteiro Lobato, Furacão na Botocúndia**. São Paulo: Editora Senac, 2001.p.61.

de José de Alencar, em *O Sertanejo*. Lobato referia-se à sua criação como uma obra literária, não um artigo científico.

Logo, o Jeca Tatu não era uma realidade, caracterizado com perfeição por Lobato. Foi uma criação literária negando outra criação literária – uma disputa em torno da ficção e o que esta significava no Brasil do início do século XX. A disputa entre Jeca e o Mané Chique-Chique não foi entre “crítico social” versus “patriota ofendido”. Foi, novamente, uma disputa literária, tendo o romantismo como adversário/referência: Lobato como seu crítico e Ildefonso Albano como defensor.

Não devemos esquecer que a principal crítica de Lobato ao romantismo não faz nenhum sentido dentro do campo literário. Em nenhum momento José de Alencar se propôs a retratar o caboclo ou a paisagem como “realmente era”. A escola romântica e os romances José de Alencar são, na opinião de Cândido e J.A. Castello, a “realidade idealizada” – dão apenas a “ilusão do verdadeiro, real e acontecido.”⁹⁰ Alencar era um escritor ligado a uma escola literária que valorizava outras questões, pertinentes em sua época e não mais na época de Lobato. Cândido, ao definir parte da obra de Lobato, vê nele um “naturalismo já superado”.⁹¹ Esse naturalismo foi o “guia” do autor contra o que, novamente, Cândido intitula a “tendência hiperbólica” da literatura brasileira.⁹²

1.3 A busca do verdadeiramente brasileiro: Do Saci à redenção do Jeca Tatu.

É surpreendente que Lobato, em dezembro 1917, apenas três anos depois de escrever os seus dois artigos contra o caboclo, não veja mais na sua própria criação, o Jeca Tatu, um mal a ser apagado pelo italiano. O autor estava, na realidade, “convencido de que o Jeca Tatu é a única coisa que presta neste país”.⁹³

O que ocorreu nestes três anos? Há dois pontos. O primeiro ponto é a aversão que Lobato sentia pela França. Toda a sua obra do período passado (e presente) transpõe revolta pela incapacidade dos brasileiros de olharem para questões nacionais sem imitar os franceses. Lobato chegou mesmo a apoiar a Alemanha na Grande Guerra e escreveu contos ridicularizando a perseguição à língua alemã no Brasil. Em suas

⁹⁰ ANTONIO, Cândido; CASTELLO, J.A. *Das Origens ao Romantismo*. Rio de Janeiro: Difel, 1976. p. 212.

⁹¹ CÂNDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010. p.84.

⁹² CÂNDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010. p. 23.

⁹³ LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*: Tomo 2°. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 160.

cartas ao seu colega Rangel, o autor critica, em março de 1915, os seus colegas do jornal *Estado de São Paulo*, pelo apoio à França:

Estou de mal com a França em tudo – e sabe por quê? Porque a rodinha do *Estado* é aliadofia demais, fora de toda conta e medida. (...) Ando meio enjoado do *Estado*, daquela gravidade conselheiral. Eles se têm como o umbigo do universo (...).⁹⁴

O segundo ponto é que o Jeca Tatu agora seria entendido, por Lobato, como uma criação verdadeiramente brasileira. Não haveria nada de francês nele. Por esta mesma razão, este deveria ser valorizado pelos intelectuais nacionais. Não podemos separar este debate da década de 1920 no Brasil. Como observa Lahuerte, a década de 20 foi, para os intelectuais, uma época de busca do genuinamente brasileiro e de contato com temas populares.⁹⁵ Para Lahuerte, este encontro entre intelectuais modernistas e questões populares passou pela busca do “exótico” dos primeiros e na tentativa de “construir a Cultura Nacional”.⁹⁶

Uma mitologia verdadeiramente brasileira, no caso específico do Saci Pererê, deve ser entendida dentro deste quadro de busca do novo e do nacional. O que despertou o interesse de Lobato num personagem como o Saci foi uma visita ao parque Jardim da Luz, em 1916, em São Paulo. Ao ver anões de gorro, trajados à alemã, em pleno verão, o autor viu nisto a nossa “profunda covardia estética” como nação. Em vez de um anão, deveria haver um Saci ali.⁹⁷

Lobato merece muito crédito pela redescoberta deste personagem negro e rural. Não é exagero nenhum afirmar que o Saci só ganhou fama nacional pelo trabalho de Lobato como jornalista. Sua ideia foi utilizar o jornal *Estadinho* (versão vespertina do Estado de São Paulo) para pedir que seus leitores mandassem cartas contando e descrevendo:

- Sobre a sua concepção pessoal do Saci; como a recebeu na sua infância; de quem a recebeu; que papel representou tal crendice na sua vida etc.;

⁹⁴Ibid, p. 22.

⁹⁵LAHUERTE, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: LORENZO, Helena Carvalho de. e COSTA, Wilma. (Org). **A década de 20 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora Unesp, (?). p.95.

⁹⁶LAHUERTE, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: LORENZO, Helena Carvalho de. e COSTA, Wilma. (Org). **A década de 20 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora Unesp, (?). p. 97.

⁹⁷LOBATO, Monteiro. **O Saci-Pererê: Resultado de um Inquérito**. São Paulo: Editora Globo, 2008.p. 29.

- Qual a forma atual da crendice na zona em que reside;
- Que histórias e casos interessantes, ‘passados ou ouvidos’, sabe a respeito do Saci.⁹⁸

Com o título de “Mitologia brasílica”, em janeiro de 1917, o inquérito foi dado ao público. Na apresentação, Lobato afirma que a mitologia grega é a ligação entre Homero e o povo de sua época. Do povo viria a lenda, não do Trianon, sede da Academia.⁹⁹

A reação dos leitores foi boa. Não sabemos exatamente quantas cartas chegaram à redação. Os depoimentos não são coerentes sobre a personalidade do Saci. Ora é um personagem que faz pequenas obras de maldade (um pregador de peças), ora é um personagem que persegue crianças malvadas, punindo-as. Para alguns, federia a enxofre, seria um excelente montador de cavalo e teria um furo na mão. Sugaria o sangue dos animais à noite. Todos são unânimes na sua cor negra.

Lobato, com a ajuda do jornal *Estado de São Paulo*, montou e participou como jurado, em 1917, dum concurso artístico cujo desafio era retratar esta criatura mística. Atualmente, qualquer brasileiro tem uma ideia formada do Saci. Mas vale ressaltar que na época não havia nada além dos depoimentos.

Lobato organizou as cartas e pinturas do concurso e publicou-as em livro: *Saci-Pererê, Resultado de um Inquérito*. O livro não tinha o nome de Lobato, foi dedicado ironicamente ao Trianon e com afeição à Tia Esméria. A primeira edição, publicada no início de 1918, tinha 5.300 exemplares – todo o processo foi bancado por Lobato.¹⁰⁰ Em julho de 1918, Lobato já estava comentando a venda da 2ª edição.¹⁰¹

O Saci não deve ser visto apenas como uma tentativa de valorizar em si uma criação rural e de cor negra. Mas sim como o nosso “7 de setembro estético” – a busca do verdadeiramente brasileiro.¹⁰² O autor afirma, em suas cartas, que o efeito desta busca seria “um despertar de consciência adormecida.”¹⁰³ Um ponto muito importante é que a mitologia do Saci era popular e possivelmente negra. Não que os depoimentos fossem escritos por negros. E não apenas por o Saci *ser* negro. Mas como a dedicatória

⁹⁸Ibid, p. 39.

⁹⁹Ibid, p. 37.

¹⁰⁰ CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: Vida e obra: Tomo I.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p.178.

¹⁰¹ LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre: Tomo 2º.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.p. 173.

¹⁰²LOBATO, Monteiro. **Ideias de Jeca Tatu.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 22.

¹⁰³LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre: Tomo2.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 128.

de Lobato demonstra, as histórias do personagem eram passadas pelos escravos aos meninos brancos.

A *Revista do Brasil*, fundada em 1916 por Julio Mesquita, do mesmo grupo do *Estado de São Paulo*, faz parte deste contexto nacionalista. Em seu primeiro editorial afirmou que o Brasil ainda vivia sob a tutela do estrangeiro.¹⁰⁴ A relação de Lobato com a revista era confusa. Em 1917, Lobato a ironizava, chamando-a de “Revista de Paris”. Não aceitou ser o seu diretor, no mesmo ano. Em 1918 a comprou.

Não podemos ignorar que Lobato começou a escrever livros infantis por ter identificado uma ausência no mercado editorial brasileiro. Mas sua principal reclamação era não ter outra coisa a dar aos seus próprios filhos do que fábulas de La Fontaine. Seu desejo, expresso em setembro de 1916, seria uma fábula nacional, sem animais exóticos, que tratasse de questões morais.¹⁰⁵

Sua obra infantil deve ser entendida dentro deste contexto nacionalista. Seu terceiro livro infantil, *O Saci*, publicado em 1921, é ambientado num sítio – assim como os dois primeiros. A escolha de um sítio, em vez de uma cidade grande como São Paulo, não deixa de ser surpreendente vindo de um autor que mantivera uma forte repulsa pela vida no campo e pela cidade pequena. Para compreender esta mudança, devemos saber que Lobato começou a demonstrar um sentimento de desdém pela cidade grande em 1916, exatamente no mesmo ano que começou a pensar em escrever para crianças. Reclama em outubro de 1916 que prefere os seus urupês da fazenda, do que os urupês de sapatos de verniz da cidade.¹⁰⁶ Em dezembro do mesmo ano, afirmou:

As rodinhas do Pirralho, da Vida Moderna, do Estado, da Cigarra e outras que freqüentei em meu último mês em S. Paulo, fizeram-me mudar de opinião quanto a estes urupês daqui. O caboclo parece-me hoje açúcar refinado perto do açúcar preto que são os urupês citadinos de gravata.¹⁰⁷

O Saci conta a história de Pedrinho, neto de Dona Benta e primo de Narizinho. A paisagem é nacional. Neste sítio habitam: onça, sucuri, sábias, sanhaços, papa-capim, João-de-Barro. A mata virgem ao redor do sítio chama-se “Capoeirão dos Tucanos”. O enredo do livro gira em torno do personagem que dá nome ao livro. Para descobrir quem é o Saci, Pedrinho pede conselhos ao negro Tio Barnabé. Para o negro, o Saci é:

¹⁰⁴Ver: CAMPOS, André Luiz Vieira. **A República do Picapau Amarelo**: uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986. p. 24.

¹⁰⁵LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**: Tomo2. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 104.

¹⁰⁶Ibid, p. 110.

¹⁰⁷Ibid, p. 122.

(...) um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando renações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca um pitinho aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha. A força dele está na carapuça, como a forma de Sansão estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci fica por toda vida senhor de um pequeno escravo.¹⁰⁸

O Saci, depois de capturado por Pedrinho, com a ajuda do método ensinado por Tio Barnabé, mostra ao garoto um novo universo de personagens mitológicos, como: Curupira, o Boitatá, Iara, a Mula-sem-cabeça e a vilã Cuca.

Numa das críticas mais comuns na literatura de Lobato, o Saci diz a Pedrinho:

Inda é muito cedo para você ‘ler’ a mata. Isto é livro que só nós, que aqui nascemos e vivemos toda vida, somos capazes de interpretar. Um menino da cidade, como você, entende tanto da natureza como eu entendo de grego.¹⁰⁹

A “questão moral” que Lobato levanta no livro é a estupidez humana comparada com a vida animal, outro tema comum em sua obra adulta e infantil. Quando Pedrinho afirma ao Saci que o homem é o rei dos animais, pois constrói casas, pontes, máquinas e aeroplanos, a reação da criatura mitológica é cair na gargalhada e dizer:

Casas? Qual é o bichinho que não constrói sua casa na perfeição? Veja a das abelhas, ou a das formigas, ou os casulos. Poderão existir habitações mais perfeitas? Todos aqui na mata moram. Cada um inventa o seu jeito de morar. Todos moram. Todos, portanto, têm suas casinhas, onde ficam muito mais bem abrigados do que os homens lá nas casas deles.¹¹⁰

Uma paisagem verdadeiramente nacional era tão importante para Lobato, que este mudou, ao longo das várias edições de *O Saci*, pela adição e subtração, os seus personagens. Na 1^o edição, por exemplo, havia uma fada. Na 3^o edição ela é suprimida.¹¹¹ Na 6^o edição, há o acréscimo da onça, sucuri, cascavel.¹¹² Para Camargo:

Talvez tenha incomodado a Lobato a presença de um personagem [a fada] tão típico da tradição literária infantil européia (...). Para quem buscava o novo, o genuinamente brasileiro, poderia parecer um retrocesso o recurso a personagens do imaginário europeu.¹¹³

¹⁰⁸ LOBATO, Monteiro. **O Saci**. São Paulo: Editora Globo, 2011.p.21.

¹⁰⁹Ibid, p. 35.

¹¹⁰Ibid, p. 36.

¹¹¹LAJOLO, Marisa. CECCANTINI, João Luís. (Org). **Monteiro Lobato, Livro a Livro**: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp, 2008. p. 90.

¹¹²Ibid, p. 93.

¹¹³Ibid, p. 90.

A redenção do caboclo não passou apenas pela possibilidade de cura, com a aplicação de um método científico e sanitário. O Jeca, como um personagem nacional e de valor positivo, também passou pela literatura nacional.

Vimos que Lobato acreditava ser necessário desenvolver uma arte plenamente nacional: o Saci deveria ser posto no lugar dos anões alemães, a capivara no lugar do leão. Porém, não podemos reduzir a busca pelo nacional a uma questão meramente estética. Foi também uma busca linguística e política no caso de Lobato.

A principal acusação de Lobato contra os românticos, da falsificação do caboclo, se encaixaria perfeitamente com a nova forma de expressão linguística que o romance (ou conto) sertanejo se daria. Em outro ponto, mas conectado a este debate, Lobato iria propor a necessidade de uma língua nacional, verdadeiramente brasileira, ausente dos estrangeirismos.

Editado por Lobato em 1920 o livro de contos *Os caboclos*, de Valdomiro Silveira, significou uma nova forma de expressão linguística. No conto “Cena de Amor”, o personagem Chico Luís diz para a filha de Quim Gracia, objeto de seu desejo:

- Eu ando agora feito uma sombra sua, p’ra baixo e p’ra riba, sondando as suas saídas e as suas chegadas, campenando um pequeno jeito de lhe falar certas falas.

A moça, admirada, olhava-o meio de banda. Mas foi sem doce nem amargo que lhe disse:

- Agora topou o jeito, não topou? Fale agora.

- É que eu ‘tava querendo...

- Querendo o que?

- Perguntar si um home’, que não tem muito de seu, mas porém que não ‘tá olhando p’r’a lua, quisesse casar com vancê, nha Candóna, vancê queria casar co’ele?¹¹⁴

Essa nova forma de expressão não ocorreu por causa da acusação de Lobato. Os contos de Silveira foram escritos entre 1897 e 1906. Ou seja, iniciaram-se 17 anos antes da publicação de “Velha Praga”. A importância de Lobato foi de defensor (e editor) dessa nova forma de expressão linguística. Segundo Bosi:

Essa busca do registro folclórico, esse cuidado com a fidelidade na transcrição da fala rural assentam em uma atitude que não é, na raiz, científica. Trata-se de reconhecer e de valorizar o fundo étnico, os mores

¹¹⁴SILVEIRA, Valdomiro. Cena de Amor. In: SILVEIRA, Valdomiro. **Os Caboclos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. p. 4-5.

provincianos, de manter o seu caráter peculiar, irredutível à cultura citadina, ‘estrangeirada’.¹¹⁵

Silveira buscava a fidelidade da linguagem regional. Assim como Lobato, este morou por longo período no interior, na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo (SP), onde trabalhou como promotor e entrou em contato com a forma que o caboclo se comunicava oralmente. Como escritores, ambos tinham muito em comum. Podemos dizer que o projeto de Lobato coincidiu com o de Silveira.

Esta forma de expressão linguística teve adeptos, mas não foi a dominante em seu período. Lobato também publicou em 1920 o livro de poemas de Paulo Setúbal, *Alma Cabocla*, que ignorava essa nova maneira de representar a oralidade por meio da literatura. Em outras palavras: não estamos lidando com uma forma de expressão que derrotou ou aniquilou uma antiga. Isto seria uma forma equivocada e linear de compreender um movimento que coexistiu com a forma predecessora.

O diálogo do caboclo nos romances de Alencar não era uma das críticas de Lobato em 1914. Sua crítica foi, na opinião desta dissertação, racial – não especificamente linguística. Mas a busca da fidelidade linguística no romance caboclo não deixou de ser uma forma de vitória de Lobato. A aproximação do literato, morador da cidade, com o “verdadeiro” caboclo era um desejo do autor. Sua outra aspiração era a necessidade de ser fiel ao que foi visto. Esta é a síntese de sua crítica ao romantismo: não viram o caboclo e não retratavam com fidelidade. A nova expressão cabocla seria mais fiel à realidade, uma das obsessões de Lobato.

Entre a velha e nova forma de expressão linguística, Lobato demonstrou maior apego à segunda. Seu entendimento de literatura não pode ser deslocado deste debate. Em seu texto “Visão geral da literatura brasileira”, de 1921, Lobato formula a sua própria narrativa. Para o autor, no período colonial não havia uma literatura brasileira. O indianismo foi a primeira reação brasileira e marco de secessão de Portugal. Entretanto, mesmo esta escola seria uma imitação de François-René de Chateaubriand, escritor francês (1768-1848). José de Alencar introduziu uma paisagem brasileira em seus romances, mesmo obedecendo à imaginação e não à natureza. Bernardo Guimarães seria um medíocre. Depois de uma fase fecunda, com os romances de Machado de

¹¹⁵BOSI, Alfredo. As letras na Primeira República. In: FAUSTO, Boris. (Org). História geral da civilização brasileira. **O Brasil republicano**: sociedade e instituições. São Paulo: Bertrand Brasil, 2008. p. 325.

Assis, a poesia de Bilac e os discursos de Rui Barbosa, a língua portuguesa estaria dando o seu canto do cisne. Haveria agora um novo fenômeno:

(...) o povo só lê, só apóia, só populariza a quem escreve a língua que ele fala. O extremado apego ao velho idioma fez novelistas (...) fecundos, como Coelho Neto, que não gozaram, porém, do apoio público a que tinham direito. E a vitalidade da atual literatura, sua expansão, sua penetração dependem cada dia mais da adoção do ‘português bárbaro’, que é o idioma do povo brasileiro. O que aconteceu com o latim na Ibéria, dando origem ao idioma lusitano, está acontecendo no Brasil (...).¹¹⁶

Quem foi responsável por esta mudança, na opinião de Lobato, havia sido Euclides da Cunha, com a publicação do seu relato *Os Sertões*, em 1902. Não que Euclides houvesse introduzido algo de novo na linguagem. Este havia apenas acabado com a mentira (romantismo) sobre a situação de vida do sertanejo e dado importância ao meio. Há um pouco de modéstia na conclusão de Lobato. O debate do novo idioma português não precisa começar necessariamente em Euclides, mas sim no regionalismo literário da década de 1920, ou mesmo na política dos governadores na 1^o República. Para Bosi:

A República foi, na sua fase mais equilibrada, uma construção de fazendeiros ou bacharéis das Províncias em ascensão: o que deu uma consistência ideológica a grupos locais e acabou envolvendo certa prática literária que se propunha reproduzir as realidades mais próximas do escritor.¹¹⁷

No caso de Lobato, além da necessidade de “reprodução da realidade”, o seu nacionalismo deve ser enfatizado. Se ele via a necessidade de uma arte, uma paisagem, um personagem mitológico, uma literatura infantil, por que não uma língua nacional, verdadeiramente brasileira e independente de Portugal e França?

Neste período era muito comum a utilização da língua francesa como uma maneira de distinção social entre os intelectuais e as classes baixas. Autores diversos como Euclides da Cunha e Lima Barreto usaram de seus conhecimentos da língua francesa em seus textos, por exemplo. O primeiro com uma citação, em francês, de Taine em sua “nota preliminar”, em *Os Sertões*. O segundo na abertura de seu romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, de 1909. O próprio Lobato durante sua passagem na faculdade escreveu um conto com título em francês. Nenhum deles nem

¹¹⁶LOBATO, Monteiro. Visão Geral da Literatura Brasileira. In: LOBATO, Monteiro. **Críticas e Outras Notas**. São Paulo: Editora Globo, 2009. p. 31.

¹¹⁷BOSI, Alfredo. As letras na Primeira República. In: FAUSTO, Boris. (Org). História geral da civilização brasileira. **O Brasil republicano: sociedade e instituições**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2008. p. 324.

mesmo as traduzia para o português, supondo que o leitor também fosse fluente. Lojas paulistas adotavam nomes em francês como: *Au Palais Royal*, *Au Salon de la Mode*, *Au Paradis des Enfants* e *Au Pygmalion*.¹¹⁸

Lobato combateu esta atitude chique. Em “Curioso caso de materialização” traz o espírito de Camilo Castelo Branco, autor que admirava, para analisar um convite de chá.

<p style="text-align:center">TRIANON</p> <p style="text-align:center">Estabelecimento para goso de exmas. famílias</p> <hr/> <p style="text-align:center">DINERS CHICS A PRIX FIXE</p> <p style="text-align:center"><i>Menu</i></p> <p style="text-align:center">CONSOMMÉ AUX REJETONS</p> <p style="text-align:center">RIZ AU FOUR Á LA KIRIAL</p> <p style="text-align:center">SUPRÊME DE TURBOT</p> <p style="text-align:center">COUER DE MACASSIN</p> <p style="text-align:center">CRÊME PRINCESSE</p> <p style="text-align:center">ETC.</p> <p style="text-align:center">FIVE-Ó-CLOC-TEA</p> <p style="text-align:center">Aos domingos diners concerts chics a prix fixe com menus delicados</p>

Lobato, travestido de Camilo, diz, ao ver o convite:

- (...) Ora, sucede que neste periódico vejo um anúncio em língua que não é a minha, nem é língua viva ou morta de meu conhecimento. Será o idioma do futuro? É nesta sopa juliana que os da terra se entendem? (...) E este – *five-ó-cloc-tea*? Cheira-me a inglês, mas não é inglês (...). O *clock* no meu tempo trazia um “k” final, muito gracioso como enfeite coccigeano da palavra. (...) Adiante: *Aos domingos diners concerts chics a prix fixe com menus delicados*. Que soberba nabiça! (...) Acho razoável que a língua adote termos exóticos quando os não possui correspondentes. Mas neste caso *diner* diz mais que jantar? *Prix-fixe* é coisa diferente de preço fixo? *Menu* vai além da carta ou do cardápio? Que motivos levam vocês a pintalgarem a língua destas excrescências inúteis?¹¹⁹

¹¹⁸COHEN, I.S. **Bombas sobre São Paulo**: A Revolução de 1924. São Paulo: Editora Unesp, 2007. p. 16.

¹¹⁹LOBATO, Monteiro. Curioso Caso de Materialização. In: LOBATO, Monteiro. **Ideias de Jeca Tatu**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 131-132.

Publicado em 1920, o livro de Amadeu Amaral, *Dialeto Caipira*, seria a antítese desta atitude chique da elite brasileira. Lobato não o editou. Mas celebrou o estudo de Amaral como a primeira gramática da língua brasileira – a futura neta do latim. Para Lobato, Amaral merecia crédito por estudar essa nova língua, identificada com o povo humilde do campo. Esta língua brasileira iria imperar “(...) no Brasil inteiro – não como hoje, às ocultas e medrosamente, mas às claras, de justiça e de direito; e não na língua falada apenas, mas na falada, escrita e na erudita.”¹²⁰

Num debate que ainda é contemporâneo, Lobato viu no surgimento dessa nova língua uma mudança no que seria correto escrever e não apenas falar. Escrever “viu ela”, num futuro próximo, seria aceito como padrão. Não por ser brasileiro, já que, na opinião do autor, era de origem portuguesa. Mas sim por ser um fenômeno impossível de se cessar, similar à evolução das espécies.¹²¹

Mesmo passados vários anos do início desta controvérsia, Lobato não mudou de opinião sobre a importância de ser fiel à linguagem do Jeca Tatu. No prefácio escrito por Lobato, em “Contas de Capiá” (1946) de Nho Bento, há a defesa mais clara dessa nova língua. Para o autor, haveria duas civilizações brasileiras: uma “importada” que faria sucesso nas cidades entre as classes letradas e outra “local”, cabocla. Ressalta que como o Jeca Tatu não sabe escrever, sua língua é essencialmente oral. Pergunta-se o porquê de nunca ninguém ter tido o interesse em fazer uma gramática dessa língua. Caso fosse feita, essa gramática deveria ser ensinada nas escolas para facilitar o contato entre a cidade e o campo. Dirige sua crítica a duas instituições que seriam reacionárias em sua abordagem linguística:

O Jeca teve a felicidade de não saber ler nem escrever, de não se preocupar com a Academia de Letras, de usar dos jornais unicamente o papel – e graças a isso ‘evoluiu’ a língua portuguesa só de ouvido e sempre de acordo com as injunções da ‘lei do menor esforço’ (...).¹²²

A “lei do menor esforço” do Jeca teria aproximado a língua portuguesa oral da língua inglesa padrão. As conjugações dos verbos, no ambiente caboclo, seriam mais simples. O Jeca diria: eu tenho, você tem, ele tem, nós tem, vocês tem, eles tem. Assim como no inglês seria: *I have, you have, he has, We have, they have*. Para Lobato, isto seria um caso de estudo e não de julgamento:

¹²⁰LOBATO, Monteiro. **Ideias de Jeca Tatu**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 78.

¹²¹Ibid, p. 103.

¹²²LOBATO, Monteiro. Prefácio às “Contas de Capiá” de Nho Bento. In: LOBATO, Monteiro. **Prefácios e Entrevistas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 30.

Quem condena como coisa ‘errada’ o modo de falar ou a língua do Jeca, revela-se curto de miolo. Os modos de variação duma língua são fenômenos naturais, e não há erro nos fenômenos naturais. Erro é coisa humana. Temos que estudar essas variações em vez de (...) condená-las (...).¹²³

Inclusive como crítico de arte na cidade de São Paulo, Lobato se pautou na crítica à cópia da estética europeia, em especial à francesa, e na busca duma arte verdadeiramente brasileira. Suas críticas escritas na *Revista do Brasil* e depois reunidas no livro *Idéias de Jeca Tatu*, publicado em 1919, têm como característica o nacionalismo e a defesa da arte naturalista.

A relação difícil que Lobato manteve com Mario de Andrade ocorreu pela crítica artística de Lobato a uma exposição de Anita Malfatti em dezembro de 1917. Mais tarde publicado com o título de “Paranóia ou mistificação?”, Lobato tratou a artista como uma criadora de caricaturas, pois esta havia aderido à arte moderna. O autor era um ferrenho crítico da arte moderna resumindo-a a uma nova forma de exagero:

Enquanto a percepção sensorial se fizer no homem normalmente, através da porta comum dos cinco sentidos, um artista diante de um gato não poderá ‘sentir’ senão um gato; é falsa a ‘interpretação’ que do bichano fizer um totó, um escaravelho ou um amontoado de cubos transparentes. Estas considerações são provocadas pela exposição da sra. Malfatti, onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso & Cia.¹²⁴

Mario de Andrade, em 1924, responsabilizaria Lobato pela “regressão estética” de Anita.¹²⁵ A regressão seria entendida por Andrade como a vitória da crítica injusta de Lobato à arte moderna, pois “Malfatti teria desistido de seguir adiante em sua filiação às tendências estéticas de vanguarda, passando a pintar de maneira convencional.”¹²⁶

A tese de Tadeu Chiarelli, muito bem desenvolvida e convincente, é que o regresso estético de Malfatti estava conectado com o período pós-1914, intitulado “Retorno à Ordem”. Em 1917, com a obra “Tropical”, Malfatti já teria demonstrado outros interesses além daqueles que desenvolveu durante a sua passagem pela

¹²³LOBATO, Monteiro. Prefácio às “Contas de Capiá” de Nho Bento. In: LOBATO, Monteiro. **Prefácios e Entrevistas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 32.

¹²⁴LOBATO, Monteiro. **Idéias de Jeca Tatu**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 60-61.

¹²⁵AZEVEDO, Carmen L; CAMARGOS, Márcia; SACCHETA, Vladimir. **Monteiro Lobato, Furacão na Botocúndia**. São Paulo: Editora Senac, 2001. p. 169.

¹²⁶CHIARELLI, Tadeu. **Um Jeca nos Vernissages**. São Paulo: Edusp, 1995. p. 20.

Alemanha em 1910, ou em Nova York, em 1914. A crítica de Lobato, no máximo, serviu como catalisador do afastamento da artista da arte de vanguarda.

O grupo modernista, em 1920, tentou atrair Lobato e fazê-lo um de seus quadros. Mas a sua “filiação” só poderia ocorrer caso mudasse suas opiniões em relação à exposição de Malfatti. Como Lobato não se desculpou (mesmo depois de dois artigos de Del Picchia em 1920 e 1922 acusando-o de ser “cruel e desumano” com a artista) a atitude do modernismo foi a desqualificação de Lobato como crítico. A acusação de que Lobato era o responsável pela decadência da artista, foi inicialmente, segundo Chiarelli, uma forma de estratégia do movimento modernista para retirar a legitimidade de Lobato como crítico de arte, taxando-o de pintor frustrado e, ao mesmo tempo, criar uma autoimagem do modernismo como totalmente original.

Mario de Andrade foi o criador desta narrativa, a partir de 1926, quando descreveu Lobato como pintor e não crítico. O historiador Mário de S. Brito, na opinião de Chiarelli, perpetuou a narrativa feita pelos modernistas e acrescentou um toque de machismo, ao afirmar que Malfatti precisava na época de “estímulo e amparo”.¹²⁷ Porém, a relação de Lobato com os modernistas não pode ser entendida como de mútua rejeição. Vale lembrar que Lobato editou, em 1922, Oswald de Andrade e que a capa de seu livro *Os Condenados* foi produzida por Malfatti. Em todo caso, Lobato não seria convidado e não participaria da Semana de 22.

Parte importante da crítica artística de Lobato não foi apenas contra a arte moderna. Desenvolveu-se através do determinismo geográfico. Este significava que cada espaço geográfico (o meio) deveria conhecer a sua forma única de arte, separada e reconhecível. Lobato deu maior importância à arquitetura, que seria uma forma de arte coletiva, símbolo de um povo e tempo. Por exemplo: Grécia antiga, Egito antigo, China, Rússia, Árabes.¹²⁸

Para o autor, não haveria ainda um estilo propriamente brasileiro na arte. O Brasil estaria na sua infância. Para se desenvolver esteticamente como nação, seria necessário o fim da imitação do francês:

(...) à luz do ponto de vista brasileiro era de desejar que a França fosse tragada por um maremoto a fim de permitir uma livre e pessoal desenvoltura à nossa individualidade. Porque ela está nos pondo ‘faisandés’ antes do tempo.¹²⁹

¹²⁷Ver: CHIARELLI, Tadeu. A Fama de Mau Pintor. In: CHIARELLI, Tadeu. **Um Jeca nos Vernissages**. São Paulo: Edusp, 1995.

¹²⁸LOBATO, Monteiro. **Ideias de Jeca Tatu**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p.37.

¹²⁹ Ibid, p. 48-49.

A razão da imitação da arte francesa, na opinião de Lobato, seria o passado colonial brasileiro. O Brasil não teve uma arte nacional durante aquele momento histórico, já que não era uma nação. Com a chegada da Corte, em 1808, inicia-se a importação de artistas franceses para retratar a paisagem nacional. Por serem estrangeiros, não teriam a capacidade de retratar com fidelidade. Esta importação não acabara com a Independência nem com a Proclamação da República.¹³⁰

Onde estaria o Brasil real na opinião de Lobato? Não é surpreendente que o autor viu no interior, no sertão, a verdadeira realidade brasileira. Como vimos, em 1914 Lobato acreditava que era necessário retratar com fidelidade na literatura o Jeca Tatu. Na arte o mesmo deveria ser feito: “O Brasil ainda é o caboclo (...). A pintura brasileira só deixará de ser um pastiche inconsciente quando se penetrar de que é mister *compreender* a terra para bem interpretá-la.”¹³¹ Por isto Lobato admirou a pintura de Almeida Junior: esta era fiel à realidade do caboclo.¹³² E por esta mesma razão Lobato criticou o Monumento do Ipiranga: em vez de esculturas de leões, animal africano, ausente na paisagem brasileira, deveriam haver capivaras.¹³³

A tese de Lobato, desenvolvida em 1914, na qual o romantismo havia falsificado a realidade, é muito similar à sua crítica estética. É uma questão de quem deve ser responsabilizado: no caso do caboclo eram os literatos que moravam na cidade; no caso da arte era a França que impossibilitava a nossa visão do que era a nação. O caminho correto, nos dois casos, era a valorização da paisagem brasileira.

Em relação à valorização do Jeca Tatu, esta passou por sua redenção racial e não apenas pelo seu aspecto nacional. O Jeca de 1914 era uma fatalidade, incapaz de mudar. Agora seria um doente, capaz de ser tratado e curado. Lobato, ao entrar em contato com as idéias de Oswaldo Cruz, fundador do Instituto Soroterápico Nacional (1900) no Rio de Janeiro, Belisário Pena, autor de *Saneamento do Brasil* (1918) e Artur Neiva, dirigente do Serviço Sanitário de São Paulo, reabilitou racialmente o seu personagem. Para Lobato:

(...) o nosso dilema é este: ou doença ou incapacidade racial. É preferível optarmos pela doença. (...) O laboratório dá-nos o argumento por que

¹³⁰ Ibid, p. 77-78.

¹³¹ Ibid, p. 58.

¹³² Ibid, p. 85-86.

¹³³ Ibid, p. 183.

ansiávamos. Firmados nele contraporemos à condenação sociológica de Le Bon (...).¹³⁴

A raça do Jeca Tatu seria a mesma dos bandeirantes.¹³⁵ Como escreveu na epígrafe de seu livro *Problema Vital*, coletânea de artigos do ano de 1918: “O Jeca não é assim; *está* assim.”

Sem dúvida, a redenção do Jeca também não foi uniforme entre os intelectuais paulistas. A apropriação que o leitor faz de um autor não tem sempre o mesmo sentido que o autor deu à sua obra. Como observa Chartier:

(...) ele [o autor] não é o mestre do sentido, e suas intenções expressas na produção do texto não se impõem necessariamente nem para aqueles que fazem desse texto um livro (livreiros-editores ou operários da impressão), nem para aqueles que dele se apropriam para a leitura.¹³⁶

Logo, devemos tomar o cuidado de separar a mudança de pensamento em Lobato de seus leitores. Os bandeirantes eram sinônimos de expansão e ousadia – parte do orgulho paulista – e nem todos os leitores de Lobato deveriam concordar com a sua afirmação. Rubens Amaral, fundador do jornal *Folha da Manhã*, num artigo para o mesmo, intitulado “Fernão Dias e Jeca Tatu”, de 25/01/1934, vinte anos depois da publicação do conto “Velha Praga”, explicitou uma disputa intelectual:

Vi citada uma frase de Monteiro Lobato, que não sei onde nem quando foi escrita e em que se afirmava, por outras palavras mais longas, que Fernão Dias, degenerou em Jeca Tatu. Essa frase deve datar de época anterior à Revolução de 1932, dos tempos em que, sob o jugo podre do P.R.P. ou sob jugoviolenço dos interventores, os paulistas viviam na “vil tristeza” de um povo cujo destino parecia fracassado. (...) Já debati com o ilustre autor de “Urupês” a realidade e a justiça do quadro em que ele pintou o caboclo paulista e o meu parecer era que lhe saíra do pincel uma caricatura exagerada e grotesca, falsa de tão grotesca e exagerada. Entretanto, a verdade, a que me rendi mais tarde (...) é que o caboclo paulista é dos mais infractários à higiene, hostil ao trabalho e (...) isento de forças espirituais (...). É então o paulista inferior a outros povos do Brasil? Essa pergunta, eu a fiz a mim mesmo muitas vezes, ao ver Jeca Tatu (...). E, afinal, um dia eu achei a explicação (...) nas duas realidades contraditórias que tinha diante dos olhos. A explicação é que em S. Paulo co-existem duas raças, uma, a de Fernão Dias, superposta à outra, à de Jeca Tatu. (...) Monteiro Lobato errou porque não viu que somos, em São Paulo, duas castas que o preconceito separa há quatrocentos anos, felizmente.¹³⁷

¹³⁴LOBATO, Monteiro. **Problema Vital, Jeca Tatu e outros textos**. São Paulo: Editora Globo, 2010. 76

p.
¹³⁵Ibid, p. 82.

¹³⁶ CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Ed. da UnB, 1998. p. 36.

¹³⁷AMARAL, Rubens. Fernão Dias e Jeca Tatu. **Folha da Manhã**, São Paulo, 25 de jan.1934. p. VI.

Não podemos deixar de notar que, mesmo Lobato já tendo abandonado a questão racial como fundamental para compreender a realidade nacional e ter dado maior ênfase à saúde pública, não significou que outros intelectuais também o seguiram no pensamento. Para Amaral, a miscigenação era um erro, pouco importando a saúde do indivíduo. Outra curiosidade deste artigo é como Lobato (e seu personagem) foi capaz de causar uma divisão de opinião tão resistente entre a intelectualidade brasileira.

Assim como na sua crítica de arte, a luta de Lobato pela higienização do campo e da cidade é uma continuação de seu mesmo ataque contra os literatos românticos. É a seqüência de seu ataque contra a França e sua influência na elite brasileira. Não podemos nunca separar estes assuntos.

Ao afirmar que 70% da população brasileira era doente, sofria de anemia, vício de cachaça e perda de inteligência, Lobato estava, novamente, criticando os literatos e sua incapacidade de entender o Brasil como ele realmente era.¹³⁸ Ao ironizar que enquanto milhares de brasileiros sofriam de doenças, as damas da cidade tomavam o seu chá no Trianon, Sede da Academia no Rio de Janeiro, símbolo máximo da cópia ao estilo francês na elite brasileira, Lobato uniu sua crítica aos intelectuais românticos, ao seu ódio pela imitação da sociedade francesa.¹³⁹

A contradição, na opinião de Lobato, entre o imaginário e a realidade do país é permanente em sua obra deste momento. Comentando o significado do livro de Belisário Pena, Lobato afirma que este “fechou a fase brasileira da mentira sistemática em relação à nossa higidez.”¹⁴⁰

Há uma novidade no momento atual. Agora, a descrição perfeita do Jeca viria dos médicos e não do literato:

Retrato do nosso caboclo quem o dá perfeito, com fidelidade fotográfica, é o médico ao desenhar o quadro clínico do ancilostomado. Tudo mais é mentira, retórica, verso. Esses heróicos sertanejos, fortes e generosos, evolução literária dos índios (...) de Alencar; essa caipirinha arisca, faces cor de jambo, pés lépidos de veada, carne dura de pêssego: licenças bucólicas de poetas jamais saídos das cidades grandes.¹⁴¹

¹³⁸LOBATO, Monteiro. Dezessete milhões de opilados. In: LOBATO, Monteiro. **Problema Vital, Jeca Tatu e outros textos**. São Paulo: Editora Globo, 2010. p. 28-30.

¹³⁹LOBATO, Monteiro. Dez milhões de impaludados. In: LOBATO, Monteiro. **Problema Vital, Jeca Tatu e outros textos**. São Paulo: Editora Globo, 2010. p. 44.

¹⁴⁰LOBATO, Monteiro. **Críticas e Outras Notas**. São Paulo: Editora Globo, 2009. p. 193.

¹⁴¹LOBATO, Monteiro. **Problema Vital, Jeca Tatu e outros textos**. São Paulo: Editora Globo, 2010. p. 30.

O tema acima é repetitivo. Porém, original, com a chegada deste novo personagem: o médico. Lobato conseguiu dar um ar de respeitabilidade científica à sua crítica literária, introduzindo o médico em contrapartida ao bacharel que mora na cidade grande.

Há vários pontos de importância na sua entrada no movimento higienista. Em primeiro lugar, marcou o início de suas críticas ao Governo Federal, taxando-o de “bizâncio”, pela sua negação em agir contra as várias doenças que afetavam a sua própria população: “Maomé II já desfraldava o pavilhão da meia-lua nos muros da cidade e os bizantinos ainda disputavam gravemente sobre a Consubstanciação do Verbo ou a Luz Incriada do Tabor.”¹⁴² Outro tópico é a sua crença que mudanças sociais não poderiam vir com mudanças nas leis. Afinal, a lei era feita pelos bacharéis. A mudança viria pela ação dos cientistas, com a construção de fossas/esgotos e ensinando o caboclo a usar sapatos para se proteger de contaminação.

Em segundo lugar, marcou o início do autor como um panfletário e homem de ação, utilizando de seu talento literário para marcar posições políticas claras e convencer outras pessoas a segui-lo. Seu panfleto, “Jeca Tatu”, escrito para seu amigo Candido Fontoura, como propaganda, chegou a alcançar o número de quinze milhões de exemplares.¹⁴³ Neste, Jeca, ainda preguiçoso e bêbado, recebe a visita de um médico. É recomendado a usar botinas e a tomar remédios contra a sua doença (ancilostomíase). Três meses depois o Jeca Tatu está irreconhecível: não é mais preguiçoso, é trabalhador e valente, comprou um arado, tem o desejo de ser rico, adquiriu um caminhão Ford e até mesmo um professor de inglês para depois conhecer com mais facilidade os Estados Unidos. No final do conto, o narrador afirma: “Um país não vale pelo tamanho, nem pela quantidade de habitantes. Vale pelo trabalho que realiza e pela qualidade da sua gente.”¹⁴⁴

O trabalho ganhou maior importância na obra de Lobato. É claro que sua crítica inicial ao Jeca Tatu pode ser entendida pela preguiça deste personagem e sua falta de capacidade para o labor. Mas neste momento, Lobato não dá tanta importância ao trabalho rural, mas sim ao trabalho técnico, em contradição aos bacharéis e o campo.

Para Lobato, em 1923, estaria demonstrado que apenas com a industrialização do subsolo, com a retirada do petróleo e do ferro, um país poderia ser rico. Aqueles

¹⁴²Ibid, p. 43.

¹⁴³LOBATO, Monteiro. Jeca Tatu. In: LOBATO, Monteiro. **Problema Vital, Jeca Tatu e outros textos**. São Paulo: Editora Globo, 2010. p. 111.

¹⁴⁴Ibid, p. 111.

países que ficaram presos à agricultura nunca deixariam de serem “satélites inermes.” O Brasil deveria imitar o exemplo dos Estados Unidos e “arrancar do seio da terra o ferro e transformá-lo em mil máquinas que nos aumentem a eficiência dos músculos. Arrancar o petróleo para o reduzir a essa potente energia mecânica (...)”.¹⁴⁵ O ensino brasileiro criou na classe alta um grupo de parasitas (funcionários público e bacharéis), incapazes duma função econômica fora do Estado. Nas classes baixas, o mesmo ocorreria. Com a diferença que os pobres não teriam como conseguir um emprego público. Seria necessário o ensino técnico para formação dos operários industriais.¹⁴⁶ Segundo o autor “o nosso mal é a incapacidade técnica. Ninguém trabalha porque ninguém aprende a trabalhar. E o remédio é uma coisa só: escolas de trabalho. (...) Foram as criadoras dos Estados Unidos”.¹⁴⁷

Em terceiro lugar, e a questão mais pertinente deste período, é como Lobato viu na falta de higiene, no campo e na cidade, o principal problema brasileiro. O termo “problema” pode ser lido como “atraso”. Atraso em relação aos países europeus e aos Estados Unidos que já teriam resolvido as suas dificuldades sanitárias e educacionais. Teria sido o espírito científico, aplicado na resolução de epidemias e doenças, que tornou possível a prosperidade econômica desses.¹⁴⁸

A doença impossibilitava o real aproveitamento da mão-de-obra, seja urbana ou rural. Sem uma mão-de-obra saudável, era impossível crescer economicamente. Para Lobato:

Sanear é a grande questão. Não há problema nacional que se não entrose nesse. Só a alta crescente do índice da saúde coletiva trará a solução do problema econômico, do problema imigratório, do problema financeiro, do problema militar, do problema imigratório.¹⁴⁹

A redução de todos os problemas, em apenas um, é uma constante na forma que Lobato compreende a situação nacional. É uma forma de interpretação sociológica. É também uma forma de encontrar uma fórmula “causa-conseqüência” para entender a realidade. Em 1914, uma raça inferior resultaria num país inferior. Em 1918, população sem saúde resultaria em todos os tipos de problemas sociais.

¹⁴⁵LOBATO, Monteiro. **Fragmentos, Opiniões e Miscelânea**. São Paulo: Editora Globo, 2010. p. 34.

¹⁴⁶Ibid, p. 39.

¹⁴⁷Ibid, p. 45.

¹⁴⁸LOBATO, Monteiro. **Problema Vital, Jeca Tatu e outros textos**. São Paulo: Editora Globo, 2010. p. 37.

¹⁴⁹Ibid, p. 59.

1.4 Lobato e a revolta de 1924.

Monteiro Lobato trabalhou como editor de 1918 – com a compra da *Revista do Brasil* – até 1927, quando se mudou para os Estados Unidos. Teve ao todo três editoras: a primeira em conjunto com a *Revista do Brasil*; a segunda, em parceria com Octalles Marcondes Ferreira, intitulada de *Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato*, durou até 1925; a terceira, com sede no Rio de Janeiro, criada logo em seguida da quebra da segunda, intitulada *Companhia Editora Nacional*. Lobato iria vender o restante de suas ações para o seu sócio, Octalles Marcondes Ferreira, em 1930.

Vimos que Lobato publicou dois livros de sucesso: *Urupês* e *Saci-Pererê*, *Resultado de um Inquérito*. Sua obra infantil também vendeu muito, já que era comprada pelo governo estadual de São Paulo como livro didático. Há uma gama enorme de livros (alguns, atualmente clássicos) que foram publicados por suas editoras, como: Oliveira Viana, *Populações Meridionais do Brasil* e Lima Barreto, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Cavalheiro fez uma lista dos autores publicados em 1924: Valdomiro Silveira, Godofredo Rangel, Hilário Tácito, Oswald de Andrade, Lima Barreto, Menotti Del Picchia, Visconde de Taunay, Coelho Neto, Graça Aranha, Amadeu Amaral, entre outros.¹⁵⁰

Não é o objetivo de este trabalho compreender a importância do papel de Lobato como editor no Brasil, ou analisar os seus métodos de venda. O interesse deste trabalho está na reação de Lobato à revolta militar na cidade de São Paulo, em 1924, que, na opinião do autor, iria colaborar para o fim do seu empreendimento editorial.

Em cinco de julho de 1924, na cidade de São Paulo, sede da editora de Lobato, ocorreu uma revolta militar, liderada pelo general Isidoro Dias Lopes, com o objetivo de derrubar o presidente Arthur Bernardes. Este não era bem querido por parte dos militares – o candidato preferido dos militares, Nilo Peçanha, havia sido derrotado. Os militares, anteriormente, tentaram impedir sua posse, inclusive.¹⁵¹

O jornal *Folha da Noite*, do dia cinco, avisava em letras garrafais:

MOVIMENTO REVOLTOSO – As tropas da guarnição federal revoltaram-se – Adesão de vários batalhões da Força Pública – Assalto ao Palácio dos Campos Elyseos – Os canhões de Sant'Anna atiram contra o Palácio de Campos Elyseos – Tomada do Telegrapho Nacional e Estação da Luz pelos

¹⁵⁰ CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: Vida e obra: Tomo I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.p. 228.

¹⁵¹ COHEN, I.S. **Bombas sobre São Paulo**: A Revolução de 1924. São Paulo: Editora Unesp, 2007.p. 24-25.

sediciosos – Prisão de officiaes de policia, do general Abilio de Noronha e do dr. Antonio Lobo – A igreja do Coração de Jesus atingida por granadas – Numeros feridos – O governo federal toma providencias para debellar o movimento – Remessa de marinheiros para S. Paulo – Aviso ao publico – Interrupção do serviço de bondes – Os trens não partem de São Paulo – Não chegaram os comboios do Rio – O telephone e o telegrapho trancados.¹⁵²

Os revoltosos paulistas inicialmente utilizaram o bombardeiro contra os legalistas. Segundo Cohen:

Com o objetivo de assumir o controle da capital e impedir a reação do Governo Federal, os revolucionários iniciaram pesado bombardeio contra o Palácio dos Campos Elíseos, residência oficial do então presidente do estado, Carlos de Campos. Seus canhões, assestados no Campo de Marte e na Ponte Pequena, em Santana, atiravam ferozmente em direção ao bairro, atingindo inadvertidamente o Lyceu Salesiano, tradicional internato da cidade. (...) Assim, logo no inicio do ataque ao Palácio duas granadas atingiram um dos pavilhões da escola.¹⁵³

A estratégia de Arthur Bernardes foi cercar a cidade e utilizar o mesmo método dos revoltosos: bombardear São Paulo aleatoriamente.¹⁵⁴ O presidente ficou particularmente irritado com o apoio popular que os revoltosos tinham de parte da elite e população de São Paulo – mesmo que o apoio não fosse explícito.¹⁵⁵

Apenas em 27 de julho, depois da destruição de parte do bairro do Brás (onde se encontrava a editora de Lobato), a revolta terminou. Alguns dos revoltosos foram presos, outros foram para o Rio Grande do Sul e aderiram a Carlos Prestes. Todas as tentativas de convencer Bernardes a não utilizar bombardeios fracassaram – do arcebispo de São Paulo, ao prefeito da cidade.

Lobato estava no Rio de Janeiro quando a revolta começou e ficou impedido de voltar a São Paulo. Com o término da revolta, o autor mandou uma carta ao presidente Bernardes. Esta carta, datada de nove de agosto, é um dos seus escritos políticos fundamentais para compreender o seu estado de espírito depois da revolta. Nela, faz uma cuidadosa análise da organização política da Primeira República e recomenda o voto secreto como a solução para as revoltas militares. Dizer que Lobato recomendou apenas o voto secreto seria uma meia-verdade. O que lhe interessava, no momento, era criar uma representação política onde os homens ricos tivessem mais espaço e peso que os pobres.

¹⁵² Movimento Revoltoso. **Jornal da Noite**. São Paulo, 5 de Julho de 1924. p. 1.

¹⁵³ COHEN, I.S. **Bombas sobre São Paulo: A Revolução de 1924**. São Paulo: Editora Unesp, 2007.p. 33.

¹⁵⁴Ibid, p. 80.

¹⁵⁵Ibid, p. 48.

Há vários temas nesta longa carta e não há um parágrafo que não valha a pena ser lido. Lobato foi capaz de resumir todas as contradições políticas do período de uma forma brilhante e numa linguagem acessível. Para facilitar a sua compreensão, achei melhor dividi-la em três temas: a) por que ocorreu a revolta; b) o que deve ser feito para que nenhuma revolta ocorra; c) o perigo revolucionário.

Em relação ao primeiro tema, Lobato afirmou:

O estado de espírito do povo brasileiro é de franca revolta. Tomei médias e creio não errar orçando em 90% o índice das criaturas que quando se abrem na intimidade denunciam esse estado de revolta. (...) Abrange todas as classes sociais sem exceção e sobretudo a classe pensante, a parte culta do país. (...) cheguei à conclusão de que isso se dá em virtude do completo divórcio entre a política e a opinião pública. De toda gente ouvi os maiores horrores sobre a política e os políticos – tida aquela como a arte de explorar o Tesouro, e estes, como usurpadores indignos. Daí o completo desinteresse da nação pela política.¹⁵⁶

Segundo tema:

Um vício mantém cada vez mais vivo o divórcio entre o governo e a elite do país, vício tão grave que se não for corrigido a tempo nos arrastará à completa ruína. Esse vício é o nosso regime eleitoral de censo baixo. A experiência dos povos demonstra que o sistema representativo só dá benéficos resultados quando o regime é de censo alto. (...) As várias eleições a que assisti assombraram-me. Interroguei numerosos eleitores, em regra tabaréus boçalíssimos, e poucos encontrei que soubessem sequer o nome do candidato em quem votavam; nenhum vinha às urnas espontaneamente, no cumprimento livre de um dever cívico; este vinha em troca de um chapéu novo ou de uma nota de 50 mil-réis; aquele, por ordem de um patrão ou cabo qualquer. (...) Na opinião geral, o remédio está na adoção do censo alto e conseqüente afastamento das urnas da massa bruta; meio de conduzir a isso é um só: o voto secreto. (...) Que interesse tem em votar, sob o regime do voto secreto, o meu criado, que é um imbecil, *se ninguém lhe impõe esse ato ou não lho paga?*¹⁵⁷

Terceiro tema:

Vi a possibilidade de uma subversão completa da ordem no país inteiro, como se deu na Rússia, com o cotejo infinito de sofrimentos e horrores que as convulsões revolucionárias acarretam. (...) Esta revolução não será a última, porque a revolução está na alma de toda gente. (...) Há dois meios de se realizarem transformações políticas. Um, dolorosíssimo, pela violência, como na Rússia; um outro, suave, pela evolução, como na Inglaterra. (...) Como é inteligente o idealismo orgânico do inglês!¹⁵⁸

Há vários pontos que poderiam ser tratados nesta carta: a separação que o autor faz entre o músculo (pobres) e o cérebro (ricos) da nação. Seu comentário que qualquer

¹⁵⁶ LOBATO, Monteiro. **Ferro e O voto secreto**. São Paulo: Editora Globo, 2010.p. 85.

¹⁵⁷Ibid, p. 86 e 88.

¹⁵⁸Ibid, p. 88 e 90.

revolução no Brasil seria aceita imediatamente como legítima pela população. O acréscimo de uma nota de rodapé à carta, em 1946, onde diz: “a revolução de 1930 veio plenamente confirmar estas palavras”.

Entretanto, o que permanece como o ponto mais significativo desta carta é a pouca fé que Lobato tinha nas instituições da Primeira República e na forma que a sociedade se organizava politicamente – seu entendimento que o sistema representativo brasileiro simplesmente não funcionava. Não podemos negar que seguidos pontos da carta (como as futuras revoltas militares) têm um toque profético.

Como foi dito acima, nesta carta Lobato procurou convencer o presidente Bernardes a diminuir a participação popular nas eleições. Há um aspecto reacionário, em seu sentido literal, na atitude do autor. Afinal, durante o Império só podiam votar aqueles que tivessem renda alta. Durante a República, foi dado poder de voto a todos aqueles que fossem alfabetizados, independente de renda.

Toda via, Lobato, ao pedir o voto secreto, estava descrevendo as limitações da democracia no período. Há um aspecto quase que contraditório em sua carta: por um lado pede que boa parte dos eleitores sejam postos para fora do processo por serem pobres. Ao mesmo tempo em que procura trazer maior legitimidade ao processo eleitoral, que sem o voto secreto, era fundado na violência contra o mesmo eleitor. A aplicação do voto secreto seria (e foi) um golpe na política do voto cabresto, por exemplo. O típico coronel era poderoso pela sua fortuna, mas também porque podia controlar os seus eleitores. Um modo de intimidá-los era o voto a descoberto, que impossibilitava traições. Segundo Queiroz, mesmo que a democracia neste período tenha ampliado o número de eleitores, manteve como herança do Império o voto como um bem de troca.¹⁵⁹ Deste modo “a exigência de um coronel para que seus apaniguados votem em determinado candidato (...) tem como contrapartida o dever moral que o coronel assume de auxiliar e defender quem lhe deu o voto”.¹⁶⁰

A revolta de 1924 não marcou apenas o total descrédito de Lobato com o Governo Federal. Marcou também o fim de sua editora. Ao chegar nesta, viu marcas de bala e granada. Escreveu a Rangel, em 30 de setembro de 1924:

¹⁵⁹QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: FAUSTO, Boris. (Org). História Geral da civilização brasileira. **O Brasil republicano: estrutura de poder e economia (1889-1930)**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1997. p.179.

¹⁶⁰QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: FAUSTO, Boris. (Org). História Geral da civilização brasileira. **O Brasil republicano: estrutura de poder e economia (1889-1930)**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1997. p. 182.

Uf!... Felizmente nada de grave nos aconteceu. (...) Lá nas nossas oficinas da rua Brigadeiro, só duas granadas legalistas e marcas dumas 200 balas de carabina. Depois da debandada geral e da parada à força, já retomamos o trabalho.¹⁶¹

No mesmo ano uma seca no Estado de São Paulo faz a *Light* diminuir o fornecimento de energia. As máquinas da editora param. Logo em seguida, Bernardes toma uma medida econômica que dificultou a editora *Cia. Gráfica Editora Monteiro Lobato*. Em 1925 Lobato pede falência.¹⁶²

Depois desta série de eventos infortunados, Lobato sentiria um profundo ressentimento por Bernardes. Para o autor, em “O bombardeio de São Paulo”, o ato do Governo Federal contra São Paulo foi o “crime mais monstruoso da América”. Lobato compara Bernardes ao marquês de Sade. Vê no bombardeio uma tentativa de destruir a cidade de São Paulo, para diminuir o seu progresso em relação ao resto do país:

De longe, a salvo de qualquer agressão, o Catete sorria sinistramente. ‘A prosperidade de S. Paulo é um mal para o Brasil. Já que o Brasil não pôde acompanhar S. Paulo, é mister descer S. Paulo até ao nível do Brasil.’ Esta formula, onde a maldade disputa preferência à estupidez, viu no bombardeio o caminho mais curto para alcançar o nivelamento entressenhado. Destruir S. Paulo era formula que soava no Catete como um ‘tocsin’ patriótico.¹⁶³

A opinião de Lobato se radicalizou neste período e este pregou até mesmo a necessidade de secessão de São Paulo do resto do território nacional.

O movimento separatista paulista é antigo e pode ser detectado desde pouco antes do fim do Império. O federalismo da Primeira República foi uma forma encontrada pela elite econômica paulista de ter maior independência política dos antigos (e decadentes) centros, como Salvador e Rio. Para Viotti da Costa, durante a década de 1880:

As ideias separatistas nasciam do profundo desequilíbrio entre o poder político e o poder econômico que se observava nos fins do Império, oriundo do empobrecimento das áreas de onde provinham tradicionalmente os elementos que manipulavam o poder e concomitantemente do desenvolvimento de outras áreas que não possuíam a devida representação no governo. (...) De tudo isso resultava profundo descontentamento dos paulistas, que se sentiam ao mesmo tempo orgulhosos de suas empresas,

¹⁶¹LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**: Tomo2º. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 265.

¹⁶²CAVALHEIRO, Edgard. Livros, livros a mancheias. In: CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: Vida e obra**: Tomo I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

¹⁶³LOBATO, Monteiro. O bombardeio de São Paulo. In: LOBATO, Monteiro. **Na Antevéspera**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.p. 233.

prejudicados em seus interesses e cerceados em suas iniciativas, pela excessiva centralização.¹⁶⁴

O separatismo de Lobato é uma forma de expressar o seu ressentimento com Bernardes e o Catete, nem tanto uma questão da falta de poder político dos paulistas. Em nenhum outro momento (passado ou futuro) o Estado de São Paulo teria tanta influência e autonomia, quanto neste em que Lobato estava escrevendo.

No artigo “O direito de secessão”, Lobato procurou demonstrar que qualquer forma de anexação não funciona: A Alemanha com a Alsácia, a Rússia com a Polônia. Mesmo sem em nenhum momento utilizar a palavra “São Paulo” ou “Brasil”, Lobato pede que seus leitores imaginem uma província que se distanciou do resto de um território “econômica, financeira e mentalmente em proporções tais, que uma situação patológica se origina do evidente desequilíbrio social.”¹⁶⁵ Esta província rica deveria ou tomar o poder político (já tendo o econômico) ou se separar. Depois de sua volta dos Estados Unidos, Lobato iria abandonar a secessão como uma possibilidade e necessidade.

Lobato, com a editora falida, criou outra logo em seguida. Mudou-se para o Rio de Janeiro. Cidade que por ser sede do Governo Federal, em novembro de 1925 referiu-se como “parasita” e “ou o Brasil dá cabo deste Rio de Janeiro, ou o Rio de Janeiro dá cabo do Brasil.”¹⁶⁶ Na Capital Federal, em 1926, Lobato começou a pensar num livro que deveria ser publicado nos Estados Unidos. Perguntou ao seu amigo Rangel, em junho de 1926:

Sabe o que ando gestando? Uma idéia-mãe! Um romance americano, isto é, editável nos Estados Unidos. Já comecei e caminha depressa. Meio à Wells, com visão do futuro. O *clou* será o choque da raça negra com a branca, quando a primeira, cujo índice de proliferação é maior, alcançar a branca e bate-la nas urnas, elegendo um presidente negro!¹⁶⁷

Escrito em 20 dias, o romance é o sonho “lobatiano”.

1.5. Visões dos Estados Unidos da América: O Presidente Negro.

¹⁶⁴ VIOTTI DA COSTA, Emília. **Da Monarquia à República**: momentos decisivos. São Paulo: Editora Unesp, 1998.p. 472-473.

¹⁶⁵ LOBATO, Monteiro. O direito de secessão. In: LOBATO, Monteiro. **Na Antevéspera**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 210-211.

¹⁶⁶ LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**: Tomo 2º. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.p. 284.

¹⁶⁷Ibid, p. 293.

Lobato publicou apenas um romance, intitulado inicialmente *O Choque – romance do choque das raças na América no ano de 2228*. Publicado em 1926, um ano antes da viagem de Lobato aos Estados Unidos, foi escrito durante a sua estadia no Rio de Janeiro. É conhecido atualmente como *O Presidente Negro*. Parte do debate atual sobre este livro gira em torno do aspecto racista de seu enredo e do seu autor.¹⁶⁸ Para esta pesquisa, o debate do racismo e eugenia é secundário. A questão de que tratarei é a construção fictícia dos Estados Unidos no ano de 2228.

O romance passa-se em dois períodos históricos: o Rio de Janeiro da década de 20 e os EUA do ano de 2228: um romance dentro de um romance, assim como em *Hamlet* há uma peça dentro de uma peça. No *primeiro período* histórico existem três personagens centrais: Ayrton Lobo, Benson e Miss Jane. O primeiro personagem, narrador do romance, é um homem comum, funcionário da empresa Sá, Pato & Cia. O segundo personagem é um cientista, descendente de norte-americanos e o terceiro personagem é sua filha. No *segundo período* histórico há quatro personagens importantes: Jim Roy, Kerlog, Miss Elvin e Miss Astor. O primeiro é um concorrente negro à presidência americana. O segundo é o presidente americano. A terceira é uma intelectual que escreveu um livro influente sobre a dominação masculina. A quarta é a concorrente feminina à presidência.

Logo no início do romance, o narrador, Lobo compra um Ford. Como consequência o seu salário é dobrado pelos seus chefes. É pouco provável que a dobra do salário do narrador seja mero acaso. A política que deu fama a Henry Ford era o aumento do salário de seus empregados.

O automóvel Ford de Lobo é destruído no mesmo capítulo, quando o narrador sofre um sério acidente. Acorda na casa de Benson, ganha rapidamente a confiança do cientista e vira o seu confidente. É apresentado à máquina inventada por Benson, que possibilita qualquer pessoa ver o passado e o futuro. Assim como o Ford, a máquina é destruída por Benson momentos depois. O personagem não explica o motivo de destruir sua invenção, mas no terceiro capítulo diz que a humanidade não poderia ter acesso a tal dispositivo. Benson morre em seguida.

Depois da morte do cientista, cabe à filha, Miss Jane, descrever o futuro do mundo para Lobo. E o futuro é uma mistura de pesadelo racial com progresso tecnológico. Em 3527 a França é mongol e a raça branca não existe mais na Europa. Em

¹⁶⁸ TOLEDO, Roberto Pompeu de. Visionário Espiroqueta. **Piauí**. Número 25. p. 86-92. Outubro de 2008.

2200 não existiriam mais bondes, automóveis e aviões. É possível trabalhar dentro de casa, sem a necessidade de ir ao escritório, com a invenção do “radiotransporte”. O Brasil foi separado em duas partes: um industrial, chamado de República do Paraná e o segundo tropical.

Como o próprio título original do romance indica, há um choque de raças nos Estados Unidos. O choque é a luta pela eleição do 88º presidente americano no ano de 2228. Há três partidos políticos concorrendo: a Associação Negra, o Partido Masculino e o Partido Feminino. Os negros representam 54 milhões de eleitores, enquanto os homens brancos 51 milhões e as mulheres brancas 51,5 milhões. Há uma divisão entre os sexos, como visto, depois da publicação do livro de Miss Elvin, intitulado “Simbiose Desmascarada”, onde é levantada a tese de que a mulher não constituía a fêmea natural do homem, mas sim uma antepassada já extinta. É essa divisão que torna possível a divisão entre a raça branca e a eleição do presidente negro.

Publicado inicialmente no Brasil, Lobato tinha em mente mais tarde publicá-lo nos Estados Unidos. Logo, o que torna este romance tão interessante é a imagem inicial que o personagem Lobo tem da América em seu período histórico. Imagem construída pelo contato na empresa, com os seus chefes. Em sua opinião, os EUA seriam um povo sem ideias e materialista.¹⁶⁹ Ao afirmar isso a Miss Jane, Lobo recebe como resposta:

A um povo que tenta romper com o álcool acha sem idéias? (...) Se o senhor Ayrton observar um pouco a psique americana verá, ao contrário, que é o único povo idealista que floresce hoje no mundo. Único, vê? Apenas se dá o seguinte: o idealismo dos americanos não é o idealismo latino que recebemos com o sangue. (...) Possuem o idealismo orgânico. Nós temos o utópico. Veja a França. Estude a Convenção Francesa. Sessão permanente de utopismo furioso – e a resultar à natureza humana. Veja agora a América. Em todos os grandes momentos de sua história, sempre vencedor o idealismo orgânico (...) a programação das possibilidades que se ajeitam dentro da natureza humana. Leia Emerson e leia Rousseau. Terá os expoentes de duas mentalidades polares.¹⁷⁰

O comentário de Miss Jane, elogioso a Emerson e depreciativo a Rousseau é uma forma de parafrasear Henry Ford. Afinal, Ralph W. Emerson era o escritor favorito do empresário americano.¹⁷¹ Por isto é quase impossível separar o “idealismo orgânico”, síntese da América do futuro, de Henry Ford. Segundo Miss Jane, o “espírito de classe” iria destruir a Europa, da mesma forma que o “espírito de casta” destruiu a Ásia do

¹⁶⁹ Ibid, p. 88.

¹⁷⁰ Ibid, p. 88-89.

¹⁷¹ GRANDIN, Greg. **Fordlândia**: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.p. 68.

presente. Mas a América iria resistir, sem nenhum conflito de classe. E a razão seria que Ford teria demonstrado de que não haveria luta entre capital e trabalho:

Quando Ford provou que não há hostilidade entre o capital e o trabalho e sim mal-entendido – e o provou com o fato da sua formidável realização -, todos os olhos se abriram, e a indústria, até ali Moloch devorador da classe que produz e da que consome em proveito da que detém os meios de produção, passou a ser a mais harmonizada das associações.¹⁷²

Uma palavra, que apareceria constantemente nos escritos posteriores de Lobato, sintetiza a América: eficiência. Segundo Miss Jane:

Quem olhasse de um ponto elevado o panorama histórico dos povos, veria, na França, uma flâmula com três palavras; na Inglaterra, um princípio diretor, Tradição; na Alemanha, uma fórmula, Organização; na Ásia, um sentimento, Fatalismo. Mas ao voltar os olhos para a América perceberia fluidificado no ambiente um princípio novo – Eficiência. O princípio da Eficiência resolvera todos os problemas materiais dos americanos, como o eugenismo resolvera todos os seus problemas morais. Na operosidade e uniformidade do tipo, aquele povo lembrava a colméia das abelhas.¹⁷³

A “eficiência” não pode ser separada da forma de organização do trabalho na América de 2228. Não apenas pela harmonia entre as partes conflitantes (capital e trabalho). Mas pela forma de produzir: na América, todos produziram. O vadio foi suprimido pela eugenia, o doente pela higiene e o pobre pela eficiência. Henry Ford, “eficiência” e “idealismo orgânico” são todos sinônimos. O primeiro demonstrou que as relações de trabalho não precisavam ser necessariamente conflituosas. A segunda e terceira eram a possibilidade de pôr em prática a organização do trabalho de forma racional, sem nenhuma forma de utopia, eliminando a miséria.

Dois pontos da vida norte-americana, tratados no romance, são formidáveis: a forma que o governo se organiza e seu elitismo. Segundo Miss Jane:

- Os princípios da eficiência também haviam penetrado no organismo governamental. Deixou o governo de sugerir a lembrança dos hediondos ‘sistemas de parasitismo’ de outrora e de hoje, como (...) o devorismo orçamentário de certas repúblicas nossas conhecidas, onde fazer parte do Estado é conquistar o direito à inação da piolheira vitalícia – dormir, apodrecer na sonolência da burocracia que não espera, não deseja, não quer, não age – suga apenas.¹⁷⁴

¹⁷² LOBATO, Monteiro. **O Presidente Negro**. São Paulo: Editora Globo, 2008.p. 91-92.

¹⁷³Ibid, p. 116.

¹⁷⁴ Ibid, p. 117-118.

O elitismo político na obra *O Presidente Negro* é escancarado. Quando Lobo questiona Miss Jane se o sistema representativo persistiu na América, por todo este período, sem ser interrompido, ela responde:

- Sim. O sistema representativo persistiu. Mas só eram eleitos homens cujo viver social os apontava como seres de escol pela força e equilíbrio do cérebro. Não constitui uma situação sujeita a disputas, o ser deputado ou senador. Era uma contingência. Os homens de elite viam-se colocados nesses postos naturalmente, como o melhor músico das orquestras sobe naturalmente à cadeira da regência.¹⁷⁵

No romance, momentos seguintes, quando Jim Roy é eleito, Kerlog faz uma reunião entre os homens de elite para decidirem o futuro da América, na “convenção da Raça Branca”. Essa não deveria ser comparada com a Convenção Francesa, descrita pelo narrador como “tumulto utópico”.¹⁷⁶ A convenção branca era formada por apenas seis pessoas – os brancos, homem e mulheres, somados, seriam um pouco mais de cem milhões, como vimos – e apenas essas seis iriam decidir o que fazer. Com apenas uma exceção, todos são empresários bem sucedidos. George Abbot, chefe da indústria de bonecas. John Perkins, comércio de peles de lontra branca. Harmsworth, diretor do Banco Universal. John Leland, empresário da estética. John Dudley, inventor da “cor número 8”. Por último, Dorian Davis, poeta. Quando a convenção termina, o narrador diz:

Estava lavrada a sentença de ponto final do negro na América! Sem verborrêia, sem inútil dispêndio de retórica, sem citação dos *gros bonnets* da etnologia e da sociologia, a Suprema Convenção da Raça Branca traçara o diagnóstico e dera o remédio exato.¹⁷⁷

É possível separar a descrença do narrador no sistema representativo, da opinião de Lobato, manifestada em carta, após a revolta militar de 1924? Sim, é possível e justo. Afinal, há uma *semelhança* e não uma *equivalência* entre a carta de 1924 e o romance. Entretanto, em termos gerais, historiadores têm uma tendência maior de analisar o romance buscando o período histórico e nem tanto a forma literária: tipo de personagens, construção da narrativa etc. Ao descrever a América do futuro como um espaço onde a participação popular era muito limitada, o autor não estaria utilizando a ficção para descrever algo que ele também queria para o Brasil do seu presente? Esta pesquisa considera que a resposta é afirmativa. Claro que não apenas seis pessoas

¹⁷⁵ Ibid, p. 117-118.

¹⁷⁶ Ibid, p. 163.

¹⁷⁷ Ibid, p.166-167.

decidindo o futuro de milhões. Mas sim a participação da política (voto e representante) dominada pela elite econômica, eliminando o perigo de uma participação dos pobres ignorantes.

Deixando de lado esta questão política, há duas perguntas importantes: de onde Lobato retirou a palavra “eficiência” e por que Ford mereceu o crédito de ter salvado a América do destino europeu (divisão constante de classes sociais), no romance?

Lobato traduziu três livros de Ford: *Minha vida e minha obra*, *Hoje e Amanhã* e *Minha filosofia da indústria*. Juntou-os em três volumes juntos e intitulou-os de *Os Princípios da Prosperidade*, publicado em 1926. A palavra “eficiência” pode ser encontrada no sub-capítulo “princípios da eficiência” – mesmo termo que aparece no romance *O Presidente Negro*. Nesse sub-capítulo, Henry Ford deu quatro dicas para o futuro capitalista: a) não temer o futuro, nem idolatrar o passado, b) despreocupar-se com a competição, c) sobrepor o interesse da produção ao interesse do produtor, d) não reduzir a indústria à arte de vender caro o que se fabrica barato.¹⁷⁸

A admiração de Lobato por Ford não deve ser subestimada. No prefácio, ao livro traduzido, afirmou:

Quando no futuro um outro Carlyle reescrever Os Heróis, ao lado de Moisés, de Cromwel, de Odin, figurará Henry Ford – o herói do trabalho. Porque se há no mundo um herói do trabalho, um revelador das possibilidades do trabalho como remédio de todos os males que o não-trabalho, que o mau trabalho, que a iníqua organização do trabalho criou, é Henry Ford. (...) E quem no mundo moderno, mais que Henry Ford, está fecundando o progresso humano com o pólen que fará o nosso amanhã melhor que o nosso hoje e o nosso ontem? O valor de Henry Ford não reside em ser o homem mais rico de todos os tempos; isso faria dele apenas um saco mais pesado que outros sacos cheios; seu valor reside em ser ele a mais lúcida e penetrante inteligência moderna a serviço da mais nobre das causas: a supressão da miséria humana. Até aqui os solutores dos problemas sociais não passaram de idealistas utópicos, ao molde de Rousseau e Marx, dos que imaginam soluções teóricas, belas demais para serem exequíveis. Ford não imagina soluções. Dedu-las. Admite o homem como é. Aceita o mundo como está, experimenta e deixa que os fatos tragam à tona a solução rigorosamente lógica, natural e humana. É o idealista orgânico.¹⁷⁹

Se inicialmente Lobato deu ênfase à raça e depois à higiene, agora daria à organização racional do trabalho e à tranquilidade nas relações na fábrica, entre chefes e operários – o trabalho como salvação de todos os males sociais. A importância da higiene ainda fará parte de seus escritos (de *O Presidente Negro*, inclusive), mas Henry

¹⁷⁸ FORD, Henry. **Os Princípios da Prosperidade**. Rio de Janeiro: Editora Brand LTDA, 1926.p. 26-27.

¹⁷⁹ LOBATO, Monteiro. Prefácio. In: FORD, Henry. **Os Princípios da Prosperidade**. Rio de Janeiro: Editora Brand LTDA, 1926.

Ford “monopolizará” as obras futuras de Lobato. Em especial em *Mister Slang e o Brasil* (1927) e *América* (1932).

Não apenas suas obras, mas sua visão cotidiana do mundo. Em seu panfleto “Apelo aos nossos operários”, que como o próprio nome já diz, era restrito aos seus empregados na fábrica da editora (possivelmente escrito em 1919, devido a uma greve em sua editora)¹⁸⁰, Lobato começou afirmando que há vários princípios para manter uma empresa, como: bem servir o público, cooperação entre diretores, operários e consumidores, dividendos razoáveis, remuneração proporcional para os acionistas etc. A parte mais importante é quando o autor comenta sobre a organização do trabalho e os salários. Escreveu:

O dever do sócio-operário é dar à empresa a soma de trabalho que ao nela ser admitido se comprometeu a dar. (...) Precisamos não nos esquecer nunca de que o *trabalho é a lei da vida*. Sem trabalho não se vive. Tudo que na Terra existe a mais da natureza é produto do trabalho humano. (...) Quem paga o salário é a produção, o que vale dizer que o operário se paga a si próprio. Ora, se assim é, quanto maior, mais eficiente, mais econômico e rápida for a produção, mais os lucros avultam e maiores serão os salários. (...) Trabalhem, pois, com amor e boa vontade, conscientes de que somos um organismo capaz de ir ao infinito, se todas as células cooperarem em harmonia para o fim comum.¹⁸¹

Ora, esse é o mesmo argumento de Ford. Afirmou o empresário americano:

É preciso convencermos-nos de que o salário tem sua fonte na própria oficina. Se não é ele criado pelos operários não pode aparecer aos sábados dentro de um envelope. Jamais se inventará sistema que suprima a necessidade de trabalhar. A natureza determinou assim. (...) No trabalho está a nossa saúde, a nossa honra e a nossa salvação. Longe de ser castigo, o trabalho é a maior das bênçãos. Só ele é fonte de justiça social. O que dá mais, tem direito de receber mais.¹⁸²

E assim como no prefácio Lobato descarta o marxismo (e Rousseau) como algo prático e realizável, Ford usa um argumento similar na introdução de seu livro:

Não sou um reformador. Acho que reformar o mundo é tarefa demasiado grande, e noto que ligamos muita importância aos reformadores. (...) Todo homem que se intitula reformador quer apenas destruir o que existe. (...) O exemplo da Rússia nos ensina que da minoria e não da maioria é que procede a ação destruidora. Ensina-nos também que enquanto os homens vão ditando

¹⁸⁰ KOSHIYAMA, Alice M. **Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor**. São Paulo: Edusp, 2006. p. 77.

¹⁸¹ LOBATO, Monteiro. Apelo aos nossos operários. In: LOBATO, Monteiro. **Fragmentos, Opiniões e Miscelânea**. São Paulo: Editora Globo, 2010.

¹⁸² FORD, Henry. **Os Princípios da Prosperidade**. Rio de Janeiro: Editora Brand LTDA, 1926. 98 p.

leis contrárias à natureza, esta as vai ventando mais implacavelmente que os próprios czares.¹⁸³

Henry Ford era no momento, uma autoridade intelectual na vida de Lobato. Apenas o célebre antissemitismo (e, talvez, o pacifismo) de Ford não pode ser detectado na obra de Lobato. O que poderia ser descrito neste período como o “conservadorismo político” de Lobato – sua repulsa pela revolução social e revoltas militares – tem uma forte conotação “fordista”, por ver o conflito (em especial o de classe) como algo deve ser evitado a qualquer custo.

Mas até aqui não foi explicado o porquê do crédito de Ford como o solucionador da luta de classes. Para entendermos este ponto, é necessário voltar ao início do ano de 1914, quando Ford aceitou dobrar o salário de seus empregados, pagando-os \$5 dólares por dia – inclusive varredores. Um empregado qualificado na empresa de Ford poderia ganhar \$7 dólares por dia. Este ato de Ford foi recebido com assombro tanto pelos seus concorrentes quanto pela imprensa. Vale lembrar que um mineiro americano, na época, ganhava \$2,5 dólares por dia – com todo o risco que esta profissão acarretava. Mesmo na indústria automobilista, os salários de Ford representavam o dobrado.

A ideia de dobrar os salários não veio de Ford, mas sim de James Couzens, seu subordinado. Ao ler uma revista de tendências socialistas, Couzens se irritou com a resposta dada pelo editor a um leitor. O leitor questionou o editor: por que você não paga melhor os seus próprios empregados, já que você propõe melhores condições de trabalho? O editor respondeu que não poderia, por ser um pequeno empresário – teria que esperar que outros negócios fizessem primeiro. Para Couzens isso não fazia sentido.

O dia de \$5 dólares foi uma experiência de Ford. Duraria um ano e caso fracassasse os salários voltariam ao normal.¹⁸⁴ A lógica por trás deste aumento era a seguinte: os operários receberiam este aumento (um adiantamento dos possíveis lucros) nos seus salários, mas teriam que produzir mais no mesmo período de tempo, aumentando o lucro da empresa. Para Brinkley:

The subtlest point of the new wage scale was its being a ‘profit-sharing’ plan, rather than a mere raise. The implication of the term, which was explained many times to the men, was that at its inception the \$5 Day would be a one-year experiment in paying workers their share of projected profits in advance.

¹⁸³ Ibid, p. 14-15.

¹⁸⁴ Ver: BRINKLEY, Douglas. The \$5 Day. In: BRINKLEY, Douglas. **Wheels for the World**. USA: Penguin Books, 2003.

If the profits did not materialize, it was made clear, then the profit-sharing portion of the wage would be withdrawn in 1915 (...).¹⁸⁵

No dia seguinte, 12.000 mil homens aparecem nos portões da fábrica de Ford, procurando um emprego. A empresa não repelia operários, os atraía. Segundo Brinkley:

Nevertheless, the impact on the factory floor proved immediate, even among workers still waiting to be vetted. According to John Lee, production in many departments jumped by 50 percent or more. Similarly, overall factory productivity climbed some 15 to 20 percent, starting almost from the date of the announcement. The average daily absenteeism rate dropped from 10 percent to less than 0.5 percent.¹⁸⁶

Henry Ford dobrou a sua produção e eliminou a falta de seus operários no trabalho dobrando os seus salários. Foi a partir deste momento que Ford não foi visto apenas como um homem rico, mas sim como um filósofo. Diz Brinkley: “In the flash of the unveiling of the \$5 Day, he became one of the most famous men in the world, better known than his car, even. (...) he was elevated into a social philosopher.”¹⁸⁷

Era isso que interessava Lobato: a harmonia entre capital e trabalho, salários altos e produção alta. Ford, na opinião de Lobato, demonstrou que era possível. Esta construção fictícia de Ford no romance tem algo de real? Pelos estudos da vida dos operários na fábrica de H. Ford, a opinião de Lobato pode ser descrita como “otimista”.

Lobato não levou em conta o *Sociological Department* da empresa Ford, que investigava a vida privada de seus trabalhadores. O \$5 Day não pode ser separado deste departamento – o aumento do salário vinha com obrigações por parte dos operários, que deveriam levar uma vida sob os princípios de Ford – por isso o *Sociological Department* era tão importante, ele decidia quem estava apto a receber o aumento. A investigação era dividida em três categorias: 1) a biografia do operário, 2) a sua situação

¹⁸⁵ BRINKLEY, Douglas. **Wheels for the World**. USA: Penguin Books, 2003. 169-170 p. “O ponto mais sutil da nova escala salarial era o de ser um plano de “participação nos lucros” ao invés de ser apenas um aumento. A implicação do termo, que foi explicada muitas vezes aos homens, era que o dia de 5 dólares, em seu início, seria um experimento de um ano em que os trabalhadores receberiam a sua quota dos lucros projetados de antemão. Se os lucros não se concretizassem, foi deixado claro, então a porção de participação nos lucros do salário seria retirada em 1915.” [tradução do autor]

¹⁸⁶ Ibid, p. 174. “Ainda assim, o impacto na fábrica se provou imediato, mesmo entre os trabalhadores que continuaram à espera para serem avaliados. De acordo com John Lee, a produção em muitos departamentos aumentou em 50 por cento ou mais. Da mesma forma, a produtividade geral das fábricas subiu entre 15 e 20 por cento, começando quase desde a data do anúncio. A taxa de absentismo médio diário caiu de 10 por cento para menos de 0,5 por cento.” [tradução do autor]

¹⁸⁷ Ibid, p. 164. “No início da inauguração do dia de 5 dólares, ele se tornou um dos homens mais famosos do mundo, mais conhecido que seu carro, até. Ele foi visto como um filósofo social.” [tradução do autor]

econômica, 3) seus hábitos e moralidade.¹⁸⁸ Os principais pontos eram o segundo (o operário deveria ter casa própria, poupar seu salário e ter poucas dívidas) e o terceiro (o operário deveria evitar bebida, jogos). Logo, a “harmonia” era assentada numa relação paternalista. Como observa o autor Stephen Meyer III:

The investigators emphasized middle-class patterns and standards of life – the nuclear Family, a pastoral home or cottage for that Family, cleanliness in personal and domestic life, thrift, sobriety, traditional morality, Family-centered recreation and entertainment, and most of all hard work.¹⁸⁹

Outra questão que Lobato não comentou: Ford dobrou apenas o salário dos homens, deixando de fora as operárias.¹⁹⁰ Numa visão tradicional do papel da mulher na relação familiar, para o operário receber o aumento, sua esposa deveria ser dona-de-casa, sendo até mesmo proibido que ela trabalhasse.¹⁹¹ A partir de 1917, com a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, a relação de Ford com seus operários piorou ainda mais. Parte de sua mão-de-obra era estrangeira (inclusive de alemães). Alguns desses trabalhadores tinham tendências socialistas ou participavam de reuniões em sindicatos, como o IWW – *Industrial Workers of the World*. Numa política para deter o avanço de ideais socialistas em sua fábrica, os estrangeiros que simpatizavam com o sindicato eram taxados de “sabotadores” e demitidos.¹⁹² Ser “sabotador” era não trabalhar a toda capacidade e não dar, do seu próprio salário, dinheiro ao governo americano para financiar a sua participação na guerra. Novamente, para Stephen Meyer III:

They harangued and berated the dissident worker who refused to contribute to a Liberty Loan, who made an off-handed anticapitalist remark, or who did not produce at full capacity for the war effort. Sometimes the worker was disciplined, at other times he was discharged, and at still other he was turned over to federal authorities for prosecution. An atmosphere of fear and intimidation most certainly pervaded the shops of the Highland Plant. Only the boldest rebel dared to speak. Indeed, the mood of the Ford plant changed. The more repressive stick supplanted the paternalistic Five Dollar carrot.¹⁹³

¹⁸⁸ MEYER III, Stephen. **The five dollar day**. New York: State University of New York, 1981. p.130.

¹⁸⁹ MEYER III, Stephen. **The five dollar day**. New York: State University of New York, 1981. p. 147. “Os investigadores enfatizavam padrões e estilos de vida de classe-média – família nuclear, uma casa pastoral ou de campo para aquela família, higiene na vida pessoal e doméstica, poupança, sobriedade, moralidade tradicional, centro de recreação e entretenimento familiar e acima de tudo: trabalho duro.” [tradução do autor]

¹⁹⁰ Ibid, p.140.

¹⁹¹ Ibid, p.141.

¹⁹² Ibid, p.183.

¹⁹³ MEYER III, Stephen. **The five dollar day**. New York: State University of New York, 1981. p. 185. “Eles [vigilantes de Ford] repreendiam o operário dissidente que se recusasse a contribuir para o Liberty Loan, que fizesse uma observação anticapitalista, ou que não produzisse a toda capacidade para o esforço de guerra. Algumas vezes o operário era disciplinado, outras vezes demitido e em outras ocasiões,

Havia também a violência de Harry Bennett, “capanga” de Ford na época. Por exemplo: em 1932, sete anos depois da publicação do livro de Lobato, os “vigilantes” a mando de Bennett atiraram contra operários recém demitidos que faziam uma manifestação – cinco morreram e 19 ficaram gravemente feridos.¹⁹⁴ Em 1936, quando Ford lutou contra a sindicalização de seus operários, Bennett instalou uma metralhadora na principal fábrica de Ford, para intimidá-los.¹⁹⁵ Esta violência é posterior à publicação do livro de Lobato, logo ele não teria como prever estes acontecimentos. A imagem de Ford, construída por Lobato não é real. Mas o seu romance não poderia ser pautado pela busca da verdade. O que importa é a construção intelectual do Ford na obra: o idealismo orgânico.

No dia 31/01/1927, Silveira Bueno, cronista, poeta e jornalista, publicou uma resenha da obra *O Presidente Negro* no *Jornal da Manhã*. Escreveu:

(...) Pobre autor do “Urupês”. Como é lastimável a decadência intelectual de uma pessoa que já se admirou! Lobato é coisa morta, liquidada mentalmente e como tal, não deve mais aparecer em público. (...) “O Choque” não passou de uma tentativa falhada de romance. Não há proporção nenhuma entre o que se espera e o que se verifica no fim. (...) Lobato plagiou Wells, quem quizer certificar-se, que os compare. (...) “O choque” não tem lógica, não tem coerência: o autor se contradiz por todas as páginas, Ayrton Lobo é um ignorante e discute e compreende os problemas da física, da mecânica, etc, conversa fazendo citações de autores profundos. (...) A parte pior do livro, onde se revela a ruindade de Lobato, constituiu um caso de polícia, de tribunal até, é aquela em que, para fazer elogio, ou melhor, para patentear a sua adulação de Ford, aos Estados Unidos, vai systematicamente atacando, deprimindo a raça latina, o Brasil que elle visa amesquinhar. Só há uma pessoa na terra – é o Ford. Só há um paiz no mundo – os Estados Unidos. Só há uma raça no globo – é a americana do Norte. Porque não se naturaliza yankee? Porque não sae do Brasil? Porque não se oferece ao Ford como divertimento d'elle? Pensa que faria falta a este paiz, que já fez muito em atural-o até agora? Nenhuma. (...) “O Choque”, além de todos os defeitos que possui, traz ainda este – de ser um livro contra o Brasil, escripto por um brasileiro renegado. Este vício de Lobato é antigo: que é o Jeca Tatu? O maior ridículo lançado ao caboclo que fez o maior paiz da America do Sul. Quem forjou o Jeca-Tatú? Monteiro Lobato. Quem foi que em contos, em artigos avulsos, em conversas, até em sonhos sempre deprimiu os brasileiros, dando-os como ignorantes, como enfermiços, caricaturas de gente, etc.? Monteiro Lobato. Neste último livro a raiva d'elle se volta contra o homem pequeno, feio e preto, estigmas diz elle, de inferioridade racial. Lobato já comprou um espelho? (...) Em summa, um fracasso este livro que o autor nunca deveria ter publicado. Aconselho o Lobato um longo silêncio, um profundo exame de consciência, afim de nunca mais escrever nada, ou, si o

ele era entregue às autoridades federais para ser processado. Uma atmosfera de medo e intimidação certamente permeava a fábrica de Highland. Apenas o mais ousado rebelde se atrevia a falar. De fato, o humor na fábrica Ford havia mudado. A “vara” repressora suplantou a “cenoura” paternalista do five dollar.” [tradução do autor]

¹⁹⁴ GRANDIN, Greg. **Fordlândia**: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.p. 247.

¹⁹⁵Ibid, p. 333.

fizer, que faça coisa que valha ao menos o papel de jornal em que foi impresso.¹⁹⁶

A resenha tem seriíssimos defeitos. Entretanto, quando trata do romance, suas críticas são justas. De fato, *O Presidente Negro* não é um bom livro. Não chegou a ser publicado nos Estados Unidos. O romance parece mais um panfleto pró-eugenia, (o romance foi dedicado a Artur Neiva, célebre eugenista, e Coelho Neto) assim como “Jeca Tatu” é um panfleto pró-higiene. A reação de Lobato ao crítico foi bem humorada. Dedicou o livro *Mister Slang e o Brasil* a Bueno: : “A Silveira Bueno, poeta um tanto fúnebre e crítico zangadinho, dedica Monteiro Lobato”.¹⁹⁷ Esta pesquisa não compartilha da opinião da biografia de Lobato, *Furacão na Botocúndia*, quando os autores afirmam que: “(...) Lobato coloca o dedo na ferida da desigualdade entre as raças e do perigo do consumismo extremado daquele país”.¹⁹⁸ Cremos que isso é um anacronismo dos pesquisadores, mais do que a verdadeira intenção de Lobato.

Um ponto que seria interessante comentar, mesmo não havendo nenhuma evidência, é a influência da obra de Jonathan Swift, *Viagens de Gulliver*, na construção do enredo de *O Presidente Negro*. Sabemos que Lobato havia lido (e adaptado) esta obra no início da década de 1920, antes de publicar o seu único romance. Em *Viagens de Gulliver* há no 4º capítulo a castração dos yahoos (criaturas fisicamente similares aos humanos, mas com menor capacidade intelectual) ordenadas pelos Houyhnhms (criaturas similares aos cavalos e racionais). Esta castração é decidida numa “assembléia geral”. Em termos gerais, esse é o enredo do livro de Lobato. É claro que pode ser também uma coincidência.

¹⁹⁶ BUENO, Silveira. Livros novos. **Folha da Manhã**, São Paulo, 31 de jan.1927. [A resenha completa pode ser lida nos anexos]

¹⁹⁷ LOBATO, Monteiro. **Mister Slang e o Brasil**: colloquios com o inglez da tijuca. 1º edição. Companhia Editora Nacional, 1927.

¹⁹⁸ AZEVEDO, Carmen L; CAMARGOS, Márcia; SACCHETA, Vladimir. **Monteiro Lobato, Furacão na Botocúndia**. São Paulo: Editora Senac, 2001.p.217.

CAPÍTULO 2 – A “AMÉRICA” REAL

2.1 Mister Slang e a crítica da 1ª República.

Lobato publicou o livro *Mister Slang e o Brasil: colloquios com o inglez da tijuca* em 1927. Este livro é a reunião de uma coletânea de artigos publicados (no mesmo ano) originalmente em *O Jornal*, com sede no Rio de Janeiro. Slang, personagem fictício, é um inglês que veio ao Brasil com o interesse de estudar o pitoresco - o “parasitismo humano”.¹⁹⁹

No livro, o personagem John Irving Slang, no Brasil há oito anos, morador da Tijuca, debate com um personagem brasileiro (sem nome) sobre os principais problemas de sua época. O livro é uma crítica ao governo Bernardes e à política na 1ª República. Pode ser comparado com *Os Bruzundangas* de Lima Barreto, com a diferença que Lobato não cria um país fictício, ao estilo literário de J. Swift.

Não é difícil entender o porquê de Lobato ter utilizado um personagem inglês para criticar a política brasileira de sua época. Como vimos, na carta de 1924 do autor ao presidente Bernardes, Lobato descreveu a sua profunda admiração pelo sistema político inglês. Intitulou-o de “idealismo orgânico”, mesmo conceito que utilizou mais tarde para descrever Henry Ford. Também não devemos ignorar que Lobato possivelmente utilizou um método muito comum na literatura: criar um personagem ficcional para criticar os governantes reais. O mesmo método de J. Swift, em *Viagens de Gulliver*.²⁰⁰ Robert Demaria Jr. comenta que esta “obra de ficção [*Viagens de Gulliver*] era um meio menos perigoso e mais artístico em que Swift podia refletir sobre seu período de atuação política”.²⁰¹ A mesma coisa se aplica a *Mister Slang e o Brasil*. Lobato pôde se “proteger” atrás de seu personagem inglês – qualquer comentário polêmico aos governantes brasileiros seria uma opinião do “estrangeiro” e não do autor.

Antônio Candido faz uma distinção entre duas formas de personagem: o personagem de “costume” e personagem de “natureza”.²⁰² O primeiro seria superficial; sua lógica seria facilmente identificada pelo leitor – o termo exato seria “caricato” – e

¹⁹⁹ LOBATO, Monteiro. **Mister Slang e o Brasil**. São Paulo: Editora Globo, 2008. p. 92.

²⁰⁰ Um exemplo mais famoso desse mesmo método seria o livro de George Orwell, *A Revolução dos Bichos*.

²⁰¹ DEMARIA JR, Robert. Introdução. In: SWIFT, Jonathan. **Viagens de Gulliver**. São Paulo: Cia das Letras, 2010. p. 44.

²⁰² CÂNDIDO, Antônio. O personagem no romance. In: CÂNDIDO, Antônio; PRADO, Décio de Almeida; ROSENFELD, Anatol. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p.61-62.

quando entraria em cena, seria apenas para reafirmar seus valores, conhecidos por todos. O segundo teria a capacidade de surpreender o leitor, não teria uma regularidade clara e possível de ser identificada. Por esta mesma razão, teria três dimensões, na opinião de Candido.²⁰³

Monteiro Lobato não foi o maior romancista de sua época e isto se reflete na formação de seus personagens: Slang, por exemplo, pode ser encaixado no primeiro tipo: personagem de costume. Suas frases representariam o típico britânico racional e conservador. Para criar um contraponto, Lobato criou outro personagem que lidaria apenas com o senso-comum. Ambos se complementam: o primeiro tem um caráter pedagógico e paternal, enquanto o segundo é um aprendiz. Edgar Cavalheiro tem toda razão ao afirmar que no livro não há um colóquio e sim um monólogo.²⁰⁴ O personagem britânico domina todas as discussões e sempre as vence. De certa forma, Lobato já havia feito algo similar em *O Presidente Negro*, quando há o contraponto entre o personagem Lobo (ignorante e brasileiro) e o personagem Benson (cientista e descendentes de americanos).

Existe uma série de temas em *Mister Slang e o Brasil*. Os principais são: a necessidade de estabilizar a moeda nacional, a possibilidade duma Revolução ocorrer, o conservadorismo político de Slang, a mentalidade brasileira como atrasada, as causas da pobreza da nação, o determinismo climático de Slang, Henry Ford, a necessidade de estradas ligando os vários pontos do país, a importância da imigração européia, o voto secreto e por último, as críticas constantes ao governo de Bernardes e à Marinha. Não podemos ignorar que o livro parece ser uma tentativa de Lobato de condensar (com a utilização da ficção) todas as questões políticas e econômicas da 1^o República. Sua utilidade para o historiador é imensa.

É preferível discutir inicialmente o tema “Henry Ford”, antes de discutir a crítica de Lobato à elite política de sua época. Lobato foi seu tradutor, entusiasta e admirador. Alias, em *Mister Slang e o Brasil* há outro Ford, diferente, por exemplo, daquele em *O Presidente Negro*. Há outro, pois neste livro, Ford tem uma importância no futuro dos Estados Unidos, quando seu método de trabalho salva este país da divisão de classe.

Ford, em *Mister Slang e o Brasil* ainda seria resguardado duma forma positiva, mas não pelo fim do conflito de classes. Agora, Ford surge como um solucionador de

²⁰³CÂNDIDO, Antônio. O personagem no romance. In: CÂNDIDO, Antônio; PRADO, Décio de Almeida; ROSENFELD, Anatol. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2005. 61-63.

²⁰⁴ CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: Vida e obra: Tomo I**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956, p. 312.

problemas empresariais. Slang comenta o péssimo estado da Central e compará-la com a *Detroit-Toledo & Ironton* que vivia em péssimo estado até ser comprada pelo empresário americano:

- Comprou-a por 5 milhões de dólares e a primeira coisa que fez foi mandar varrê-la. Ford é um grande inimigo do lixo. Quando entra na posse de qualquer fábrica ou mina, primeiro a varre – para ver claro, diz ele, e ainda porque considera a sujeira um luxo muito dispendioso. Depois de varrida a estrada, elevou fortemente o salário dos homens. Em troca exigiu de cada um oito horas de trabalho. (...) Eis o segredo de Henry Ford. (...) Não há trabalho mais nobre ou menos nobre. Há trabalho, apenas.²⁰⁵

O narrador brasileiro afirma em seguida: “Realmente. O trabalho, só ele, resolve todos os problemas da vida!...”.²⁰⁶ E Slang responde: “O bom trabalho. O trabalho dirigido por um cérebro que sabe o que é a eficiência”.²⁰⁷ E afinal, o que é “eficiência”? Slang responde:

Eficiência é fazer ponta de lápis com o corte, em vez de com as costas do canivete; é ir de bonde para a cidade, em vez de ir a pé; ir de auto em vez de ir de bonde; (...) Diz Ford que eficiência é carregar um tronco de árvore numa carreta em vez de carregá-lo ao ombro. Eficiência, em suma, é fazer o contrário, exatamente o contrário, do que faz a nossa administração pública em todos os seus departamentos.²⁰⁸

Mecanização seria um bom sinônimo para eficiência. Entretanto, Ford e eficiência não são apenas isso. Lobato sempre deu ênfase a Ford como um homem que tornou a riqueza (pelo trabalho) possível. Mas a importância da riqueza na obra de Lobato não é um fim em si mesmo. Ser rico, para Lobato, era acabar com o clima de instabilidade política que a República passava naquele momento. Não era apenas uma questão de bem-estar individual ou coletiva.

Por exemplo, Slang, claramente o alter-ego de Lobato, não faz uma separação entre pobreza material e o estado de constante revolta da 1^o República. Para ele toda revolução aconteceria, em última instância, por questões econômicas.²⁰⁹ Momentos depois, o mesmo comenta que as revoluções brasileiras são epidemias que assolam o país, mas que ocorrem contra a injustiça. O personagem brasileiro pergunta:

²⁰⁵ LOBATO, Monteiro. **Mister Slang e o Brasil**. São Paulo: Editora Globo, 2008.p.86-87.

²⁰⁶ Ibid, p. 87.

²⁰⁷ Ibid, p. 87.

²⁰⁸ Ibid, p. 88.

²⁰⁹ Ibid, p. 41.

- Mas Mister Slang já me deu como causa das revoluções da miséria...
- E que é a miséria senão a consequência última da injustiça na distribuição dos bens? A longa continuidade da injustiça leva o povo à miséria, e por fim a revoluções ao molde da francesa em 89 ou da russa. Antes de chegar até lá, entretanto – e é este o caso do Brasil -, provoca revoltas parciais, sem forças para se alastrarem pelo país inteiro, e mais revoltas de grupos do que propriamente revoluções. Mas a origem é sempre a falta de justiça.²¹⁰

Logo, podemos supor que Ford, para Lobato, não é apenas uma panacéia na fábrica e nas relações entre empregado e empregador. Mas também uma forma de evitar que o Brasil seguisse o mesmo caminho revolucionário de França e Rússia. Afinal, quando o narrado brasileiro afirma que a causa e razão da pobreza brasileira é o seu povo, Slang diz:

- Depois que Henry Ford demonstrou como se aproveitam até cegos e aleijados, ninguém tem o direito de alegar o não presta. Tudo presta. Até um cego, um estropiado presta. A questão toda está em *proporcionar-se-lhes condições para prestar*. O mesmo cego que aqui não presta para coisa nenhuma em Detroit produz igual a um homem perfeito e ganha 6 dólares diários.²¹¹

Se revoluções são decorrentes da pobreza, Ford demonstrou como terminar com a segunda, eliminando a necessidade da primeira. O aspecto político conservador de Slang (e de Lobato) não pode ser ignorado. Slang vê na revolução uma necessidade, mas apenas em países injustos e pobres. Em outras palavras: a revolução é uma resposta desnecessária em países capitalistas desenvolvidos. O que interessava era o Brasil chegar neste último estágio e deixar de lado as suas constantes revoltas militares.

Como empresário falido, Lobato não tinha grande admiração por revoltas militares ou revoluções – mesmo fazendo alguns elogios a Prestes e ao movimento tenentista. Sem a revolta de 1924, sua editora não teria quebrado, em sua opinião. Tendo a França do século XVIII como o exemplo clássico, ele notou que as revoltas eram inevitáveis num país injusto e pobre como o Brasil de sua época. A revolução, em Lobato, deve ser entendida por dois pólos contraditórios: necessária e desnecessária. A revolução era uma necessidade quando o governo deixava de ser legítimo, graças à corrupção e à pobreza da população. Entretanto, num país democrático e rico, onde boa parte de seu povo tivesse acesso a uma vida confortável, a revolução nem mesmo teria condições de acontecer, pois seriam os revolucionários os ilegítimos.

²¹⁰Ibid, p. 55-56.

²¹¹ Ibid, p. 42.

Por outro lado, Lobato deu bastante ênfase a outras variáveis como “raça”, imigração europeia e ao clima frio como fatores de progresso, em especial no estado de São Paulo. O progresso econômico não era apenas a aplicação do método fordista. A necessidade de explorar as jazidas de ferro, para tornar o país rico, aparece apenas uma vez no livro.²¹² Foi mais uma forma que Lobato encontrou para criticar Bernardes, já que este queria deixá-las inexploradas. Dar ferro ao Brasil seria assumido por Lobato como uma missão, ao voltar dos Estados Unidos em 1931. Mas neste momento, aparece em apenas um parágrafo, e rapidamente.

O termo “raça” e a necessidade de imigrantes no Brasil são temas recorrentes e antigos na literatura de Lobato. Em seus contos pré-1914, como “A todo transe” o autor fez comentários sobre a raça brasileira (que seria velha e não nova). Em “Futebol” Lobato descreve a importância de estrangeiros em São Paulo.²¹³

Em *Mister Slang e o Brasil* há as mesmas questões e com conclusões muito similares. Quando o personagem brasileiro afirma que o Brasil é um país novo, Slang responde:

- País novo! (...) O Brasil é país velho, meu caro, é um dos povos mais velhos do mundo. (...) A raça que o habita é o velhíssimo português, misturado com o arquivelho africano, mais o venerável pele-vermelha que por séculos e séculos ocupou este território.²¹⁴

A imigração em São Paulo aparece ao menos duas vezes na obra. Nas duas vezes, os conceitos de “raça” e “mentalidade” são sobrepostos – chega a ser muito difícil separá-los. Por isso o conceito de “raça” é tão difícil de categorizar. Por exemplo: quando Slang afirma que com a estabilidade da moeda, o Brasil receberá maior afluxo de imigrantes, o personagem brasileiro diz:

- Colossal! O Brasil inteiro se transformará num estado de São Paulo, que se é o que é deve-o sobretudo a um pouco de braço e cérebro europeu que para lá se encaminhou.
- Mas o paulista não diz isso. Atribui tudo a si.
- Engano. Os paulistas de verdade reconhecem que o estrangeiro foi magna parte no progresso local, como também admitem que muito cooperou para esse progresso o senso das realidades que caracteriza a mentalidade paulista. Os brasileiros do Norte, por exemplo, em vez de senso de realidade possuem o senso da irrealidade.²¹⁵

²¹²Ibid, p. 64.

²¹³ Ver páginas 14 e 15 deste trabalho.

²¹⁴LOBATO, Monteiro. **Mister Slang e o Brasil**. São Paulo: Editora Globo, 2008.p.68.

²¹⁵Ibid, p. 47.

O “senso das realidades” do paulista deve-se à influência européia e seu “cérebro”. Momentos mais tarde, quando Slang e o personagem brasileiro comentam a precariedade das estradas brasileiras, a solução deste problema seria para o inglês: “- (...) O remédio é, como eu disse, indireto. Para ter a rede de estradas que a sua economia está pedindo, só possuiu o Brasil um meio: importar cérebros”.²¹⁶ O debate sobre o racismo na obra de Lobato ignora estas nuances entre os conceitos.

A ausência de estradas, ligando os vários pontos do Brasil, é um tema que mais tarde seria rotineiro nas obras de Lobato – em especial em *América*, onde o autor desenvolve melhor a razão dessas serem tão importantes para uma nação. Mas a necessidade de estradas ligando a capital ao interior e as capitais entre si, fazia parte deste mesmo período histórico. Washington Luís, presidente na época da publicação do livro, ficaria famoso pela frase “governar é abrir estrada” utilizada em sua campanha para governador em 1920, no estado de São Paulo. Sua passagem pela presidência é ligada à construções de novas estradas e ao asfaltamento de antigas.

Porém, a principal crítica de Lobato neste livro foi contra a burocracia governamental. Em especial aos altos impostos e à Marinha brasileira. Em relação aos impostos, temos novamente um problema de mentalidade. Slang vê nos impostos no Brasil uma herança de Portugal, que não mudou, mesmo com a Independência e outras revoltas:

- (...) Portugal, ao tomar posse da terra nova, cuidou de uma coisa só: o Fisco. A colônia existia para o Fisco. A Fazenda Real era tudo e os interesses do povo era nada. (...) Veio depois a independência, a Monarquia, a República, e em todas estas mudanças se mexeu em tudo, menos no Fisco.²¹⁷

O Brasil, para Slang, era como um cavalo magro, sem um milímetro de pele livre de parasitas (como Lobato chama a burocracia).²¹⁸ As críticas mais ácidas ficam para a Marinha brasileira, tratada como um luxo inútil. No primeiro momento, Slang descreve a Biblioteca Naval, onde “em vez de consulentes, empregados bocejantes que matam o tempo a ouvirem o caruncho roer a livraria”.²¹⁹ No segundo momento, o inglês diz:

- E que me diz da nação que gasta milhares de contos por ano para a conservação de umas armaduras marinhas que já tiveram o seu tempo, mas

²¹⁶Ibid, p. 103.

²¹⁷Ibid, p. 62.

²¹⁸Ibid, p. 79.

²¹⁹Ibid, p. 93.

de que se riem hoje os aviões? (...) Exército, Marinha e todas as mais criações do Estado só existem para justificar a extorsão de impostos e a manutenção de um bando imenso de parasitas, aqui e em toda parte.²²⁰

O terceiro momento, Slang vê na Marinha uma força ultrapassada, já que o avião iria dominar as próximas guerras.²²¹ As críticas foram tão pesadas, que há o acréscimo de uma “nota final” ao livro, onde o personagem brasileiro descreve sua visita ao couraçado São Paulo e como voltou “cheio de entusiasmo” deste. Segundo Nunes, Lobato foi enviado logo depois aos Estados Unidos porque sua segurança estava em risco – culpa dessas “declarações” de seu personagem estrangeiro.²²² Cavalheiro tem a mesma opinião.²²³ A eleição de Washington Luis também deve ter influenciado sua ida aos Estados Unidos, já que Lobato era amigo de seu Ministro da Casa Civil, Alarico Silveira.

O autor via na 1^o República uma organização política que não era legítima para a maioria de sua própria população não apenas pela sua incapacidade de tornar o Brasil um país rico, mas por ser fundada na fraude do voto e na alienação de grande parte de sua população.

Valores democráticos nunca chegaram a manter raízes profundas na política brasileira e este período não é exceção. Numa visão otimista, a democracia do período foi um rodízio de oligarquias, já que o voto popular era mantido sobre controle, seja pela sua limitação estatística, intimidação ou pela manipulação.

Possivelmente por esta mesma razão, em *Mister Slang e o Brasil* aparece novamente o tema do voto secreto e sua ligação umbilical com a possibilidade de uma revolução no Brasil. Não é apenas a estabilidade da moeda e a riqueza tornaria um país livre da possibilidade de uma revolução social. Somente a sua combinação com o voto secreto. Como afirmamos, o pano de fundo de todo o livro é a ausência de legitimidade política da República. O voto descoberto, como ocorria, deixaria, na opinião de Lobato, o eleitor com rancor deste mesmo sistema político, pois esse “foi vítima de uma injustiça. É um revoltado. Será um revoltoso se lhe calhar a ocasião”.²²⁴

²²⁰Ibid, p. 97.

²²¹Ibid, p. 110.

²²²NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato**: O editor do Brasil. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2002. p. 16.

²²³CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: Vida e obra: Tomo I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p. 352.

²²⁴LOBATO, Monteiro. **Mister Slang e o Brasil**. São Paulo: Editora Globo, 2008.p.58.

Slang atribui o fim das revoltas na Argentina e Uruguai à estabilização da moeda, combinado com o voto secreto.²²⁵ O personagem brasileiro, por sua vez, afirma que o voto secreto pode destruir as elites.²²⁶ A resposta de Slang é interessante:

Abusamos por aqui, meu caro, da palavra elite. Eu a interpreto como nata dos valores morais e mentais do país e logicamente pergunto: encartar-se-á nesta definição a elite que entre nós domina? (...) O Brasil possui a sua elite. Não há leite, por magro que seja, que não dê creme sobrenadante. Mas será um creme (...) o grupo que aqui domina?²²⁷

No final do livro, há uma passagem similar. O personagem brasileiro afirma que a “ralé” brasileira, em geral, não possui formação moral, mas que isso pouco importava, já que em nossa nação é a elite a detentora dos princípios morais. Slang não responde. O narrador brasileiro vai caminhando junto com este pela rua:

Mas de súbito vi caminhando em nossa direção um grupo de três senadores, um dos quais jogava *poker* com seis cartas. Senti um calafrio percorrer-me o corpo e, antes que a palestra dos três expoentes da nossa nata política chegasse ao alcance da apurada audição de Mister Slang, agarrei-o pelo braço e meti-o num automóvel.²²⁸

O que torna esta questão pertinente é que Lobato, em sua carta de 1924 ao presidente Bernardes, demonstrou forte repulsa pela camada mais pobre da população brasileira e tentou eliminar (ou diminuir) a sua participação na urna. Em outras palavras: para o Lobato de 1924, o eleitor de classe alta teria uma capacidade intelectual e moral maior do que um pobre. Agora, o autor não demonstra nenhum otimismo com a sua própria classe social. Podemos apenas supor o que ocorreu neste meio tempo. Em nossa opinião, o resultado do bombardeio de São Paulo pelo Governo Federal fez Lobato compreender que a República era corrupta no seu topo e não apenas em sua base.

Para confirmar esta tese devemos ficar atentos as constantes aparições de Bernardes no livro. Ao todo, são sete vezes. Em geral, Bernardes não é tratado pelo nome, mas é referido como “o último presidente mineiro”²²⁹ e “Marquês de Sade”.²³⁰ Seu governo é descrito como corrupto, que conseguiu “enxertar amoralidade no corpo

²²⁵Ibid, p. 57.

²²⁶Ibid, p. 58.

²²⁷Ibid, p. 58.

²²⁸Ibid, p. 128.

²²⁹Ibid, p. 47.

²³⁰Ibid, p. 52.

administrativo, sobretudo na Justiça – na Suprema Justica...”²³¹ Isto não significa que Lobato tornou-se um crítico implacável do Governo Federal. No mesmo livro há algumas passagens nas quais Washington Luís é descrito como um homem honesto, que iria normalizar a situação econômica e social brasileira.²³²

Entretanto, a conclusão do livro (quando Slang resolve ir embora do Brasil) tem um aspecto profético, mesmo que a profecia esteja parcialmente errada: os revoltosos, como Prestes, na opinião de Slang, iriam ganhar e tornar-se-ão legítimos. Afirma Slang:

Esta divisão entre revoltosos e legalistas é das mais precárias e muito me espanta vê-la em sua boca ou na de qualquer outro brasileiro. Noto a vossa linda cidade cheia de estátuas de revoltosos. No palácio da Câmara vejo a estátua de Tiradentes, um revoltoso; vejo a de Deodoro, outro revoltoso; vejo a de Benjamim Constant, outro revoltoso. Na avenida vejo estátuas de Pedro I, outro revoltoso contra a legalidade da época. No largo de São Francisco temos a de José Bonifácio, ainda um revoltoso. (...) Quando venho da Tijuca, passo pela rua Frei Caneca, outro revoltoso.²³³

No último parágrafo do livro, o personagem brasileiro afirma: “Tomei o bonde e remergulhei-me na cidade dos monumentos a revoltosos, calculando de mim para mim onde iria erguer-se em anos futuros a estátua do Marechal Prestes...”²³⁴

Se Prestes iria se tornar legítimo, a República só poderia se tornar ilegítima. Isto não quer dizer que Lobato decretou o fim da 1^o República, conhecida atualmente como República Velha, ou previu a Revolução de 1930, que iria ocorrer apenas três anos depois da publicação de seu livro. Como um homem que conhecia bem a história política brasileira, Lobato entendeu alguns sinais de seu próprio tempo: os revoltosos iriam se tornar legítimos, pois este era o padrão de nossa própria história.

2.2. Os Estados Unidos, avesso do Brasil

Lobato se mudou para os Estados Unidos, junto com sua família, no ano de 1927. Iria morar em Nova York, como adido comercial do Itamaraty. Tornou-se um assalariado do Governo Federal brasileiro. Mesmo governo que taxou de “parasita” por usar o dinheiro dos impostos em benefício próprio.

²³¹Ibid, p. 53.

²³²Ibid, p. 126.

²³³Ibid, p. 132.

²³⁴Ibid, p. 134.

Este momento da vida de Lobato lembra um de seus próprios contos. Em “O Luzeiro Agrícola” (1921) o personagem Sizenando Capistrano, poeta fracassado, procura no Estado um emprego. Consegue-o no Ministério da Agricultura, tendo como função o envio de relatórios. Relatórios que, como ele descobre mais tarde, iam direto para o forno de incineração da Casa da Moeda.²³⁵ O autor entendeu perfeitamente a sua situação contraditória de crítico e assalariado da mesma instituição. Afirmou em 04/07/1928 que:

(...) não pretendo fazer carreira nem permanecer nesta humilhante posição de funcionário da coisa mais ridícula e cretina que se possa conceber – governo brasileiro. Chego a ter nojo de mim, quando penso que estou a fazer parte dessa máquina de tapear o pobre Brasil.²³⁶

Comentando a necessidade de escrever relatórios ao Rio de Janeiro, numa carta de 03/05/1928, não cita nominalmente o seu conto, mas agradece a Alarico Silveira, Ministro da Casa Civil de Washington Luís, por não ter que passar por isso:

Também diga ao Dr. Mangabeira que estou gratíssimo por ele não ter exigido de mim essa imensa burrice de relatórios. O Brasil ainda nada conseguiu com os milhões de relatórios produzidos pela burocracia relatante. Mas que não ponha esse material fora. Contém carbono e no forno Smith servirão de ótimo redutor para ferro.²³⁷

Possivelmente suas críticas ao Exército (e Marinha) brasileiro foram fundamentais para sua mudança do Brasil. Lobato ironizou a sua condição de “exilado político” no livro *América*, usando o personagem Slang para se descrever:

Mister Slang nascera equilibradíssimo de faculdades e passara a vida a manter e aperfeiçoar esse equilíbrio. Daí o ser posto na lista policial dos “indesejáveis”, com a nota perigosa da época: “derrotista”. Não houve necessidade de deportá-lo. Mister Slang deportou-se a si mesmo.²³⁸

É curioso notar como o exílio faz parte da vida de boa parte dos intelectuais ou escritores. Deste mesmo exílio saem suas melhores obras. Isaac Deutscher observa que assim “como Tucídides, Dante, Maquiavel, Heine, Marx, Herzen e outros pensadores e poetas, o auge do destaque de Trotski, como autor, só foi alcançado no exílio, durante

²³⁵ LOBATO, Monteiro. O luzeiro agrícola. In: LOBATO, Monteiro. **Cidades Mortas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.

²³⁶ LOBATO, Monteiro. **Cartas Escolhidas**: Volume I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 252.

²³⁷ Ibid, p. 247.

²³⁸ LOBATO, Monteiro. **América**. São Paulo: Editora Globo, 2010.p.27.

os poucos anos passados em Prinkipo”.²³⁹Lobato poderia entrar nesta lista, mesmo não tendo sido expulso do Brasil. Sua obra *América* é sua última e melhor obra adulta. Depois dela apenas escreveria livros infantis e trabalharia como tradutor.

Havia no autor um antigo interesse pela literatura de viagem. Numa carta a seu amigo Godofredo Rangel, datada de 10/10/1911, Lobato disse:

Minha literatura não é de imaginação – é de pensamento descritivo; não cria – copia do natural. (...) Talvez [eu] seja capaz dum livro de viagens, de impressões e até de pensamentos, porque meu cérebro pensa – mas é só.²⁴⁰

Seria *América* este livro de viagens? A questão mais difícil de responder sobre o livro *América*, é como defini-lo: romance ou relato de viagem, ficção ou realidade? Neste livro, temos o retorno dos dois personagens do livro anterior de Lobato, *Mister Slang e o Brasil*. No caso, o personagem britânico Slang e o personagem brasileiro (sem nome). Ambos se encontram agora em Washington, fins da década de 20, e viajam pelos Estados Unidos, conhecendo as peculiaridades da sociedade americana.

O termo utilizado para descrever *América*, na edição de 2010, é “impressões de viagem”. Mas há uma dificuldade. Mesmo que o termo “impressões de viagem” não seja de todo modo equivocado para descrevê-lo, é insuficiente para delinear um livro de ficção, pois dá a impressão dum livro onde Lobato é o narrador. Não é o caso, obviamente.

Para tentarmos responder a esta pergunta, devemos voltar aos momentos iniciais da publicação de *América*. Há dois pontos que não podem ser ignorados. Em primeiro lugar, a 2^o edição de *América* foi vendida em 1934 numa coleção sobre viagens, da Companhia Editora Nacional, junto com o livro *Shanghai* de Nelson Tabajára de Oliveira e *U.R.S.S.* de Caio Prado Junior.²⁴¹Em segundo lugar, o 21^o capítulo de *América* é, inteiro, um despacho de Lobato ao jornal paulista *Folha da Manhã*.²⁴² Por isto este capítulo começa com o narrador dizendo:

Entre as cartas do Brasil que no dia seguinte me trouxe o correio vinha uma dum velho amigo apaixonado pelo voto secreto. Queria minha opinião sobre o voto secreto na América. Era assunto que ainda não me preocupara. Mas

²³⁹DEUTSCHER, Isaac. **Trotsky**: o profeta banido (1929-1940). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 255.

²⁴⁰LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**: Tomo 1^o. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 315.

²⁴¹Registro Bibliográfico. **Folha da Manhã**, São Paulo, 28 jan. 1934. p. 11.

²⁴²LOBATO, Monteiro. Eleição na América. **Folha da Manhã**, São Paulo, 15 jan. 1932. p. 10.

para não decepcionar esse amigo, dei balanço às minhas reminiscências e respondi-lhe nestes termos.²⁴³

Para logo em seguida, (mas agora entre aspas, para demarcar uma separação entre o narrador e o despacho) começar a falar sobre a eleição e o voto secreto nos Estados Unidos. Neste capítulo não há Slang ou o personagem brasileiro. Há Lobato trabalhando como correspondente internacional. Não temos como saber ao certo quem é este amigo ao qual Lobato se refere, mas podemos supor que seja Mario Pinta Serva, autor de três livros pró-voto secreto: *O Voto Secreto* (1924), *A Renovação Mental do Brasil* (1925), *A Lição da Revolta* (1926). Mario também publicava textos pró-voto secreto no jornal *Folha da Manhã*²⁴⁴ e assinou a carta escrita por Lobato ao presidente Bernardes, de 1924. Outra suposição seria que o intelectual que mandou a carta a Lobato seja Plínio Barreto – havia fundado com o autor a organização *Liga do Voto Secreto*, em 1925.

A pesquisadora Milena Martins descobriu recentemente que vários diálogos de *América* na verdade são adaptações de Lobato de trechos do *New York Times*. Os capítulos iniciais, sobre os direitos dos animais nos Estados Unidos, fazem parte dessas traduções. Assim como os diálogos sobre o arquiteto Harry Allan Jacobs.²⁴⁵

Logo, *América* é um híbrido, com um narrador “esquizofrênico”. Mistura de ficção com despacho jornalístico, tradução de outros autores, com opiniões de Lobato. O livro, em nossa opinião, também pode ser entendido como um *estudo de comparação* entre a realidade brasileira e a americana. Há um aspecto sociológico no texto de Lobato. Por isso o termo “impressão de viagem”, mesmo não sendo equivocado, diminui a grandeza da obra.

A vontade do autor de ir ao estrangeiro para analisar a nossa realidade vem de longo tempo. Em 28/12/1917, uma década antes de sua viagem aos Estados Unidos, Lobato comentou com Godofredo Rangel o desejo de ir ao estrangeiro para analisar o Brasil “de fora”:

Vejo ao longe uma ave exótica: a Europa. Não mais o projeto antigo da aldeia minhota, mas Paris. Acho que só de lá posso ver bem e bem estudar este Brasil. Cá dentro somos um pau de floresta, e os paus das florestas não

²⁴³ LOBATO, Monteiro. *América*. São Paulo: Editora Globo, 2010. p.164.

²⁴⁴ SERVA, Mario Pinto. Suprema necessidade. *Folha da Manhã*, São Paulo, 02 set. 1924.

²⁴⁵ MARTINS, Milena Ribeiro. *Censura na América*. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0130-1.pdf>. Acesso em: 07/06/2012.

podem fazer idéia das florestas em conjunto. Falta-lhes o longe da perspectiva aérea. (...) Tenho de colocar-me longe para olhar e ver se o Brasil é coisa que mereça consideração.²⁴⁶

Há uma passagem em *Mister Slang e o Brasil*, quando Slang adverte o personagem brasileiro, depois deste afirmar que o Brasil prospera: “- O Brasil não prospera, meu caro. (...) É que o Brasil se afez à sua miséria crônica, como o chim, e não vê, e não compara. (...) já perdeu de todo a sensibilidade e o senso do real”.²⁴⁷ Numa carta, de 04/07/1928, a seu cunhado Heitor, Lobato afirmou: “Se eu aí fazia uma ideia triste do Brasil. Imagine agora, que pude comparar...”²⁴⁸ O livro *América* pode ser posto neste contexto da biográfica e obra de Lobato. Podemos supor que foi uma tentativa do autor de estudar o Brasil do estrangeiro, comparando-o com uma sociedade “modelo” – no caso, os Estados Unidos da década de 20. Antes de ser um livro sobre a sociedade americana, é também um livro sobre a nossa.

Pode parecer surpreendente que o livro *América* tenha esta importância dentro da obra adulta de Lobato. O 1º, 2º e 3º capítulo de *América* tratam de temas que estão longe de serem interessantes para uma pesquisa historiográfica. Ficamos sabendo da história do cão “herói” que lutou na 1ª Guerra Mundial e da forma que os americanos adoram seus animais de estimação. Porém, tudo isto não retira a força da interpretação de Lobato das duas sociedades.

O que importa na mudança de Lobato aos Estados Unidos é o impacto (imediate e posterior) que este país teve em sua vida e obra – e a interpretação que o autor fez dos americanos e dos brasileiros. O impacto imediato de sua chegada à Nova York foi de assombro – palavra do próprio autor, que aparece repetidas vezes em suas cartas a amigos. Suas cartas são repletas de emoção sobre o estilo de vida americano. Lobato demonstrou estar extremamente impressionado com o que vê. A Heitor, seu cunhado, numa carta de 26/06/1927, diz:

Já estamos americanizados, isto é, já temos automóvel e rádio. O rádio cá é um assombro, porque pode ser ouvido o dia e a noite inteira. (...) Sente-se em tudo a riqueza espantosa do país. Não há pobres, o pobre daqui equivale ao remediado daí. (...) A cidade é um oceano de automóveis. (...) Tudo é tão desconformemente grande, tudo é tão o maior do mundo, que depois da 2ª semana a gente resolve não admirar mais coisa alguma. (...) Eu, por mim, não sairia mais daqui, porque o Brasil torna-se grotesco visto de longe.²⁴⁹

²⁴⁶LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**: Tomo2º. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 166.

²⁴⁷LOBATO, Monteiro. **Mister Slang e o Brasil**. São Paulo: Editora Globo, 2008.p. 63.[grifos meus]

²⁴⁸LOBATO, Monteiro. **Cartas Escolhidas**: Volume I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 252.

²⁴⁹Ibid, p. 203-204.

A seu amigo Lino, em 18/09/1927 afirmou:

A semana passada fui a Washington de auto. Que estradas! Que conforto, que maravilha... Vim besta pelo resto da minha vida e com uma tristeza imensa do Brasil não ser assim. Em 650 milhas de ida e volta, cortando inúmeras cidades do interior, lindas como sonhos, não vi um pobre, um esfarrapado, um mendigo... E o que mais me assombra aqui – a riqueza, o bem-estar do povo. Pela primeira vez na vida da humanidade uma organização social alcança este assombroso resultado – permitir que todos vivam folgadoamente de seu trabalho, havendo trabalho muito bem pago para todos. (...) Quanto à nostalgia, nenhuma ainda.²⁵⁰

A Alarico Silveira comentou, em 19/09/1927, que conheceu a Universidade de Columbia:

(...) que maravilha! E dizer-se que este assombroso país tem universidades às dezenas, e tão bem aparelhadas que só uma delas bastaria para encher de orgulho uma terra...(...) Eu continuo maravilhado com a América e só lamento ser um velho que pouco partido pode tirar do que vê.²⁵¹

Por último, a Godofredo Rangel, em 17/08/1927, o autor explicou que se sentia:

(...) encantado com a América. O país com que sonhava. Eficiência! Galope! Futuro! (...) Rangel: eu sou um peixe que esteve fora d'água desde 1882, quando nasci, e só agora caiu nela. Isto aqui é o mar do peixe Lobato. Tudo como quero, como sempre sonhei.²⁵²

Não podemos ignorar como a riqueza americana, confrontada com a pobreza brasileira, faz parte de boa parte de suas cartas. Nelas, Lobato descreve outros aspectos da vida nos Estados Unidos, como: o metrô, o direito dos animais, o respeito à lei, as mulheres, Ford etc. Todos estes temas aparecem em seu livro. Porém, o que fica como marcante é o assombro de Lobato com a economia americana – sua aptidão para produzir riqueza e numa quantidade inimaginável.

A interpretação da sociedade americana e brasileira não se dá apenas em suas cartas, mas também em seu livro *América*. Como foi dito, este pode ser lido como um *estudo de comparação* entre Estados Unidos e Brasil. Isto fica claro em várias passagens do livro. Por exemplo: Slang comenta a quantidade de trabalho acumulado que os americanos conseguiram desde que os primeiros colonos chegaram e diz:

- (...) Riqueza é trabalho acumulado. Em vez da águia eu poria como símbolo da América a formiga. A águia depreda. A formiga enceleira.

²⁵⁰Ibid, p. 208.

²⁵¹ Ibid, p. 210-211.

²⁵²LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**: Tomo2º. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 302.

Aquelas palavras fizeram-me [personagembrasileiro] voltar o pensamento para um país de igual território e idade, sito a milhares de milhas dali, onde a riqueza não se acumula.²⁵³

Em outro momento, o personagem brasileiro vê na arquitetura da *Trinity Church* a capacidade da sociedade americana de criar algo inteiramente novo, para logo em seguida falar de outros povos, que não teriam imaginação:

Nisto, como em muitas outras coisas, o americano mostra a sua capacidade de criar, sem atenção às sugestões do passado europeu. Criticam-no, metem-no a riso os outros povos. Por fim acostumam-se à idéia e acabam fazendo o mesmo. É desse modo que o progresso se processa. Nem todos os povos possuem instinto criador. Muitos apenas imitam e copiam quando imaginam criar. Nada fazem sem preliminarmente verificar se existem precedentes.²⁵⁴

Posteriormente, num diálogo que não fica claro se é Slang ou o personagembrasileiro, há a seguinte passagem:

- (...) Quem diz sistema americano, métodos americanos, está ipso facto referindo-se a sistema ou métodos nos quais a característica fundamental nasce da preocupação da eficiência. E essa preocupação já galgou até a máquina administrativa. Por absurdo que pareça, a administração americana é eficiente. Meu pensamento voltou-se para um país onde tudo nos leva a crer que o ideal é justamente o oposto – a ineficiência.²⁵⁵

É interessante notar duas coisas: em primeiro lugar, em nenhum momento o autor cita o nome do país onde o povo não acumulava trabalho, não tinha imaginação e era governado pela ineficiência. Entretanto, fica claro para o leitor que é o Brasil, país de origem do narrador. Em segundo lugar, Lobato utiliza esse “diálogo de contrários” em outras passagens do livro. Podemos supor que esta é a sua interpretação do Brasil: o oposto dos Estados Unidos. A cada parágrafo que Slang (ou o próprio narrador) comenta com otimismo a vida na América, o personagembrasileiro volta a seu país natal para descrevê-lo com pessimismo. Para reforçar esta tese, devemos nos lembrar que Lobato se referia em suas cartas aos Estados Unidos como “o avesso do Brasil”.²⁵⁶

A interpretação do Brasil em *América* é dum local “pitoresco”. O personagembrasileiro demonstra cansaço da paisagem tropical do Rio para explicar como as árvores de Washington são delicadas e civilizadas – algo que só a neve tornaria

²⁵³LOBATO, Monteiro. **América**. São Paulo: Editora Globo, 2010.p.93.

²⁵⁴Ibid, p. 222.

²⁵⁵Ibid, p. 262.

²⁵⁶LOBATO, Monteiro. **Cartas Escolhidas**: Volume I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 207.

isso possível.²⁵⁷ Depois dos personagens visitarem a Biblioteca do Congresso, o narrador brasileiro diz:

Devorei meu sanduíche com melancólico mastigar, saudoso das pequenas bibliotecas do interior do Brasil, onde o encontro dum volume que não seja Eschich, Ponson du Terrail ou Dumas nos traz sempre a sensação de pioneiro que descobre o Raio Verde.²⁵⁸

Num tema similar ao de 1914, quando Lobato criou o Jeca Tatu, o personagem brasileiro descreve a vida do rural no Brasil. O homem do campo:

ocupa o último degrau da escala social. Ainda no estágio do homem de pé no chão, a receber por ele todas as infecções parasitárias. Roupas de riscado toda remendos, chapéu de palha à indígena. Nada de cultura e nem sombra de esperança de poder dá-la aos filhos.²⁵⁹

Enquanto o seu colega americano teria rádio em casa, um Ford no quintal, ganhando cinco dólares por dia, com todas as comodidades da vida urbana, como: máquina de lavar, máquina de passar, aspirar de pó, etc.²⁶⁰

Posteriormente, Slang sugere a visita ao Museu Comercial, na cidade de Filadélfia. Esta talvez seja umas das passagens mais interessantes do livro – raro momento que a comparação com a realidade americana não é óbvia. É quando o personagem brasileiro se dá conta que o Brasil continua vendendo os mesmos produtos colônias de sempre. Diz:

Paramos na grande cidade para ver o que havia ali [no Museu] de Brasil. (...) Naquele museu, um tanto antigo, vimos a embolorada seção brasileira, com tudo quanto o Brasil podia apresentar ao estrangeiro naquela época. Espantoso! Eram as mesmas coisa que pode apresentar hoje... Minerais, fibras, tralha de índios, café (não valorizado), borracha, os nossos eternos produtos coloniais, eterna colônia produtora de matéria-prima que somos.²⁶¹

O personagem brasileiro comenta em seguida que nós deveríamos fazer propaganda “das nossas coisas”. Slang nega esta possibilidade: “- Propaganda do quê, meu caro? É duro dizer isso, mas vocês ainda não têm nada a apresentar ao mundo”.²⁶² Ele prossegue descrevendo a imagem que o Brasil tem de si mesmo:

²⁵⁷LOBATO, Monteiro. **América**. São Paulo: Editora Globo, 2010.p.37.

²⁵⁸Ibid, p. 72.

²⁵⁹Ibid, p. 77.

²⁶⁰ Ibid, p.77-78.

²⁶¹Ibid, p. 85.

²⁶²Ibid, p. 86.

- Julga o seu país a maravilha das maravilhas, mas com um único defeito: não ser conhecido no estrangeiro. (...) terra onde Deus nasceu, mostra as suas ufanias – o Amazonas, os oito milhões de quilômetros quadrados, o Pão de Açúcar, o Café, o Babaçu, Santos Dumont, o padre que inventou a máquina de escrever (...). Dessa atitude decorre o estribilho dos jornais ao darem notícia de qualquer coisa feia acontecida em tal paraíso: “que não dirá o estrangeiro?”²⁶³

Slang possivelmente é, neste momento, o adido comercial “lobatiano” frustrado com o seu próprio emprego. Ao descrever o Brasil da década de 1920 como um mero produtor de matéria-prima, Lobato começou a analisar a razão do atraso econômico brasileiro tendo os Estados Unidos como um modelo (e referência) de sucesso econômico. Por isso, a passagem do autor por este país é tão importante. Foi lá, na cidade de Detroit, que Lobato encontrou em contato com a possibilidade de produzir ferro no Brasil, tornando-o não apenas em mais um produtor de café ou banana, como outros países sul-americanos, mas num país industrial e rico, igual ao norte-americano. Como o autor disse na carta de 03/05/1928 a Alarico Silveira: “Seremos o irmão gêmeo, o *twin* dos Estados Unidos, e só não os excederemos porque eles levam cem anos de dianteira. Seremos o segundo país do mundo, o segundo foco industrial do mundo!”²⁶⁴

Depois de sua estadia nos Estados Unidos, Lobato iniciaria sua carreira como empresário do ferro (e do petróleo) e sintetizaria todos os problemas brasileiros a questões econômicas, como a ausência da produção de ferro e petróleo em nosso país. O autor já havia feito a mesma coisa, em momentos passados de sua carreira como jornalista-polemista em São Paulo e Rio de Janeiro na década de 1910 e 1920, mas tratando de outras questões. Sua cruzada pela educação sanitária da população rural, por exemplo, foi uma tentativa de acabar com o atraso brasileiro em relação aos povos europeus. Lobato, no passado apontava apenas um “mal” (falta de higiene) – taxando-o de nosso único “mal” – que levaria a outros males (pobreza).²⁶⁵ Mas a possibilidade de produzir ferro (e petróleo) no Brasil seria a luta mais duradoura na vida de Lobato. Seria também a sua última cruzada.

Numa carta de 26/04/1928 a Alarico Silveira, Lobato afirmou que iria conhecer a fábrica de Ford em Detroit, junto com o dr. Bulcão, empresário brasileiro. O autor descreve um encontro que ambos tiveram com o Mr. Smith (William H. Smith),

²⁶³Ibid, p. 86.

²⁶⁴LOBATO, Monteiro. **Cartas Escolhidas**: Volume I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 237.

²⁶⁵ Ver página 42 deste trabalho.

descrito como um funcionário de Ford. Smith expôs aos dois o seu novo processo de produzir ferro. Lobato diz ao seu amigo ministro: “Está resolvido o problema da siderurgia no Brasil. Este processo é o que vivemos esperando até hoje. Parece feito especialmente para nós. Uma pura maravilha”.²⁶⁶ A carta seguinte, de 03/05/1928, novamente a Alarico, começa com o autor afirmando:

Prepare-se para ler a carta mais importante que ainda foi escrita daqui para aí. Acabo de chegar de Detroit e vou atamancá-la a tempo de pegar a mala de amanhã. Passei em Detroit a *semana mãe* da minha vida, a mais rica de ensinamentos e altas impressões – e de capital importância para a solução de *todos* os problemas brasileiros, você verá.²⁶⁷

A “semana mãe” de Lobato foi a descoberta que:

Todos os nossos males, econômicos, financeiros e morais, inclusive a voracidade política, a falta de saúde, o safadismo carioca, o fermento revolucionário, a peste do militarismo, etc. provêm de uma única causa: pobreza, anemia econômica.²⁶⁸

E por que somos pobres? Porque não produzimos ferro:

Estamos na idade do ferro e os países que possuem os elementos de produzi-lo assumiram logicamente a posição de sóis em cujo redor se vêem forçados a gravitar os que não possuem esses dois elementos, minério e carvão. Inglaterra, Alemanha, França, Estados Unidos: sóis, cada qual com um lote de luas mortas a lhes girar em torno. São sóis, centros de sistemas planetários porque produzem ferro. Apenas. APENAS. APENAS!... Em consequência disso enriqueceram-se, deram origem a civilizações e subordinaram a si o resto do mundo.²⁶⁹

Lobato listou as razões da superioridade do processo descoberto por Smith dos outros: 1) o forno empregaria menos capital, 2) exigiria como agente redutor carvão de madeira, 3) trabalharia com qualquer minério.²⁷⁰ A segunda razão era a mais pertinente, afinal, na opinião do autor, teríamos “árvores à beça”.²⁷¹ Na carta, aparece pela primeira vez a ideia de criar uma empresa brasileira para produzir ferro, sob a orientação de Smith.²⁷² Ideia que tomaria grande parte do tempo do autor, depois de seu retorno ao Brasil.

²⁶⁶ LOBATO, Monteiro. **Cartas Escolhidas**: Volume I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p.232.

²⁶⁷ Ibid, p. 233.

²⁶⁸ Ibid, p. 234.

²⁶⁹ Ibid, p. 234.

²⁷⁰ Ibid, p. 240-241.

²⁷¹ Ibid, p. 241.

²⁷² Ibid, p. 244.

No livro *América*, Slang e o personagem brasileiro se encontram com o Mr. Smith, no *Detroit Golf Club*. Há o seguinte diálogo:

- Muito bem – disse o metalurgista – O ferro dará a vocês a máquina, o grande engenho que aumenta a eficiência do homem. Mas para mover a máquina têm vocês de mobilizar a hulha e esguichar o petróleo. Estão cuidando disso também?

De novo olhei para Mister Slang, que de novo olhou para mim. Em seguida olhamos juntos para o grande metalurgista.

- Sim, sim, sim, o governo está a cuidar disso também – declarei, corando levemente.

- Ótimo – exclamou o homem. – Produzindo ferro, terão a máquina, e produzindo carbono, terão a energia mecânica necessária para mover a máquina. Só assim a unidade territorial do seu país, que é a maior das riquezas, poderá ser assegurada.²⁷³

Fica claro que o projeto industrial de Lobato e seu projeto petrolífero são o mesmo. O objetivo não era apenas o enriquecimento do país, mas a sua consolidação como nação, evitando o seu esfacelamento em várias repúblicas – como ocorre no romance *O Presidente Negro*. O personagem Smith, em *América*, observa que o Brasil, pelo seu tamanho, corre o risco do “esfacelamento”.²⁷⁴ Para evitar isso, seria necessário estradas e transporte. Afirma:

- A escassez de transporte (...) *regionaliza*. Faz que os grupos de população se diferenciem de mentalidade e acabem antagônicos. Não se visitam, não se conhecem, não se intercambiam e acabam por se julgarem diferentes e *melhores*, mais merecedores de coisas do que os outros grupos.²⁷⁵

Em seguida, o personagem brasileiro pensa:

O Brasil, devido à sua grande extensão territorial e à segregação, por falta de transporte, dos seus vários núcleos de gente semeada pelos portugueses iniciais, estava cada vez mais ameaçado de perder a unidade. (...) Só a criação intensa do transporte, pelo desenvolvimento da indústria do ferro, os levaria à convicção de que tal superioridade jamais existiu.²⁷⁶

Podemos notar que o objetivo de Lobato (assegurar a unidade do território) é o oposto do que declarou anteriormente, quando afirmava que São Paulo deveria buscar a secessão do resto do país. Outra mudança radical na vida de Lobato, (ao lado da sua nova crença no ferro) em sua passagem pelos Estados Unidos, foi poder observar a eleição de Hoover, eleito em 1929. É disso que trata o 21º capítulo de *América*, que,

²⁷³LOBATO, Monteiro. *América*. São Paulo: Editora Globo, 2010.p.257.

²⁷⁴Ibid, p. 257.

²⁷⁵Ibid, p. 258.

²⁷⁶Ibid, p. 258.

como afirmamos, é um despacho para o jornal brasileiro *Folha da Manhã*. Este capítulo é uma crítica à política da 1ª República – similar à carta de 1924 de Lobato a Bernardes e ao livro *Mister Slang e o Brasil*. Lobato começa afirmando que o único eleitor no Brasil era o presidente da República e que no interior do país o eleitor era tratado como gado: “O coronel Fulano, por exemplo. Está bem, diziam. Possuiu cem mil pés de café, trezentas cabeças de gado e 120 eleitores”.²⁷⁷ Depois comenta que nunca teve muita fé no sistema representativo – até ver como a eleição ocorria nos Estados Unidos. Lá, os jornais pesquisavam sobre a vida do candidato e não havia nenhum tumulto no dia de votar:

O eleitor entra e apresenta à mesa o certificado que tirou dias antes e o autoriza a votar naquela seção. A mesa registra-o e pronto. A função dela se resume nisso. O resto cumpre ao eleitor. (...) Ninguém fala, ninguém discute, ninguém berra, ninguém sabe em que nome o cidadão votou. Finda a eleição, a máquina dá os números, que são o registro exato dos movimentos da manivela.²⁷⁸

Por fim, Lobato diz:

Esses fatos provocaram uma revolução em meu cérebro. Convenceram-me de que o sistema representativo é possível e funciona admiravelmente. Mas também me convenceram de uma coisa: que só é possível onde o povo haja alcançado o grau de desenvolvimento econômico que a América demonstra. Independência moral tem por base a independência econômica. País tão pobre que necessita trocar o voto por um chapéu, nunca poderá alçar-se à categoria de eleitor. (...) Como sairmos disso? Por meios diretos, com uma nova lei eleitoral? Ingenuidade. Só por meios indiretos o conseguiremos. Só o desenvolvimento econômico do país, com a criação da siderurgia, com a descoberta do petróleo e outras coisas que fizeram a independência do americano. Copiamos da América as suas leis básicas. Esquecemos de fazer o resto. Daí o fato dessas leis básicas funcionarem na América e falharem no Brasil. Tais leis requerem um alicerce econômico que nos falta.²⁷⁹

Lobato sintetiza todo o problema eleitoral brasileiro (a violência contra o eleitor e a ausência da escolha livre em quem votar) a uma questão de pobreza da maioria de seu povo. Com riqueza, daria a este a independência moral necessária para torná-lo um cidadão.

Ao tentar produzir ferro e encontrar petróleo no Brasil, não estaria Lobato tentando reproduzir a democracia americana e não apenas a riqueza americana? Não devemos criar uma imagem angelical e altruísta de Lobato. Ao tornar-se empresário, ele pensava em enriquecer-se. Como disse numa carta de 20/01/1932, a seu amigo Lino,

²⁷⁷Ibid, p. 165.

²⁷⁸Ibid, p. 168.

²⁷⁹Ibid, p. 169.

queria “criar a dinastia dos Rockefellers do Brasil”.²⁸⁰ Mas não podemos ignorar que havia um sentido de “missão”, “dever” ou “projeto de nação” em Lobato, ao fazer este empreendimento. Unidade territorial e democracia provavelmente foram as suas metas.

América não precisa ser lido necessariamente como um estudo de comparação entre a realidade brasileira e americana. Essa é apenas uma de suas características. Lobato também tratou longamente do *american way of life*. O maior “tema” em *América*, pelo número de páginas que aparece, é a mulher americana e a sua liberdade sexual e econômica. O personagem brasileiro fica impressionado com a quantidade de mulheres na rua:

- Como há mulheres em circulação na América, Mister Slang! – exclamei admirado. – Só depois que aqui pisei é que vi mulher. No Brasil existem apenas amostras, tão raras são. Creio que a porcentagem feminina nas ruas de São Paulo, por exemplo, orça por uma para dez passantes masculinos. (...) Mas aqui vejo um perfeito fifty-fifty.²⁸¹

Lobato constrói um “tipo ideal” de mulher americana: quando jovem seria liberal, quando velha, reacionária. Slang afirma:

- Quando esse intrépido animalzinho rebelde perde a frescura, a maciez da pele, o brilho dos olhos, o arbritamento do nariz e começa a virar matrona, muda imediatamente de campo. Passa das fileiras da revolta para as do conservantismo feroz. (...) Puritanizam-se. (...) Passam a olhar de má cara o amor, a perseguir os livros independentes, a condenar ao fogo Rabelais e a exercer a censura sobre todas as manifestações artísticas e literárias da América.²⁸²

Comentando esse aspecto da realidade americana, o narrador brasileiro ironiza a “moral” puritana: “Moral quer dizer antisssexual, negador do sexo. Para a macacal puritano não existe sexo – nem álcool. (...) Moral significa acordo com as ideias das macacas. Imoralidade significa desacordo”.²⁸³

Mesmo que o livro, em geral, mantenha uma visão otimista do estilo de vida americano, o aspecto mais negativo dos Estados Unidos, na opinião do personagem brasileiro e de Slang, (e não temos porque negar, na visão de Lobato) é a interferência dos puritanos na arte e na ciência – em especial no cinema e no estudo da obra de Darwin. O julgamento do professor Scopes, que ganhou fama nacional pelo

²⁸⁰LOBATO, Monteiro. **Cartas Escolhidas**: Volume I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 324.

²⁸¹LOBATO, Monteiro. **América**. São Paulo: Editora Globo, 2010.p.86.

²⁸²Ibid, p. 135.

²⁸³Ibid, p. 146.

trabalho jornalístico de H. L. Mencken aparece em *América* como um exemplo do absurdo da censura religiosa na vida acadêmica. Talvez essa seja uma das interpretações de Lobato dos Estados Unidos: *a constante luta entre puritanos e seculares*. Como Slang diz:

A América é isso – o perpétuo conflito entre o fanatismo que desembarcou em New England com os puritanos e a natureza humana como ela é. Deste conflito nascem todas as suas tragédias. Um nega, outra afirma. (...) Nessas lutas nunca há vitória integral dum lado ou de outro. Há o que vemos – empate.²⁸⁴

A outra interpretação seria duma *sociedade inédita* na história, que havia alcançado um novo patamar de prosperidade econômica, possível com a sua industrialização. O termo “inédito” aparece repetidas vezes no livro para descrever. Afirma Slang:

- O grande orgulho do americano está nisso, neste alto padrão de vida jamais alcançado em país nenhum e sempre julgado sonho inatingível (...) Que é coisa inédita, não me resta a menor dúvida. Cri porque vi e estou vendo. E duvido que sem ver alguém o creia. A América é a terra do ver para crer.
- Por que é assim?
- Tudo consequência lógica do aumento da eficiência do homem graças ao uso progressivo da máquina. Segundo os cálculos, está o americano com um índice de eficiência igual a 42, quando o do europeu é igual a 13 e o do homem natural é igual a 1.²⁸⁵

Em outra passagem, o personagem brasileiro diz:

-Tudo. Tudo nesta terra é absurdo, desconcertante, excessivo. Estou mentalmente reduzindo a réis os orçamentos dessas cidades. Dá disparates.
- Não meça as coisas americanas com as medidas da sua terra. As velhas medidas europeias, que são as mesmas da América do Sul, não medem mai a América do Norte. Ela não só criou coisas novas, como também criou medidas novas.²⁸⁶

Há um aspecto curioso no pedido de Slang ao personagem brasileiro (“não meça as coisas americanas com as medidas da sua terra”). Afinal, na obra as comparações são constantes. O pedido de Slang parece uma desistência de Lobato de continuar comparando o Brasil com os Estados Unidos, dizendo que não havia mais como fazer isso.

²⁸⁴Ibid, p. 147.

²⁸⁵Ibid, p. 78.

²⁸⁶Ibid, p. 104.

A terceira interpretação envolve Henry Ford: ser americano significaria ser *eficiente*. Essa palavra recebe vários significados nas obras de Lobato, podendo ser um sinônimo de “industrialização”, “racionalização”, “ciência” ou até mesmo “impostos justos”. Em *América*, Ford é descrito como o símbolo (e síntese) dos Estados Unidos pelo uso da ciência na fábrica. O personagem brasileiro ficou particularmente impressionado com a forma que ocorria a alimentação numa fábrica fordista: os operários recebiam um “almoço completo, estudado e dosado por um corpo de bromatologistas. (...) os entes humanos que lhe trabalham nas usinas recebem a sua dose de combustível alimentar na quantidade (...) cientificamente requeridas”.²⁸⁷ Para Slang isto era:

- Eficiência, meu caro. (...) O gênio de Henry Ford não constitui uma exceção, um fenômeno isolado, como o de um Bacon que vivesse na Zululândia. É uma resultante. Ele apanhou no ar as moléculas da eficiência que esta América exsuda e as corporificou neste imenso todo. O gênio de Henry Ford não passa da individualização do gênio da América.²⁸⁸

Um ano e dois meses depois da sua “semana mãe”, Lobato tornou público o seu projeto industrial para o público brasileiro. O jornal *Folha da Manhã* publicou no dia 01/07/1929 uma longa reportagem, intitulada “A indústria de aço no Brasil”. Lê-se que:

“Um problema econômico de (ilegível) primária para o Brasil tem solução no emprego do processo Smith de redução do ferro na indústria siderúrgica brasileira. A adoção deste processo no Brasil será um grande passo que contribuirá muito a dar-lhe um lugar entre as potências mundiais” declara o dr. Monteiro Lobato, Addido Commercial Brasileiro nos Estados Unidos que tem estudado detidamente o processo descoberto por William H. Smith, presidente da General Reduction Company, Detroit, Mich, E.U.A. (...) O ferro produzido pelo processo Smith no Brasil custará 70 por cento menos que o ferro que actualmente produzem as fábricas da America do Norte e da Europa. (...) Crê o dr. Lobato que a aplicação do processo Smith no Brasil trará uma revolução na indústria siderúrgica mundial, sendo possível que o Brasil se torne o productora mais importante desde mineral tão necessário, e tome o seu lugar entre as grandes potências mundiais. O addido Commercial Brasileiro em Nova York crê que uma das primeiras conseqüências da aplicação do processo Smith na redução do ferro no Brasil será a fundação imediata de algumas fundições e fabricas de automóveis importantes neste paiz. A direcção de uma das empresas mais importantes na fabricação de automóveis de preço modico nos Estados Unidos já assegurou ao dr. Lobato que montará uma fabrica no Brasil para produzir automóveis de sua marca para todo o mercado da America do Sul logo que a produção do ferro esponjoso no Brasil for sufficiente.²⁸⁹

²⁸⁷ Ibid, p. 259-260.

²⁸⁸ Ibid, p. 260.

²⁸⁹ A industria de aço no Brasil. *Folha da Manhã*, São Paulo, 01 Julho 1929. p. 7.

Esta reportagem, de 1929, contradiz o que Edgard Cavalheiro afirma, quando escreveu:

A principio, quando ainda na presidência o Dr. Washington Luís, [Lobato] evitara qualquer publicidade sobre o assunto [Smith]. A não ser a indiscrição de Artur Neiva divulgando trechos de uma carta particular, nada publicara. Limitara-se a relatórios oficiais, e a apelos a amigos que dispunham de poder. Mesmo quando, desesperados de qualquer iniciativa oficial, inicia com Bulcão a organização da empresa, pede nas cartas aos amigos que nada revelem.²⁹⁰

Não havia segredo algum. Lobato tornou público o processo Smith para a imprensa brasileira na presidência de Whashington Luís e fez isso enquanto adido comercial – não depois. Lobato, por motivo desconhecido, não comentou esta reportagem em sua obra *Ferro*, mas escreveu que “por indiscrição de Artur Neiva, a quem contei isso em carta, um jornal de São Paulo noticiou o fato daquele ferro feito com minério de Minas e palha de café de São Paulo”.²⁹¹ A fábrica citada na reportagem possivelmente é a Ford. Em suas cartas Lobato comentou que chegou a conhecer o filho do industrial, Edsel, em Detroit.²⁹² A admiração de Lobato por Ford é tamanha que ele chegou a fazer planos para trabalhar como um simples operário, por um mês, na fábrica Ford.²⁹³

O jornal *Folha da Manhã* também publicou duas resenhas da 1^o edição do livro *América*. A primeira, de 03/06/1932, Menotti Del Picchia escreveu:

Com o seu livro, o creador de “Urupés” nos transporta em carne e osso no paraíso mecânico engendrado pelo gênio “yankee”. Vive-se dentro do sonho ou do pesadelo gigante creado pelos descendentes de Washington e de Lincoln. (...) O livro instrue e empolga. Lobato não é um observador aparvalhado, achatado pelo prestígio dos arranha-céus “newyorkinos”, papocando parvas exclamações caipiras, cegada pelos revérberos de Broadway ou babando-se á visão venusiva das curvas esculpturaes das “girls” de Ziegfield. (...) Lobato tudo fez para ver a “America” com olhos americanos. Sua prodigiosa intelligencia operou um rápido milagre de adaptação, mesmo porque, em todo o seu livro, sente-se uma sympathia porejante pela gente que construiu a maior civilização do universo. (...) “America” é também um livro útil. Vale por uma viagem. Lendo-se suas paginas, a gente caminha, desloca-se, vê tanta coisa e tanta gente, tanta vida e tanto sonho, que, no final da sua leitura tem-se vontade de escovar-se a roupa, como si ella estivesse cheia de poeira de um trem de ferro que houvesse percorrido de norte a sul o pais mais rico e mais original do mundo. Pena ser um livro intraduzível. Lobato escreveu esse “America” unicamente

²⁹⁰ CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: Vida e obra: Tomo I.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.p. 363.

²⁹¹LOBATO, Monteiro. **Ferro e o Voto Secreto.** São Paulo: Editora Globo, 2010. p. 43.

²⁹²LOBATO, Monteiro. **Cartas Escolhidas: Volume I.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.p. 239.

²⁹³Ibid, p. 220.

para os brasileiros. Pena mesmo, porque, pensando bem, elle escreveu uma America para americanos... – Mas do Sul... – acrescentaria o sarcástico Mr. Slang, amável e sabido cicerone do nosso luminoso Geca-Tatú...²⁹⁴

A segunda, de Yaynha Pereira Gomes, em 22/06/1932, lê-se:

Sei de varias pessoas que, indo a Norte America, enlouqueceram. É o monumental que arraza todo o raciocínio. “America”, de M. Lobato não enlouquece, mas aturde. São bibliothecas incommensuraveis, cidades gigantes, casas que tocam o céu, momumentos de semi-deuses, glorificações de cães, universidades, quadrilhas de ladrões, actuação do “chapéo alto”, “girls” (Ah! Monteiro Lobato tem uma fascinação pela “girls”!...) (...) Mrs. Slang é um frio observador, com a cabeça atulhada de factos, números e raciocínios. Tudo nelle é cérebro. (...) Mrs. Slang é um espírito sizudo. O “outro” porém, em cujas veias não corre sangue de lordes, o outro, que é filho desta gleba, e que sente a tonalidade de nosso verde e a beleza de uma “Victoria regia”, ou outro, que é muito nosso, muito do nosso coração, quebra o tom pretencioso da perfeição americana com seus commentarios humanos e simples. (...) ²⁹⁵

O livro *América*, publicado em 1932, provavelmente não teve o impacto que Lobato gostaria de ter tido na literatura ou sociedade brasileira. Segundo Nunes, o livro não chamou atenção do público.²⁹⁶ A 2ª edição de *América*, de 1934, veio com um acréscimo dum prefácio, escrito por Lobato, onde se lê:

Este livro incorre no mais grave dos defeitos: traduz sobre a America as impressões duma creatura que lá residiu vários annos. Ora, é ponto assente no Brasil que só teem direito de opinar sobre a America os que não a conhecem. A opinião dos que a conhecem foi sempre suspeitíssima. Cunhambebe tem um modo todo seu de raciocinar – não fosse elle quem é...A incompreensão do fenômeno americano pode filiar-se á natural incompreensão que o carro de traz sempre há de ter da locomotiva. Há muito pouco Hoje no mundo. Na própria Europa o Ontem ainda atravanca a mor parte dos paizes. Naturalissima, pois, a geral incompreensão relativa ao único povo onde o Amanhã da humanidade já vae adeantado.²⁹⁷

Este acréscimo parece uma tentativa de Lobato explicar o porquê de sua obra não ter chamado atenção. *América*, que é a obra adulta mais extensa de Lobato, ficaria conhecida por uma frase apenas: “Um país se faz com homens e livros”.²⁹⁸ O que é uma pena.

²⁹⁴PICCHIA, Menotti Del. America. **Folha da Manhã**, São Paulo, 3 junho 1932.p. 6.

²⁹⁵GOMES, Yaynha Pereira. America. **Folha da Manhã**, São Paulo, 22 junho 1932.p. 3.

²⁹⁶NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato: O editor do Brasil**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2002.p. 17.

²⁹⁷LOBATO, Monteiro. Prefácio. In: LOBATO, Monteiro. **América**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

²⁹⁸LOBATO, Monteiro. **América**. São Paulo: Editora Globo, 2010.p.60.

Com a vitória dos revoltosos de 1930 e o fim da 1^o República, Lobato perdeu o seu emprego como adido comercial em Nova York. Retornaria ao Brasil depois de quase cinco anos. *Mister Slang e o Brasil* termina com a possibilidade duma revolução no Brasil. *América* termina com o comprimento parcial da profecia. O narrador brasileiro lê no *Evening Graphic* que houve uma revolução no Brasil. Afirma, no último parágrafo da 1^o edição de *América*:

- Revolução! pensei commigo. Vão elles revolver. Vão incidir na eterna ilusão de que revolver, mudar o nome ás ruas, mudar os homens, melhora alguma coisa. Revolver não concerta. O que concerta é crear, augmentar. Todas as revoluções rompem em consequência da pobreza, da miseria, da falta de opportunidades. Mas o remedio para a pobreza, para a miseria, para a falta de opportunidades nunca foi revolver e sim crear. (...) Suspirei e dirigi-me para casa automaticamente, com uma pena infinita desta pobre humanidade que, apezar de todas a experiencia accumulada, reincide sempre no mesmo erro – o erro de tentar solver seus problemas com o coração e jamais com o cerebro...²⁹⁹

Lobato mudou o final de *América*, dois anos depois. Na sua 2^o edição, de 1934 o final é este:

“Revolução!”, pensei comigo. “Vão eles *revolver*. Vão incidi na eterna ilusão de que revolver, mudar o nome das ruas, mudar os homens melhora alguma coisa. Revolver não conserta. O que conserta é *criar, aumentar*. Todas as revoluções explodem em consequência da pobreza, da miséria, da falta de oportuidades. Mas o remédio para a pobreza, para a miséria, para a falta de oportuidades, nunca foi *revolver* e sim *criar*. (...) Suspirei e dirigi-me para casa automaticamente, com uma infinita pena dos povos latinos. Apesar de toda a experiência acumulada, reincidem sempre no mesmo erro – o erro de tentar solver os seus problemas políticos a tiros e patas de cavalo. Os povos de origem inglesa usam instrumento muito mais decente. Usam o cérebro...”³⁰⁰

Podemos observar que Lobato cortou a palavra “humanidade” e substituiu-a por “povos latinos”, “solver seus problemas com o coração” por “a tiros e patas de cavalo” e por último, “cérebro frio” por “povos de origem inglesa usam instrumento muito mais decente. Usam o cérebro”. Lobato fez sua primeira crítica aos revolucionários ainda em 1932 e em 1934 adicionou uma divisão entre povos latinos e anglo-saxões. Não podemos deixar de notar que da 1^o edição para a 2^o há uma maior desilusão com o processo revolucionário brasileiro. Como as duas citações acima demonstram, o autor não tinha nenhuma crença que a situação política e econômica brasileira fosse melhorar com esta revolta. O que importava, na opinião do autor, era criar riqueza. Para criá-la, era necessário produzir ferro e encontrar petróleo.

²⁹⁹ LOBATO, Monteiro. *América*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.p. 253-254.

³⁰⁰ LOBATO, Monteiro. *América*. São Paulo: Editora Globo, 2010.p.270.

2.3 Ferro e Petróleo.

Lobato era um crítico da ideia de revolução política por acreditar que o processo revolucionário não levava a nenhuma mudança econômica real. Numa analogia literária, Lobato entendia revoluções numa forma similar a George Orwell em *A Revolução dos Bichos*: mudam os senhores (o homem pelo porco), mas continua a exploração. Em *Mister Slang e o Brasil*, por exemplo, Slang afirma que todas as inúmeras revoltas na história brasileira deixaram intocado o seu passado econômico colonial, onde o fisco português era a síntese. Essa análise de Lobato o levaria a diminuir sua crítica à situação política, e a elevar sua crítica à situação econômica brasileira durante a década de 1930. Numa carta a Heitor, seu cunhado, de 24/01/1929 Lobato escreveu:

Chega de revoluções. Cuidemos de um remédio indireto e seja ele o remédio nº 1 – FERRO, ferro velho cansado de guerra. Só ele, só ferro cura realmente anemias – tudo o mais é panacéia, paliativo.³⁰¹

Em *O Poço do Visconde* (1937) há uma passagem similar ao final de *América*, quando Narizinho afirma que com uma nova revolução o Brasil iria endireitar. O Visconde responde:

- Bobagem. Uma nova forma de governo, seja qual for, não passa de uma nova distribuição das coisas existentes. Mas as coisas existentes são escassas demais. Nada adianta tirar o prato de feijão de A para dá-lo a B; pois o B, que estava morrendo de fome, enche a barriga, mas A, que estava com a barriga cheia, começa a passar fome. (...) O que o país precisa é que nem A nem B passem fome – e o meio, portanto, não é mudar de forma de governo: é *aumentar a comida da gamela*, de modo que A e B possam encher a barriga.³⁰²

Lobato escreveu pouquíssimo sobre a política de 30, confrontado com o que escreveu sobre a economia da mesma década. Isto não quer dizer que Lobato tenha desconsiderado a revolução de 1930 como um acontecimento novo na realidade nacional. Muito menos significa que deixou de criticar alguns ministros e colaboradores do governo Vargas. Mas *comparado* com o tempo que gastou dando ênfase a questões econômicas, a política representou um papel secundário.

³⁰¹ LOBATO, Monteiro. **Cartas Escolhidas**: Volume I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.p. 271.

³⁰² LOBATO, Monteiro. **O Poço do Visconde**. São Paulo: Editora Globo, 2010.p. 61.

Suas últimas obras adultas são *Ferro* (coletânea de artigos escritos para o jornal *O Estado de São Paulo*, publicado em formato livro em 1931) e *O Escândalo do Petróleo* (1936). Ambas são monotemáticas: o problema do Brasil é a ausência de ferro e de petróleo. A revolta paulista de 1932 contra Vargas e o Golpe de 1937 não ganharam grande relevo em sua obra adulta.

Essa transformação ocorreu porque Lobato, ao regressar dos Estados Unidos em 1931, dedicaria grande parte do seu tempo como empresário e não como escritor. Não é nenhum exagero afirmar que sua obra *adulta* praticamente terminou depois de seu retorno dos Estados Unidos: não escreveria mais nenhum romance, dedicando-se maior tempo à sua obra infantil, que lhe rendia mais dinheiro. Numa carta a Rangel, de 28/11/1928, Lobato escreveu:

Quando olho para trás fico sem saber o que realmente sou. Porque tenho sido tudo, e creio que minha verdadeira vocação é procurar o que valha a pena ser. Aquela minha fúria literária de Areias e da fazenda: quem visse aquilo proclamava-me visceral e irredutivelmente “homem de letras”. E errava, porque o Lobato que fazia contos e os discutia com você está mortíssimo, enterradíssimo e com pesada pedra sem epitáfio em cima. O epitáfio poderia ser: “Aqui jaz um que se julgou literato e era metalurgista.” Porque a minha vocação pela metalurgia é muito maior que a literatura. Jamais conversei com qualquer literato mais atentamente e mais encantado do que conversei com o Mr. William H. Smith, o anjo Gabriel anunciador da metalurgia de amanhã. (...) Perto do “sponge iron”, todos os livros de Camilo e Machado de Assis só valem materialmente pelo papel, porque papel contém carbono e o carbono é necessário à Reação diante da qual todos devemos nos ajoelhar porque é a mãe da Civilização: $FeO - O + C = FeC$.³⁰³

A Otávio Mangabeira, seu antigo sócio, Lobato fez declarações similares. Numa carta de 5/01/1937, comentando o seu possível ingresso na Academia de Letras, Lobato escreveu: “Mas o pobre Lobato já não é um bicho de letras. Está atolado na guerra do petróleo até as orelhas – e se aparecesse no Silogeu deixaria aquilo irrespirável. O petróleo, como o Dr. Mangabeira sabe, não cheira a rosas...”³⁰⁴

José Lins do Rego notou, em 1935, esta transformação na vida de Lobato. Publicou um artigo para o jornal *Folha da Manhã*, onde pediu que Lobato voltasse a ser um “literato” – palavra que Lobato, agora, abominava. Pode-se ler:

(...). Lobato que é no Brasil um autentico homem de letras parece que desviou os seus entusiasmos para o pratico. Ninguém como elle entre nós nasceu no entanto com mais força e mais vocação para ser homem de letras. Mas uma viagem à America o convenceu de que havia nelle um homem de

³⁰³LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 2º Tomo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 312.

³⁰⁴NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro: Editora MPM, 1986. p. 31.

acção, um conductor de industria latejando nos seus sonhos e palpites. E Monteiro Lobato desviou o seu entusiasmo para o petróleo, para o ferro, para as coisas que dão riqueza mais depressa. Parou com a literatura, ou melhor, perdeu o encanto com a literatura que é o mesmo que desmanchar um noivado que era toda a sua vibração interior. O homem que sonha com os poços de petróleo e os altos fornos de siderurgia perde o somno, cansa a imaginação (...) com elementos que quando muito lhe trarão um dia esta coisa vã que é a riqueza. A America do Norte nos comeu pela metade um literato dos mais ricos, dos mais cheios de vida, dos mais poderosos de expressão. (...) Deus fez Lobato para a literatura. E porque Lobato não fica na literatura e não deixa as minas para os Paes Leme de Paulo Setubal?³⁰⁵

Neste mesmo ano (1935), no mesmo jornal, Lourival Bastos escreveu um longo artigo sobre o “silêncio” político de Lobato e o fim do autor como “literato”. Afirmou:

(...). O sr. Monteiro Lobato esta neste caso de alheimento político. Nunca os seus leitores lhe conseguiram apreender uma attitude de política immediata. Mesmo entre os factos mais graves da política immediata. Mesmo entre os factos mais graves da política nacional, o sr. Monteiro Lobato não emite opinião publica. Rebenta a Revolução de 30, com repercussão em todo o território nacional e o paiz alvoroçou-se, na esperança fagueira de uma nova ordem de coisas – e o sr. Monteiro Lobato não disse palavra. (...) Deflagrou afinal a Revolução de 1932, com estanteante barulho pelo radio e pelas ruas, como acontecimento de larga envergadura que devia apaixonar a todo o mundo (...) e o sr. Monteiro Lobato permaneceu impassível. Experimentou-se entre nós o voto secreto e a Nação sentiu pela primeira vez a verdadeira representação popular, (...) – e o sr. Monteiro Lobato continuou amoitado. (...) Talvez lá entre amigos, na intimidade, o eminente escriptor lance as suas opiniões com clareza. Mas a um homem da sua posição no mundo intelectual, (...) essas opiniões conversadas entre amigos não bastam. (...).³⁰⁶

Há uma grande injustiça de Lourival Bastos ao retratar Lobato como um alienado. O fato de Lobato não escrever nenhum texto comentando a sua interpretação da Revolução de 1930 ou a Revolta de 1932, não significou que Lobato não tenha escrito nada sobre estes temas. Lobato escreveu após a revolta de 1932 um pequeno artigo intitulado “Mais estradas...” elogiando o plano do interventor de construir novas estradas em São Paulo.³⁰⁷

Como vimos, o final de *América* é uma crítica aos revolucionários de 1930. Em *Ferro* há críticas similares. Bastos queria uma attitude mais contundente por parte de Lobato. Mas o traço mais marcante de Lobato sempre foi a ironia entrelinhas e a utilização da ficção como crítica social. Outra questão: o afastamento de Lobato dos acontecimentos políticos só faz sentido se comparado com o seu passado de militante

³⁰⁵ LINS DO REGO, José. **Dois Escriitores**. Folha da Manhã, São Paulo, 25 de junho de 1935. p. 6.

³⁰⁶ BASTOS, Lourival. Traços de um grande escriptor. **Folha da Manhã**, São Paulo, 10 de dezembro de 1935. p. 5.

³⁰⁷ LOBATO, Monteiro. Mais Estradas. In: LOBATO, Monteiro. **Fragmentos, Opiniões e Miscelânea**. São Paulo: Editora Globo, 2010.

pró-eugenia e voto secreto. Ou seja, Lobato só diminuiu a sua crítica ao governo em 1930, comparada com a crítica que fazia em 1920.

A revolução de 1930, num sentido pessoal, significou para Lobato a chegada ao poder de dois amigos seus: Arthur Neiva (catapultado a interventor na Bahia) e Oliveira Viana (Consultor Jurídico do Ministério do Trabalho a partir de 1932). Sua relação com Getúlio Vargas foi amistosa durante uma década. Lobato não pode ser descrito como um amigo ou entusiasta de Vargas. Tinha acesso relativamente fácil a ele: tanto por cartas quanto por encontros. Lobato era recebido em entrevista individual – sem dúvida, um símbolo de seu prestígio no Governo Federal. Lobato comentou brevemente em suas cartas que foi convidado a trabalhar num ministério (Departamento de Propaganda), mas recusou-o.³⁰⁸

Infelizmente, Lobato não deixou muito claro a sua opinião sobre a revolução de 1930. Lobato tinha outras preocupações ao voltar ao Brasil. Sua principal meta era transformar o Brasil num produtor de ferro, utilizando o método desenvolvido por William H. Smith, metalúrgico de Detroit e antigo funcionário de Ford.

Como todas as “fórmulas” que Lobato encontrou para transformar o Brasil num país rico (eugenia, sendo a mais famosa) essa também foi alvo de críticas tanto por jornalistas quanto por intelectuais. Para exemplificar: o jornal *Folha da Manhã* publicou uma reportagem em 22/07/1931, onde há sérias críticas a Smith. Pode-se ler:

O dr. Gumercindo Penteado, engenheiro pela Escola Polytechnica de S. Paulo, é um dos profissionaes, não acredita nos conceitos encomiásticos emitidos pelo autor de “Jéca Tatu”, sobre o systema de metallurgia do William H. Smith e dá, abaixo, as razões de sua duvida. – O sr. Monteiro Lobato – falou-nos o dr. Penteado – atacou os nossos technicos esquecido de que a estes homens trabalhadores, de boa vontade, se deve uma série de tentativas para produzir ferro, sempre contrariadas por causas independentes de sua vontade. Elle próprio [Lobato] põe a fortuna como elemento imprescindível do problema. E, caminhando de exaggero em exaggero, affirma que a riqueza resolve, automaticamente, todos os problemas sociaes. (...) A historia amargurada da série de insucessos era de molde a induzir os nossos estudiosos ao maior pessimismo, ou, pelo menos, a grande reserva perante o annuncio de qualquer victoria revolucionaria. Bastou, porém, que o sr. Monteiro Lobato trombeteasse de Nova York uma notícia vaga da revolução siderúrgica para que nossos technicos, numa demonstração de constante cuidado e grande interesse pelo importante problema, movimentassem todos os meios de que dispunham à cata de informações. Mas não foram felizes. Amigos de lá, que deveriam conhecer o caso (...) confessavam ignorar-o. (...) As revistas technicas nada traziam. E, mais importante, a empresa Ford respondia não ter relações, pelo menos há muitos annos, com o metallurgista Smith. (...) O que mais impressiona é que não se sabe nada acerca do “homem que mais conhece ferro no mundo”, que é “professor da Universidade de Detroit, à qual offereceu uma ala inteira

³⁰⁸LOBATO, Monteiro. **Cartas Escolhidas**: Volume I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.p.344.

construída à sua custa, onde installou o curso da nova metallurgia” (...). Diz a University of Michigan, situada em Detroit ou proximidades, que “nunca foi, do seu conhecimento esse nome”.³⁰⁹

Esta entrevista dialoga (ou ironiza) com um dos textos de Lobato, intitulado de “Quem é William H. Smith”. Em defesa de Lobato, é necessário dizer que W.H. Smith de fato trabalhou para Ford. Smith também patenteou uma nova forma de produzir ferro. Smith trabalhou inicialmente como gerente geral numa siderúrgica de Búfalo, produtora de bicicletas e fornecedora de equipamentos para a empresa de Ford. Em 1913, mais de uma década antes da viagem de Lobato aos Estados Unidos, Ford trouxe Smith para Detroit, contratando-o.³¹⁰

Menos de um mês depois, o autor ganhou a possibilidade de se defender no mesmo jornal, numa entrevista sobre o seu livro *Ferro*. Lobato não cita nenhuma crítica em especial a Smith, mas nesta entrevista resume todas as questões levantadas no livro:

O repórter chega, apanha o livro inteligente, de capa vistosa, de cores berrantes. Corre a espátula pelas paginas, vê os capítulos, e indaga, risonho:

- Como é!? Então você também traz mais um remédio para o Brasil?

- É verdade. Tantas cabeças, tantas mezinhas. Eu sou brasileiro e não me excludo do mal dos curandeiros. Sempre vivi preocupado com as mazellas indígenas e já vi no saneamento dos sertões, no voto secreto, na queda do partido conservador, senão o fim, pelo menos o começo do fim dos nossos males.

- E afinal...

- Afinal foi preciso que annos de estadia em terra estrangeira, de formação parallela à nossa, me mostrasse a evidencia, que todos os problemas do nosso paiz se radicam num único...

- E esse...

- É o econômico. Nosso problema não é político, nem racial, nem climaterico, mas pura e simplesmente econômico. Os males sem conta que nos affligem decorrem todos da mesma fonte, a pobreza – e só a riqueza os curará. Incultura, analfabetismo, má política, finura da raça, doenças, todos os nossos males jamais se curarão com cartilha, voto secreto (...) Esse remédio é o ferro. Fora do ferro não há salvação. Só o ferro enriquece. O que chamamos os grandes países modernos são apenas os países ferrados...

- O repórter, apavorado:

- Que linguagem, meu Deus!

O livro, sem ouvir:

- Porque motivo é o ferro o grande pae da riqueza e não, por exemplo, o ouro, a prata, a agricultura, a pecuária? Simplesmente porque o ferro é a matéria prima da maquina e é a maquina a grande arma que o homem inventou para dominar a natureza, subjulgal-a, pol-a humilde ao seu serviço nesta tremenda aventura da civilização... Nós temos ferro. Podemos, pois, ter machina e vencer. No dia em que nos convercermos disto, teremos começado a construir um paiz. (...) ³¹¹

³⁰⁹ O Processo Metallurgico Smith, **Folha da Manhã**. São Paulo, 22 de julho de 1931. p. 8.

³¹⁰ BRINKLEY, Douglas. **Wheels for the World**. USA: Penguin Books, 2003. p. 146.

³¹¹ LOBATO, Monteiro. Os livros da época. **Folha da Manhã**, São Paulo, 15 de agosto de 1931.

Esta entrevista é a melhor forma de entender o porquê que Lobato deu tanta ênfase na produção de ferro no Brasil, ao lado do industrial brasileiro e seu sócio Bulcão da Silva. Infelizmente esta entrevista não pode ser encontrada em sua obra completa: parte do que foi dito nesta, pode ser lida, com as mesmas palavras, no artigo “Consciência de algo errado”, em *Ferro*. O principal ponto desta entrevista é a tese de Lobato que todas as suas antigas crenças políticas e raciais estavam enganadas, ou eram questões menores. O autor, por exemplo, desconsidera a raça como um fator do atraso brasileiro. Isso é muito importante como evidência dá ausência de um discurso “racista” na obra adulta de Lobato pós-1931. Outro ponto de grande interesse é o comentário de Lobato sobre a sua passagem pelos Estados Unidos. O autor deixa claro que foi lá que ele entendeu a realidade brasileira: para o Brasil ser rico tinha que imitar a sociedade americana. A noção de “projeto de nação” fica bem claro quando o autor fala em “construir um país”.

No livro *Ferro*, os Estados Unidos aparecem seguidas vezes, em geral, comparado com o Brasil. A principal comparação entre esses dois países se dá no artigo “Tudo é Transporte”. Lá, afirmou que:

Sempre nos impressionou fundamentalmente o fato de dois países de igual território, Estados Unidos e Brasil, situados no mesmo continente, descobertos ao mesmo tempo, colonizados com os mesmos elementos humanos, libertados do jugo da metrópole com pequena diferença de anos, alcançarem, um, o fastígio da grandeza e a situação de primeiro entre todos os povos da Terra, e o outro, nós, a triste posição de beco sem saída em matéria de enclacramento. Instituições políticas? São as mesmas. Raças? São as mesmas – branca e negra. Clima? Temos metade do país, pelo menos, maravilhosamente adequado à prosperidade do homem. Por que, então, tal disparidade de destinos?³¹²

Este parágrafo seria repetido, com pequenas alterações, anos mais tarde, no prefácio da 1^o edição do livro de Essad Bey, *A Luta pelo Petróleo* (1935). Numa carta de 9/12/1930 a Vargas, o autor utilizou rapidamente o mesmo argumento: por que os Estados Unidos são ricos (mesmo sendo “colonizados da mesma maneira”) e o Brasil não?³¹³

Lobato parece ter uma atitude um tanto simplista em relação à história brasileira e americana: diferenças culturais de extrema importância não são levadas em conta. Há um exagero do autor em tratar o Brasil e os Estados Unidos como países quase

³¹² LOBATO, Monteiro. Tudo é Transporte. In: LOBATO, Monteiro. **Ferro e o Voto secreto**. São Paulo: Editora Globo, 2010.

³¹³ NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato Vivo**. Rio de Janeiro: Editora MPM, 1986. p. 58.

idênticos. Porém, o que importa é esta construção do autor, nem tanto se ela é real ou não.

Ferro pode ser lido de várias formas: uma autocrítica de Lobato ao seu passado eugenista, um “estudo comparativo” entre Brasil e Estados Unidos – termo que o próprio autor usa duas vezes no livro – ou um manifesto político, contra as “múmias” – técnicos que negavam a possibilidade de produzir ferro no país utilizando o método Smith. Possivelmente a reportagem da *Folha da Manhã* fosse o alvo de Lobato, quando se referiu às “múmias” no prefácio de *Ferro*.

Os textos de *Ferro* são, em geral, repetitivos. A tese central de Lobato é que a mudança política que ocorreu em 1930 não iria significar uma real mudança na economia brasileira. Acreditar em revoluções políticas seria a “ilusão latina”. O problema brasileiro seria econômico: ausência de riqueza. Para criá-la, seria necessário investir na produção nacional de ferro, pois com este seria possível criar a máquina, que elevaria a eficiência do homem. Raça, clima e instituições seriam questões secundárias, mero reflexo de questões econômicas. Lobato chega a dizer que todos os problemas brasileiros são decorrentes da ausência de ferro.³¹⁴ A diferença entre os países ricos (Estados Unidos e Europa) era a produção em larga escala de ferro. Com Smith, o Brasil iria virar rico como estes:

O mundo está hoje formado de vários sistemas planetários, com núcleos centrais, sóis em torno dos quais giram, coçando a cabeça, pobres satélites. Os países produtores de ferro são os sóis – Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, França, Bélgica, Suécia. Satélites são os demais – os que, não produzindo ferro, se vêem obrigados a girar-lhes em torno. O Brasil, por exemplo, é satélite humilde de todos esses sóis, comprando-lhes desde o prego com que une as suas tábuas até a faca com que Lampião destripa gente nos sertões.³¹⁵

A crítica que mais deixou Lobato irritado não veio de nenhuma reportagem de jornal ou comentários técnicos de algum engenheiro. Veio de Mario Pinto Serva, antigo colaborador da *Revista do Brasil*, (possivelmente amigo ou colega de Lobato) e agora seu principal crítico. Podemos saber da grande irritação de Lobato, pois o autor acrescentou na 1ª edição do livro *Ferro* o artigo publicado no jornal *Diário Nacional* onde Mario negou que a ausência de ferro fosse o maior problema brasileiro. Lobato taxou o artigo

³¹⁴ LOBATO, Monteiro. **Ferro e o Voto secreto**. São Paulo: Editora Globo, 2010. p.38.

³¹⁵ LOBATO, Monteiro. **Ferro e o Voto secreto**. São Paulo: Editora Globo, 2010.p.44-45.

de “(...) mais perfeita obra prima de incompreensão e má fé”.³¹⁶ O artigo é longo, mas relevante:

Em o jornal “O Estado de S. Paulo”, de 28 de maio, o sr. Monteiro Lobato defende a these de que todos os problemas do Brasil se resumem na produção do ferro e que tudo mais, todos os outros problemas, não têm importância de espécie alguma. E quem não acreditar nessa these é imbecil, cretino e idiota. Já há uns dez annos, atraz, o sr. Monteiro Lobato, também em mirabolante artigo, pelo mesmo jornal, fizera a descoberta infallivel de que todos os problemas brasileiros se resumiam no anquilostomo e vermes intestinaes que atacam os caboclos brasileiros. Tratar o anquilostomo, era então para o sr. Lobato, a única e exclusiva salvação do Brasil. E afinal – em que ficamos, nos vermes intestinaes ou no ferro? (...) O sr. Monteiro Lobato é um brilhante escriptor, literato fino (...). Mas não é nem sociologo nem economista. (...) Porque Monteiro Lobato é dominado quasi sempre pelo espírito do paradoxo, precipitando-se em uma série de affirmações apressadas, não devidamente reflectidas. Ora, afirmar que todos os problemas brasileiros se resumem no ferro – constitue um dislate. (...) A Inglaterra produz metade do ferro e do aço fabricados pela Allemanha e, no emtanto, a Inglaterra tem uma riqueza três vezes maior que a Allemanha. (...) Mas a primeira de todas as riquezas de um paiz – é o cérebro de seus habitantes. Porque com o cérebro se descobrem todas as mais riquezas, e sem o cérebro não se descobre nenhuma. (...) O próprio sr. Monteiro Lobato, como é que descobriu que o ferro é tudo no Brasil? Lendo, estudando, pesquisando, pondo em acção o seu cérebro. Que foi necessário para o sr. Lobato fazer a sua mirabolante descoberta? Foi preciso essa cousa simples – cultura. (...) Onde não há povo culto, o caos social, político, mental e econômico é permanente, fatal, necessário, e fracassam todas as iniciativas, mesmo as tendentes à exploração do ferro. (...) Os países em que o povo é ignorante e inculto, qual o brasileiro, ficam como a China ou a India, dominados por potências estrangeiras ou em caos, anarchia e impotência permanente. É o que pretende o sr. Lobato para o Brasil, quando diz que a única cousa a cuidar é o ferro e que a instrucção e tudo mais é “mesinha salvadora”.³¹⁷

De certa forma, Mario Pinto Serva inverteu a lógica de Lobato: para o segundo, com ferro teríamos cultura; para o primeiro, com cultura teríamos ferro. Mario está certo em apontar em Lobato um intelectual que mudou de idéia sobre quais seriam as principais causas do atraso brasileiro. Mas erra ao retratar Lobato como um autor que não refletia sobre as suas teses. Por exemplo: Lobato notou a importância da indústria em 1923, quase uma década antes da publicação de seu livro *Ferro*. Outro ponto seria questionar Mario se a mudança de opinião não seria algo natural na vida de *qualquer* intelectual, não tendo um caráter negativo, mas sim positivo. Boris Fausto cita Mario Pinto Serva como um intelectual que defendia o caráter rural da economia brasileira, negando a importância de indústrias, em 1928.³¹⁸

³¹⁶LOBATO, Monteiro. **Ferro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931. p. 124.

³¹⁷Ibid, p. 126-130.

³¹⁸FAUSTO, Boris. A revolução de 1930: historiografia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 50.

Todo caso, independente das críticas, o projeto industrial de Lobato não foi posto de prática. O autor e seu sócio Bulcão chegaram a inaugurar o Sindicato Nacional de Indústria e Comércio em 1931. O projeto foi abandonado em 1933. Na opinião de Lobato, Vargas e o Governo Federal não demonstraram muito interesse neste tipo de atividade industrial. O autor também desenvolveu uma teoria na qual a *US Steel* estaria procurando impedir a produção de ferro no Brasil, para manter o país como eterno comprador de ferro, como afirmou numa carta de 1931 a Vargas.³¹⁹ Também criticou Percival Farquhar por representar os interesses duma empresa de capital estrangeira chamada Itabira Iron (ligada à *US Steel*), que havia assinado contrato com o governo em 1928.³²⁰

Tratando-se de Lobato, isso não significou o fim de sua entrada no mundo privado e empresarial. Depois do fracasso de produzir ferro no Brasil, utilizando o método de Smith, Lobato iria partir imediatamente a uma nova campanha pública para tornar o Brasil produtor de petróleo. Esta campanha seria debatida em jornais e inquéritos. Duraria 10 anos e levaria à prisão do autor em 1941. Comparado com a sua tentativa de produzir ferro, a sua campanha pelo petróleo não seria apenas mais duradoura, como mais agressiva tanto por parte do autor, quanto por parte do Governo Federal.

Como vimos, a carreira empresarial de Lobato começou logo em 1931, com a sua tentativa de produzir ferro no Brasil, utilizando o método Smith. Mas em 1931, Lobato também criou a *Companhia Petróleos do Brasil* (mais tarde *Companhia Matogrossense de Petróleo*). Esta exploraria petróleo em São Paulo (Araquá) e em Alagoas (Riacho Doce). Ambos os poços já haviam sido explorados pelo Governo Federal na década de 20 e 30 com bons resultados. O autor migrou para a busca de petróleo por causa do seu fracassado em influenciar Vargas a produzir ferro. Mas foi sua crença na importância da indústria que o levaria a buscar o combustível que torná-la possível – o petróleo. Ambos os projetos (industrial e petrolífero) não pode ser separados.

Gostaria de ressaltar mais uma vez que a busca de Lobato por petróleo não pode ser entendida em si. Foi uma cruzada onde o autor tinha mais a perder do que ganhar, dada a imensidão do trabalho pela frente e da ausência de estudos geológicos sérios no Brasil. Seu objetivo era a “construção da nação”: independência financeira nacional e

³¹⁹ NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato Vivo**. Rio de Janeiro: Editora MPM, 1986. p. 166.

³²⁰ *Ibid*, p. 151.

democracia. Não apenas enriquecimento próprio. Como é observado na biografia *Furacão na Botocúndia*:

Entretanto, não bastava explorar as riquezas. Era preciso que o país usufruísse delas. Afinal, durante o período colonial, o ouro do Brasil enriquecera muitas nações, mas não a si próprio. Por isso, a independência política transformava-se em peça-chave. E, paralelamente, tornava-se necessário exercer, no plano interno, a democracia, cuja ligação estreita com o desenvolvimento era muito clara para Lobato. No seu modo de ver, apenas quando respaldadas pelo mercado, pelo acesso aos bens, pelo progresso cultural e material, as propostas de democracia adquiriam fundamento e deixavam de ser ficção discursiva dos políticos.³²¹

Porém, é justo afirmar que não sabemos exatamente que tipo de democracia Lobato queria para o Brasil. Seria a democracia que viu nos Estados Unidos, simplesmente? Que tipo de democracia então? Não há como saber com certeza absoluta. A relação de Lobato com a democracia não é tão simples. Certamente, Lobato foi um raro intelectual que não acreditou que no projeto autoritário do Estado Novo. Teve a oportunidade de trabalhar como um ministro de Getúlio e preferiu a carreira de empresário, por exemplo.

A relação de Lobato com o Governo Federal, na década de 1930, foi de atrito. O autor criticou a legislação brasileira, como a Lei de Minas e o Ministério da Agricultura – mas teve o cuidado de não acusar necessariamente Getúlio Vargas. Segundo Lobato, a Lei de Minas não permitia a exploração do sub-solo, impossibilitando por lei, a exploração de petróleo no Brasil. Na opinião do autor, esta lei só fazia sentido para as empresas estrangeiras, como a *Standard Oil*. Afinal, sem produzir petróleo o Brasil tornava-se um consumidor e não produtor de petróleo. Lobato intitulou isto de “interesses ocultos” – essencialmente um sinônimo de *Standard Oil*. A idéia de “camorra federal”, “trustes” “sabotagem” ou “sabotadores estrangeiros” também ganhariam grande importância na obra do autor, como em *O Poço do Visconde* e *O Escândalo do Petróleo*.

O Poço do Visconde é uma obra de síntese. Deve ser acompanhado com a leitura da obra adulta *O Escândalo do Petróleo*, pois muitos fatos retratados são casos que realmente ocorreram com o autor. Mesmo sendo uma leitura um tanto monótona, não deixa de ser engraçada. No livro infantil, a notícia da descoberta de petróleo no sítio, leva à descoberta de petróleo pelo país inteiro. Depois disso:

³²¹AZEVEDO, Carmen L; CAMARGOS, Márcia; SACCHETA, Vladimir. **Monteiro Lobato, Furacão na Botocúndia**. São Paulo: Editora Senac, 2001.p.270.

Os agentes secretos dos trustes, que andavam a espalhar por toda parte que quando o Brasil tirasse petróleo a gasolina seria vendida mais cara que a água de Caxambu, ficaram desapontadíssimos. Toda gente percebeu que eles não passavam de espíões dos trustes, encarregados de espalhar a descrença no povo para que ninguém se lembrasse de pesquisar petróleo e o Brasil ficasse eternamente a comprar petróleo fora.

Em certas cidades, como Maceió, por exemplo, o povo, entusiasmado com a torrente de petróleo que brotava do Riacho Doce e com a gasolina vendida nas bombas a 20 centavos, agarrou os “caxambueiros” (como eram conhecidos esses marotos) e os fez passear pela cidade com caraças de burro pela cabeça – e no fim da passeata os jogou na lama dos mangues para serem comidos pelos sururus.³²²

Não é exagero dizer que Lobato criticou publicamente e de forma privada, quase todo o aparato burocrático do Ministério da Agricultura. Referindo-se ao Serviço Geológico (que na época monopolizava as pesquisas que buscavam encontrar petróleo no Brasil), Lobato afirmou categoricamente que seu chefe, Fleury da Rocha, era um títere dos “interesses ocultos”. Ou como Lobato escreveu ironicamente: “the righth man in the right place”.³²³ Em retrospecto, Lobato culparia Fleury pelo fracasso do poço em São Paulo.³²⁴

Lobato iniciou em 21/10/1934 uma campanha nos jornais, (no caso, *O Estado de São Paulo*) para vender ações de sua empresa *Companhia Petróleos do Brasil*. Num longo texto, intitulado “Manifesto para aumento de Capital”, Lobato ironizou Fleury e afirmou que o trabalho geológico feito por este era irrelevante, comparado com o trabalho feito pelo americano Washburne, contratado recentemente pelo governo paulista. Lobato procurou criar uma percepção otimista da sua empresa e do andamento das perfurações em Riacho Doce e Araquá. Ao menos tempo, há no manifesto, entrelinhas, um sinal que a companhia passava por problemas financeiros, decorrentes de ausência de capital. Na seguinte passagem isto fica claro:

Como o capital da Companhia Petroleos, extremamente reduzido, se revelou insuficiente para a execução do seu programma, a Directoria oferece ao publico, mais 5.000 acções de 100\$000, pagáveis em duas prestações iguaes, com intervallo de noventa dias (...).³²⁵

A campanha de Lobato para arrecadar dinheiro com a venda de suas ações foi acompanhada de perto por Fleury, ao menos no ano de 1934. Este lançou um manifesto

³²²LOBATO, Monteiro. **O Poço do Visconde**. São Paulo: Editora Globo, 2010. p. 169.

³²³LOBATO, Monteiro. **O escândalo do petróleo e Georgismo e Comunismo**. São Paulo: Editora Globo, 2011.p. 26.

³²⁴Ibid, p. 59.

³²⁵MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. **Bases para o inquérito sobre o petróleo**. Rio de Janeiro, 1936. p.X.

com seis pontos, todos contrários à empresa de Lobato, alguns dias depois do manifesto da *Companhia Petróleos do Brasil*, informando no ponto quarto que:

O DNPM ainda não tem motivos para se armar do otimismo da Cia. Petróleos do Brasil sobre o grave problema da existência e pesquisa do petróleo em São Paulo e no Brasil Meridional, conforme longamente tem explanado em pareceres divulgados pelos principais jornais do país, em abril e maio do corrente ano.³²⁶

Mais tarde, em 06/12/1936 Lobato e seus associados³²⁷ lançaram um manifesto da sua nova empresa *Companhia Matogrossense de Petróleo*. O manifesto consome uma página inteira do jornal *Folha da Manhã*:

Depois que as altas razões do “não-há-petróleo” foram amplamente divulgadas, as duvidas sobre a existência do petróleo no Brasil desapareceram. Não o tínhamos por mera conveniência de grupos interessados na perpetuação do Brasil como mercado consumidor. (...) Tudo mudou. Está creada a mentalidade do petróleo. (...) O governo de Alagoas deu o primeiro passo (...) contratando com a ELBOF, secção de PIEPMEYER & CIA, de Cassel, Allemanha (...) a prospecção geophysica da zona do Riacho Doce. (...) O exemplo de Alagoas frutificou. O governo de Matto Grosso acaba de assignar com a ELBOF um contrato idêntico. Pernambuco, Espírito Santo e Paraná preparam-se para fazer o mesmo. Também S. Paulo tem verba votada para estudos geophysicos. (...) Uma há, entretanto, que forçosamente vai ser a nossa grande revelação em matéria de riqueza petrolífera: Matto Grosso. (...) A Companhia operará em áreas totalizando 523.000 hectares (216.000 alqueires), localizadas entre os paralelos 20 e 22 – na mesma latitude em que, para lá das fronteiras, se acharam os melhores poços de petróleo da Bolívia. (...) Obras são estas de grande monta, para as quais seria ingenuidade contar apenas com os nossos magros e tímidos recursos internos. Em consequência, já antecipadamente estudamos a hypothese de tel-os financiados de fora, em bases inéditas e seguras, de excepcionais vantagens para nós. (...) Nossa convicção é de que o Brasil possui tanto petróleo como os Estados Unidos, podendo, portanto, desenvolver-se e enriquecer-se na mesma proporção daquelle paiz. (...) O Capital da Companhia será de Vinte Mil Contos, dividido em 200.000 acções de Cem Mil Réis, metade representada pelos direitos e contratos de pesquisa e exploração do sub-solo de Matto Grosso; e outra metade tomada por subscrição publica. (...) Ficam à disposição dos interessados, na sede da empresa em formação, RUA BOA VISTA 22, SEGUNDO ANDAR, NESTA CAPITAL (...).³²⁸

³²⁶LOBATO, Monteiro. **O escândalo do petróleo e Georgismo e Comunismo**. São Paulo: Editora Globo, 2011. p. 82.

³²⁷Sua empresa *Companhia Petróleos do Brasil* tinha os seguintes sócios/diretores: Ernesto Amarante e Ageo Ferreira Camargo. Sua segunda empresa, *Companhia Matogrossense de Petróleo*: Victor Amaral Freire, advogado, residente em São Paulo. Octalles Marcondes Ferreira, diretor da Cia. Editora Nacional, residente em São Paulo. Paulo Alves Ferreira, fazendeiro, residente em Ribeirão Preto. Dr. J. de Oliveira Botelho, médico, residente no Rio de Janeiro. Dr. Antonio da Costa Rondon, fazendeiro, residente em Aquidauana. Cel. Manuel Alves Arruda, fazendeiro, residente em Aquidauana.

³²⁸Companhia Matogrossense de Petróleo: Manifesto para subscrição publica. **Folha da Manhã**. São Paulo, 6 de dezembro de 1936. p. 7.

Os manifestos da *Companhia Matogrossense de Petróleo*, ao menos, não receberam muita atenção por parte do Governo Federal.

Depois que o Serviço Geológico ganhou outro nome, intitulando-se Departamento Nacional de Produção Mineral, Lobato foi mais fundo na crítica e baixou a hierarquia dos “sabotadores”. Seus principais oponentes seriam dois homens estrangeiros: o primeiro Mark Malamphy (diretor de Geofísica do DNPM), o segundo era Victor Oppenheim (diretor de Geologia do DNPM). A principal acusação contra os dois teria grande impacto, pois seria feita de forma pública. Resultaria, inclusive, na abertura de um inquérito.

O ano de 1936 foi o ápice da luta de Lobato. Podemos marcar como divisor de águas a carta aberta que Lobato publicou no dia 13/02/1936, nos principais jornais paulistas (possivelmente cariocas) e a publicação do livro de Essad Bey, *A Luta pelo Petróleo* (1936).

Na carta aberta, Lobato faz acusações sérias – envolvendo corrupção e incompetência. O principal alvo da carta foram Victor e Mark. Lobato os acusou de venderem nos Estados Unidos estudos geológicos sobre o Brasil feitos com o dinheiro público brasileiro.³²⁹ Num tema secundário, mas que Lobato iria sempre manter como uma certeza, o autor afirma que o Brasil tinha, sem dúvida alguma, grandes reservas de petróleo. Afinal, todos os países da América o teriam. Por que apenas o Brasil não? (Na época o Brasil não produzia petróleo).

O livro de Essad Bey, *A Luta pelo Petróleo*, deu o embasamento “bibliográfico” para a teoria de Lobato que havia sabotadores e trustes que impediam a produção de petróleo no Brasil. O livro pode ser lido de quatro formas: primeiro, um livro sobre a importância do petróleo para a política externa dos Estados Unidos e dos países europeus, em especial para o Império Britânico – uma tese que hoje pode ser considerada óbvia, mas que em sua época foi muito original. Em segundo, um ataque ao magnata do petróleo e dono da Standard Oil, John Rockefeller. Este é chamado, ao longo do livro, de “monstro”, “satã”, “rei do petróleo”, “terrível homenzinho”, “avarento”, “rei do dinheiro”, “déspota da refinação”, “grande déspota” etc. Em terceiro lugar, o livro é um ataque pessoal de Lobato ao Governo Federal. Na edição brasileira, há o acréscimo de 16 notas de rodapé, todas escritas por Lobato. Um exemplo: quando o autor Bay afirma que todos os países do mundo tem petróleo no seu sub-solo, Lobato escreve uma nota

³²⁹Ibid, p. 70.

de rodapé: “Menos o Brasil, na opinião da Camorra Geológica Federal”.³³⁰ É uma ironia (e acusação) clássica de Lobato. Isto nos leva à quarta forma: o livro afirma seguidas vezes que todos os países do mundo têm petróleo, mas só alguns o exploram. Por que está divisão? Na opinião de Bey, havia, na época, uma super-produção de petróleo no mercado mundial. Logo, a política secreta das companhias americanas e britânicas era não permitir novos concorrentes – em resumo, a mesma tese levantada por Lobato. Bey escreve:

A procura do petróleo está menor que a oferta e em consequência os preços caem. Além disso a produção está aparelhada de modo a poder dobrar ou triplicar dum momento para outro. Como as despesas de transporte e custeio são mais ou menos constantes, um aumento de produção determinaria a ruína da indústria. Daí a política de não explorar os campos novos e impedir que o vizinho explore os seus.³³¹

Em 10/03/1936 foi aberto um inquérito (depois ganhou o nome de comissão) tratando das acusações de Lobato contra o Ministério da Agricultura. O autor não compareceu pessoalmente na comissão, mas mandou uma carta ao presidente do inquérito (Pires do Rio), onde abreviou todas as suas acusações.³³²

A resposta do Ministério da Agricultura foi um relatório intitulado *Bases para o Inquérito sobre o Petróleo*. O principal argumento dos técnicos do Ministério é que não foi encontrado petróleo no Brasil por ausência de capital para fazer os testes geológicos.³³³ A tese de Lobato, que havia petróleo no Brasil é taxada de “ufanista”:

O brasileiro, sempre ufano do seu paiz, (...) repelle a suposição de que no Brasil, tão vasto e tão rico, não haja potentes jazidas daquele combustível. Essa atitude mental, que resulta de um subconsciente onde se recalcam os resíduos hereditários das esperanças postas pelos antepassados nos prodigiosos thesouros guardados pela terra que se lhes apresenta, como ainda hoje se nos mostra, bella e dadivosa, adquire maior energia ao ser observado que o petróleo generosamente se distribue por quasi todas as republicas irmãs que comnosco limitam.³³⁴

O relatório do ministério responsabiliza Lobato por criar uma falsa propaganda da descoberta de petróleo em São Paulo e Alagoas, usando jornalistas paulistas e

³³⁰ BEY, Essad. **A Luta pelo Petróleo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. p. 57.

³³¹ Ibid, p. 230-231.

³³² LOBATO, Monteiro. **O escândalo do petróleo e Georgismo e Comunismo**. São Paulo: Editora Globo, 2011, p. 75.

³³³ MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. **Bases para o inquérito sobre o petróleo**. Rio de Janeiro, 1936. p. 20-21.

³³⁴ Ibid, p. 32.

cariocas como idiotas-úteis.³³⁵ Há uma passagem no inquérito onde é anexada uma reportagem de 14/01/1934, do *Jornal do Brasil*, onde, indiretamente, Lobato é acusado de montar um esquema de corrupção – sua empresa de petróleo seria apenas de fachada, uma forma de ganhar dinheiro fácil com a venda de ações.³³⁶ E seria por isso que o Ministério da Agricultura teria publicado um manifesto nos jornais depois da chamada de Lobato em 21/10/1934: havia a necessidade de “defender o público” contra o possível “golpista” Lobato.

Hoje essas acusações soam risíveis. Entretanto, Lobato estava num contexto complicado: grande parte da sua mão-de-obra na empresa de petróleo era estrangeira – Lobato até mesmo trouxe geólogos e maquinário da Alemanha. Sua empresa dependia de capital estrangeiro, como o próprio autor reconheceu no manifesto de 1936. Isto num momento histórico que dava muita importância ao “nacional” e temia qualquer coisa que parecesse “estrangeira”. No inquérito são citados alguns estrangeiros que trabalhavam para Lobato: Romero, Buffat, Miglietta. Era uma forma de o Ministério defender Mark e Victor, sem dúvida. Mas não apenas isso. Também uma tentativa de desqualificar a empresa de Lobato. Logo em seguida, os técnicos afirmam:

Si o petroleo for descoberto caberá a estrangeiros ‘o financiamento e a coordenação das explorações’, suave euphemismo que mal encobre a realidade: entrega do negocio a estrangeiros.³³⁷

A principal crítica dos técnicos seria a seguinte:

O conflicto [Lobato versus Ministério da Agricultura] surdia das divergências naturalmente existentes entre a “technica” do lançamento de sociedades anonymas, baseado no “estrondo”, que desperta a atenção do capitalista attrahido para outros negócios, e nas “affirmações” que levem de vencida as suas duvidas e a “technica official”, discreta e temerosa de envolver as responsabilidades da sciencia e da autoridade publica ao enunciar de suas conclusões. Depois de assim originar-se agrava-se com um novo choque de mentalidade: da mentalidade liberal, que facilita às empresas todas as iniciativas e processos de acção, e a mentalidade technocratica que assegura aos órgãos technicos regularmente constituídos o direito de dictar normas e conductas às empresas particulares, para proveito de seus interessados e resguardo das conveniencias sociaes.³³⁸

Afirmar que Lobato era um representante da “mentalidade liberal”, na década de 1930, era mais uma forma de depreciar o autor perante o Governo Federal. Vargas se

³³⁵Ibid, p. 44.

³³⁶Ibid, p. 50-51.

³³⁷Ibid, p. 85.

³³⁸Ibid, p. 86-87.

apresentava como uma melhor alternativa ao liberalismo político europeu. Em 1936 o governo brasileiro estava mais interessado em teses proto-facistas (controle dos sindicatos, censura, harmonia entre classes) que seriam aplicadas no ano seguinte. Lobato certamente não tinha o contexto histórico brasileiro ao seu lado.

Lobato teve o seu melhor momento contra o Ministério da Agricultura quando, em 25/01/1939, foi noticiado que havia jorrado 70 litros de petróleo no poço de Lobato (nome da cidade, sem ligação com Monteiro Lobato), Bahia.³³⁹ Lobato, o autor, não tinha nenhum envolvimento econômico com esse poço, mas ficou muito entusiasmado com a notícia. Foi procurado pelo jornal *Folha da Manhã* e com seu característico otimismo, afirmou que esse poço teria capacidade de produzir grandes quantidades de petróleo, marcando o fim da tese que não havia petróleo no Brasil. O autor chega mesmo a elogiar o novo ministro da Agricultura, Fernando Costa.³⁴⁰ Infelizmente, não foi possível conhecer que fim teve o poço no município de Lobato. O que sabemos é que não houve a grande produção desejada por Lobato – ao menos não há mais notícias. Mesmo que tivesse dado certo, na década de 50 o Estado teria o monopólio da exploração de petróleo, tornando ilegais companhias privadas nesta atividade econômica.

O golpe de 1937 iniciou uma fase difícil na vida intelectual de Lobato. A censura aos jornais possivelmente impediu novas críticas suas à falta de exploração de petróleo em território nacional. Para um intelectual que dependia do debate público como Lobato, isso foi um sério problema. No arquivo do jornal *Folha da Manhã*, é visível a diminuição do autor como comentarista.

A primeira prisão de Lobato é um caso nebuloso. Cavalheiro afirma que esta se deu por três motivos: uma carta de maio de 1940 que Lobato mandou a Getúlio tratando do petróleo; a rejeição de Lobato de trabalhar no Ministério da Propaganda; a recusa de Lobato de ir num jantar onde Vargas estaria.³⁴¹ Lobato seria preso em março de 1941. Cavalheiro escreve que:

Finalmente, a 20 de março de 1941, dez meses depois, a carta-denúncia é respondida: às duas e meia da tarde, nos escritórios da União Jornalística Brasileira, à rua Felipe de Oliveira, o escritor é procurado por dois investigadores da polícia, que lhe entregam em mãos um mandato de prisão

³³⁹ 70 litros de petróleo jorraram do poço de Lobato. **Folha da Manhã**. São Paulo, 25 de janeiro de 1939. p. 2.

³⁴⁰ Monteiro Lobato mostra-se confiante no futuro do petróleo no Brasil. **Folha da Manhã**. São Paulo, 25 de janeiro de 1939. p. 1.

³⁴¹ CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: Vida e obra: Tomo II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p. 55.

preventiva. Dali saiu, escoltado como um criminoso vulgar, para o velho casarão da Avenida Tiradentes, casa de detenção e presídio político. Era a resposta do Ditador.³⁴²

É inconcebível que Vargas não soubesse e não aprovasse a prisão de Lobato. Mas o motivo nunca ficou claro. Sem dúvida alguma, o autor havia perdido todo o seu prestígio com o Governo Federal, depois de criticá-lo publicamente por tanto tempo. A prisão de intelectuais célebres não foi muito comum durante o período Vargas e Lobato é, de certa forma, uma exceção.

Na biografia *Furacão na Botocúndia*, a verdadeira razão da prisão do autor foi um artigo intitulado “Inglaterra e Brasil”, depois repassado para a BBC de Londres em 30 de dezembro de 1940, onde Lobato prezava a luta dos ingleses contra o nazismo.³⁴³ A versão oficial seria que Lobato havia feito acusações infundadas ao Conselho Nacional de Petróleo e ao seu comandante, o general Horta Barbosa.³⁴⁴ Possivelmente as duas razões podem estar certas.

O autor passou apenas quatro dias na cadeia – foi inocentado em 1º estância. Livre, Lobato mandou uma carta a Barbosa, ironizando o seu tempo na cadeia, afirmando que sempre haveria de se lembrar com saudade do tempo passado lá.³⁴⁵ Possivelmente por causa dessa carta, Lobato seria condenado em outra estância, em 20 de maio de 1941. Desta vez, seria condenado a seis meses e passaria três na cadeia. Vargas concedeu indulto, mas também mandou apreender o livro infantil de Lobato, *Peter Pan*, por conteúdo subversivo.³⁴⁶

Depois de sua prisão, Lobato viu o seu sonho petrolífero chegar ao fim. Sua empresa possivelmente não encontrou petróleo, mas não faliu por incompetência do autor. Ela foi derrubada por decreto do governo Vargas, que a proibiu de qualquer atividade. Em 01/07/1941, o jornal *Folha da Manhã* noticiou a proibição das atividades da empresa de Lobato:

Por despacho de 27 de maio último, o presidente da República aprovou o parecer emitido pelo consultor-geral da República, no recurso interposto pela Companhia Matogrossense de Petróleo, que esclareceu não poder a interessada exercer legitimamente qualquer atividade no setor do aproveitamento industrial das minas e jazidas minerais. Acentua o parecer

³⁴² CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: Vida e obra: Tomo I.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p. 56.

³⁴³ AZEVEDO, Carmen L; CAMARGOS, Márcia; SACCHETA, Vladimir. **Monteiro Lobato, Furacão na Botocúndia.** São Paulo: Editora Senac, 2001.p.297.

³⁴⁴ Ibid, p. 294.

³⁴⁵ Ibid, p. 305.

³⁴⁶ Ibid, p. 307.

acompetência do conselho para examinar a organização das empresas, cujo objetivo seja a exploração industrial ou comercial do petróleo, mesmo em se tratando de sociedades que já tivessem os seus documentos de constituição arquivados nas repartições do registro comercial. Prosseguindo, diz o parecer que houve na constituição do capital da recorrente as maiores irregularidades. Os bens oferecidos por Victor do Amaral Freire e José Bento Monteiro Lobato constituíam em contatos diretos de utilização do sub-solo, em Mato Grosso, manifestados uns de acordo com o Código de Minas e celebrados outros posteriormente à constituição de 1934, com fundamento no art. 119, parágrafo 1.0 desta. Estes contratos não tinham valor algum, porque nos termos do decreto lei nº 366 de 1938 ninguém podia pretender direito à utilização de jazidas de petróleo em virtude de manifestos anteriores ou direito de preferência no aproveitamento de tais jazidas. Quando a companhia se constituiu em setembro de 1938, era necessário, pelo decreto-lei nº 395, de abril do mesmo ano, que o capital fosse subscrito exclusivamente a brasileiros natos e que estivessem confiadas exclusivamente a brasileiros natos, sua direção e gerência. A companhia devia dispor das provas de nacionalidade brasileira originária assim exigida para oferecê-las imediatamente quando se examinasse a sua constituição. Até agora, tais provas não foram apresentadas de modo satisfatório, em relação aos 1.538 acionistas, que a Companhia alegava possuir.³⁴⁷

Em resumo: a empresa de Lobato foi banida pelo Governo Federal apenas sete dias depois da condenação do autor em 2º instância – um caso óbvio de perseguição política. Porém, como o próprio Lobato deixava claro em seus manifestos publicados na imprensa, parte de seu capital realmente era estrangeiro. Como vimos anteriormente, também eram os seus técnicos. Mesmo sendo um caso típico de perseguição política, é bem possível que a empresa de Lobato de fato não estava de acordo com a lei brasileira e com o Código de Minas.

Com o fracasso da sua empresa de petróleo, e sua prisão em 1941, Lobato se afastou completamente de Getúlio Vargas. Podemos dizer que Vargas era o seu novo Bernardes. Foi esse afastamento de Lobato que o levou a elogiar os principais oponentes à ditadura instaurada em 1937: os comunistas.

CAPÍTULO 3 – MONTEIRO LOBATO E A ESQUERDA

O historiador Boris Fausto, em seu livro de memórias, toca num tema pouco lembrado atualmente sobre Monteiro Lobato: por quase quatro décadas (40 a 70) ele foi visto pela direita brasileira como um comunista-atéu e seus livros (especialmente os infantis) foram proibidos em escolas de orientação católica. Fausto, descrevendo a educação que a sua esposa recebeu num colégio de freiras paulista, nos anos de 1943/44, afirma:

Na sala do cinema, apesar da cuidadosa escolha dos filmes, se durante a projeção as freiras descobriam de repente uma sugestão amorosa, ou mesmo um beijo considerado escandaloso, fosse qual fosse seu estilo, nesse momento, perplexa, a responsável pela projeção colocava a mão sobre a lente do projetor, transformando a cena num borrão escuro, enquanto as meninas fantasiavam as passagens censuradas. A censura estendia-se à biblioteca, por razões menos carnisais: os livros de Monteiro Lobato, narrando as aventuras, entre outros, de Narizinho, Emília e dona Benta no sítio do Pica-Pau Amarelo, e que fizeram as delícias de tantas gerações, não se encontravam nas estantes. Segundo as freiras, o autor era atéu e seus livros constavam do índice da Igreja.³⁴⁸

Edgard Cavalheiro narra até mesmo a queima de livros infantis de Lobato em colégios católicos cariocas, em 1942:

(...) não tarda a surgir, em escolas oficiais, e praticamente em todos os colégios católicos do país, uma ordem absurda, chocante: os livros de Monteiro Lobato devem ser retirados das bibliotecas escolares. As explicações para tais medidas falam em excessivo regionalismo, críticas desairosas ao Brasil, comunismo e outras pelo estilo. (...) No externato do Colégio Sacré Coeur de Jesus, em Laranjeiras, Rio de Janeiro, capital do Brasil, piedosa freira solicita de todas as alunas que possuam livros do criador de Narizinho, que os levassem ao Colégio, para certo fim não muito bem especificado. “Reunidos os volumes, depõe Raul Lima, a Revma. Irmã e educadora fez uma foqueira, com alguns paus de bambu, e queimou-os todos”.³⁴⁹

Lobato nunca foi um homem religioso e em seus livros, sempre procurou combater qualquer forma de superstição. Mas a ideia de que Lobato seria um comunista-atéu precisa ser problematizada. Há duas questões que precisam ser respondidas: em primeiro lugar, por que Lobato demonstrou tanta simpatia para com os

³⁴⁸ FAUSTO, Boris. **Memórias de um historiador de domingo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 162.

³⁴⁹CAVALHEIRO, Edgard.**Monteiro Lobato: Vida e obra: Tomo II**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p.179.

comunistas brasileiros nas décadas de 40 e 50? Em segundo, Lobato pode ser compreendido como um comunista?

Para responder à primeira questão, devemos entender o contexto histórico brasileiro da década de 40. Nesta época, o Partido Comunista brasileiro, mesmo ilegal era a principal força de oposição à ditadura Vargas. É claro que a força dos comunistas possivelmente era superestimada pela paranoia da direita, ou pela necessidade de criar um ambiente de medo na elite e classe-média brasileira, justificando medidas repressivas – esta foi, ao menos, a lógica do Plano Cohen.

Depois de sua prisão e do fim de sua empresa, Lobato se aproximou dos comunistas por eles terem sido antagonistas da ditadura desde longa data. Havia entre Lobato e os comunistas um inimigo em comum: Vargas. Como observa a autora Aline M. Koshiyama:

A repulsa a Getúlio Vargas aproximava Lobato de todos os que conflitaram com o governo durante o Estado Novo. Mas, para Lobato, buscar a aproximação pessoal não implicava concordar com a totalidade das teses defendidas por alguém.³⁵⁰

Lobato chegou mesmo a abandonar a União Cultural Brasil-Estados Unidos em 1944, por discordar do apoio americano (política de boa vizinhança) à ditadura brasileira.³⁵¹ No fim da ditadura Vargas, o autor tornou-se diretor do Instituto Cultural Brasil-URSS.³⁵² Lobato não aceitou fazer parte do Partidão, nem mesmo de concorrer às eleições. Segundo Cavalheiro, Lobato não entrou no P.C.B. por razão da atitude de Prestes em apoiar Vargas e da frágil saúde do autor.³⁵³

Como já foi dito, Lobato via nos comunistas um aliado em comum contra a Ditadura. Logo, há um abismo entre a relação que Jorge Amado e Caio Prado Junior tiveram com o marxismo e a relação de Lobato com o mesmo. Os primeiros realmente eram comunistas, e suas obras eram fruto desta ideologia. O segundo era um mero simpatizante, que nunca demonstrou grande conhecimento de nenhuma obra de Karl Marx. Há um *aspecto político* no apoio de Lobato aos comunistas brasileiros

³⁵⁰KOSHIYAMA, Alice M. **Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor**. São Paulo: Edusp, 2006. p.192.

³⁵¹AZEVEDO, Carmen L; CAMARGOS, Márcia; SACCHETA, Vladimir. **Monteiro Lobato, Furacão na Botocúndia**. São Paulo: Editora Senac, 2001. p. 337.

³⁵²AZEVEDO, Carmen L; CAMARGOS, Márcia; SACCHETA, Vladimir. **Monteiro Lobato, Furacão na Botocúndia**. São Paulo: Editora Senac, 2001. p.338.

³⁵³CAVALHEIRO, Edgard.**Monteiro Lobato: Vida e obra: Tomo II**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p. 224 e 240.

(necessidade de derrubar Vargas), mas não há um *aspecto prático* (necessidade de criar uma sociedade comunista no Brasil).

A paranoia oportunista da direita brasileira também não pode ser descartada no entendimento de Lobato como um comunista. Jorge Amado ironizou muito bem esta atitude da direita de taxar *qualquer coisa* de comunismo durante o governo Vargas.

Em seu livro *Os Subterrâneos da Liberdade: a luz no túnel*, publicado em 1954, há a seguinte passagem, referindo-se ao início da década de 40:

Nas fábricas a situação era ainda pior: os patrões se aproveitavam para denunciar como de “origem comunista” qualquer tentativa, a mais leve, de reivindicação de aumento de salários. Toda uma trintena de operários fora presa numa fábrica por ter protestado contra o mau odor desprendido pela única latrina existente, cujo esgoto entupira. O patrão fizera telefonar à polícia: agitação comunista na fábrica.³⁵⁴

Mas apenas o contexto histórico e a paranoia da direita brasileira não pode responder tudo. Não há dúvida alguma que Lobato, de fato, admirava a URSS, independentemente de Vargas estar ou não no poder. Em seguidas entrevistas Lobato elogiou a URSS (inclusive depois do fim do regime de 1937) chegando mesmo a dizer que ela representava o futuro da humanidade.

Numa entrevista ao jornal *Diário de São Paulo*, possivelmente depois do fim da Era Vargas, Lobato foi questionado por um jornalista:

- É socialista?

- Não sou coisa nenhuma além dum observador da história. Olho, vejo e digo o que vejo – só, mais nada. Para que ser alguma coisa? A história me mostra o seguinte. Depois de bem verificado que dentro da Ordem Social com que o mundo emergiu da Idade Média o bem estar e a felicidade eram privilégios de 1% das criaturas, às 99% restantes só cabendo trabalho de sol a sol, fome, miséria e doenças, nasceu nos corações generosos o sonho duma ordem social nova em que a felicidade coubesse ao maior número – e esse sonho se corporificou no que chamamos de Socialismo. Mas os dominantes, os donos do Governo e da Igreja, os privilegiados de todos os tipos, os senhores do mundo, imediatamente condenaram o grande sonho. Por fim houve da parte dos privilegiados uma concessão: eles aceitaram o socialismo como uma linda utopia acadêmica. Os idealistas da reforma social podiam pregar suas ideias em jornais e livros; podiam formar partidos e levar deputados aos parlamentos. Podiam em conferências e aulas debater livremente suas teses. Podiam, em suma, fazer tudo quanto fosse palavrório. Só não podiam uma coisa: fazer a experiência do socialismo em qualquer ponto do globo. Ah, isso nunca!...

(...)

- E que acha da experiência russa?

- No começo houve muito horror, muito erro, uma verdadeira hecatombe; mas os experimentadores foram modificando o regime, adaptando-o às

³⁵⁴AMADO, Jorge. **Os subterrâneos da liberdade: a luz no túnel**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.231.

contingências da natureza humana e afinal conseguiram uma situação de equilíbrio e eficiência na verdade maravilhosa. O que a Rússia fez nesta guerra, e o que está fazendo na ciência, na educação e em todos os setores da vida humana é o maior dos milagres modernos – e essa vitória da experiência russa, meu caro, não pode mais ser oculta aos olhos de todos os países: está aí a crise do mundo. (...) A história nos mostra uma coisa muito interessante; a perpétua vitória dos idealistas sobre os realistas. (...) Os idealistas no tempo dos romanos chamavam-se “cristãos”; foram perseguidos da maneira mais atroz. (...) Quem venceu? A Gestapo dos Césares ou eles? Eles – e mais tarde o mundo passou a venerá-los como “mártires”. Eram os “comunistas” da época.³⁵⁵

O autor comentou numa entrevista que mudou de ideia sobre a experiência soviética ao ler o livro *O Poder Soviético*, escrito por Hewlett Johnson.³⁵⁶ Este livro é a chave para entender o porquê do apoio de Lobato aos comunistas, independente do contexto histórico da ditadura Vargas.

O livro trata da vida dos operários na URSS e das políticas sociais e econômicas do regime antes da invasão nazista. Demonstra um otimismo muito grande com as realizações de Stálin, ignorando a violência deste regime. A sua publicação no Brasil ocorreu depois da vitória da URSS na Segunda Guerra Mundial e do fim do governo Vargas. Lendo *O Poder Soviético*, não é difícil entender o porquê de Lobato ter afirmado que este livro mudou a sua concepção da URSS. A 3ª parte do livro é dedicada a quatro questões: petróleo, aço, máquina e estradas na URSS. Johnson descreve a importância dos geólogos soviéticos na descoberta de novas reservas de petróleo no país e como o petróleo era importante para o Estado moderno.

Tratando da indústria soviética, o autor afirmou:

A Rússia aproxima-se hoje da paridade industrial com os mais importantes países capitalistas do mundo. Possuindo sua própria indústria pesada, seus próprios armamentos, seu próprio padrão de vida sempre e sempre se elevando, sente-se por fim segura dentro de um mundo de agressões e violências. (...) A produção industrial em grande escala, que em 1923 alcançou a 4 bilhões de rublos (...) é hoje 25 vezes maior e continua aumentando.³⁵⁷

Sobre o aço:

A quantidade de metal produzida por um país é um bom índice de seu progresso. Se a Rússia. (...) Considerando o imenso tamanho do seu território, sua indústria de ferro e aço era absurdamente pequena. (...) Em 1942, a produção de ferro deve aumentar 50% em relação a 1937, a de aço 56%.³⁵⁸

³⁵⁵LOBATO, Monteiro. **Prefácios e entrevistas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p.141-144.

³⁵⁶LOBATO, Monteiro. **Prefácios e entrevistas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 164.

³⁵⁷JOHNSON, Hewlett. **O poder soviético**. Rio de Janeiro: Editora Calvino Limitada, 1945. p.129-130.

³⁵⁸JOHNSON, Hewlett. **O poder soviético**. Rio de Janeiro: Editora Calvino Limitada, 1945. p.142-145.

Máquina:

A União Soviética não teme nem precisa temer a máquina. E é lógico. Numa economia planificada, quanto maior número de máquinas se possuir, tanto mais fácil se tornará o serviço, encurtando o dia de trabalho e tornando mais feliz e mais fácil a vida de todos. (...) Para poder sobreviver era, pois, obrigada a criar uma indústria de fabricação de máquinas largamente distribuída através do seu território. Também tinha de produzir e treinar seu pessoal especializado. Era uma tarefa colossal, cheia de ramificações. Exigia a criação de colégios, escolas e institutos técnicos, conduzidos por professores habilitados. Exigia a evolução da mentalidade de um povo completamente alheio às formas mais elementares da construção de maquinaria.³⁵⁹

Em relação às estradas na URSS, o autor mantém afirmações similares aos outros temas: durante o período do czar elas eram poucas e precárias, mas durante o regime soviético tudo começou a mudar para melhor.

Lendo essas citações, podemos notar que Johnson descreveu vários aspectos da economia na URSS que impressionariam Lobato. Havia, sem dúvida, uma *coincidência de projetos*: o projeto de Lobato para o Brasil era industrial desde seu retorno dos Estados Unidos. Ora, esse era exatamente o mesmo que os soviéticos tinham para a URSS, desde o fim da década de 20. Logo, a sua aproximação com os comunistas não foi apenas por causa da política de boa vizinhança e do seu ressentimento com Vargas. Foi uma aproximação tendo o projeto industrial como referência. Não podemos ignorar também a própria condição da URSS: de país de camponeses durante o regime czarista, para um regime industrial, vitorioso da Segunda Guerra em 1945. Quando Lobato falou do “milagre” soviético, por exemplo, em primeiro lugar apareceu a vitória na guerra.

Outro livro que Lobato leu (e elogiou) sobre a URSS foi *A Grande Conspiração: a guerra secreta contra a Rússia Soviética*.³⁶⁰ Este livro trata das seguidas tentativas das potências capitalistas europeias de derrubar o regime soviético, utilizando da guerra civil até ao chamado “cordão sanitário”, com o objetivo de deter a influência comunista. Neste livro há uma *consciência de narrativa* com a vida pessoal de Lobato e o projeto soviético. A URSS é descrita como uma sociedade cheia de inimigos externos (França, Inglaterra, milionários russos exilados) e de “sabotadores” internos (trotskistas). A

³⁵⁹ JOHNSON, Hewlett. **O poder soviético**. Rio de Janeiro: Editora Calvino Limitada, 1945. p. 148-150.

³⁶⁰ NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato Vivo**. Rio de Janeiro: Editora MPM, 1986.p.228.

tentativa da Europa Ocidental de dominar o petróleo russo aparece seguidas vezes ao longo do livro.³⁶¹ O termo “sabotagem” também.³⁶²

Lobato sempre foi muito claro ao afirmar que o petróleo brasileiro não era explorado por culpa de interesses ocultos e de sabotadores. Ao ler um livro sobre a URSS que descrevia todas as tentativas das potências ocidentais de derrubar o governo soviético e de se apoderar das suas reservas petrolíferas, utilizando a sabotagem como *modus operandi*, Lobato viu a confirmação de todas as teses sobre os “sabotadores” que o impediram de transformar o Brasil.

Em grande parte por causa dessa coincidência de narrativa, o prefácio de sua obra *O Escândalo do Petróleo e Ferro*, republicado em 1946, foi escrito por Caio Prado Junior. Este prefácio é um dos melhores escritos de síntese sobre Lobato, junto com a interpretação de Antônio Cândido. Para Caio Prado Junior, Lobato era o “economista prático” e símbolo do “idealismo do progresso material” – que no entendimento do historiador marxista, seria um produto da “moderna sociedade burguesa” estadunidense e europeia. A importância da obra de Lobato, seria a prova da atividade do imperialismo em solo brasileiro:

O grande valor, para o público brasileiro, da experiência de Monteiro Lobato, está em que ela revelou, além de qualquer dúvida, um dos principais fatores do atraso e da pobreza do Brasil. A ação nefasta do imperialismo em países fracos e dependentes como o nosso não é por certo assunto novo. Mas coube a Monteiro Lobato evidenciar-la pela primeira vez entre nós com uma experiência em larga escala que proporciona conclusões seguras e definitivas.³⁶³

Caio Prado Junior, utiliza termos que, por terem origem marxista, não aparecem na obra de Lobato, como “imperialismo”. Mas a sua análise da obra de Lobato é exata: em especial na citação acima, ao ver em Lobato um intelectual que procura responder, com sua própria experiência empresarial, as razões do atraso brasileiro.

O ponto alto, quase de união, entre Lobato e os comunistas ocorreu no governo Dutra, empossado em 1946. Foi em seu governo, em 1947, que o Partido Comunista foi considerado novamente ilegal, depois de um breve período de abertura política. Lobato ironizou Dutra (um dos principais colaboradores do Estado Novo), afirmando que ele

³⁶¹KAHN, Albert E; SAYERS, Michael. **A grande conspiração: a Guerra secreta contra a Rússia Soviética**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1947. p. 27 e 123.

³⁶²KAHN, Albert E; SAYERS, Michael. **A grande conspiração: a Guerra secreta contra a Rússia Soviética**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1947. p. 170.

³⁶³PRADRO JR. Caio. Prefácio. In: LOBATO, Monteiro. **O escândalo do petróleo e ferro**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.

iria criar o Estado Novíssimo. No mesmo ano do banimento do Partido Comunista, Lobato lançou um pequeno panfleto (que seria apreendido pela polícia), intitulado *Zé Brasil* – uma obra pequena, com 26 páginas. Na 1^o edição da obra, como anexo, pode ser lido um discurso de Prestes cobrando maior organização dos trabalhadores no campo. *Zé Brasil* é uma forma que Lobato encontrou de defender os valores propagados pelos comunistas.

Trinta e três anos separam esta obra do artigo *Velha Praga*, mas Lobato não deixou de tocar num tema constante em sua obra: o campo versus a cidade. Logo no início, Lobato escreveu:

A gente da cidade – como são cegas as gentes da cidade!... Esses doutores, esses escrevedores nos jornais, esses deputados, paravam ali e era só crítica: vadio, indolente, sem ambição, imprestável... não havia o que não dissessem do Zé Brasil.³⁶⁴

O principal ponto do livro não é esta crítica conhecida. Lobato aponta temas que faziam parte do debate do Partido Comunista de sua época: ausência de lei no campo (a violência do grande proprietário com seus agregados), mais a necessidade de dividir a terra do coronel que não planta. Em nenhum momento o termo “reforma agrária” aparece, mas Lobato comenta a importância da divisão de terras improdutivas. Como o livro era um panfleto pró-comunista, o herói é o Cavaleiro da Esperança – Luís Carlos Prestes – que veio acabar com a injustiça, e o vilão o “coronel” – que na capa da 1^o edição parece como um senhor gordo, segurando um chicote. Lobato já admirava Prestes desde 1927, mas foi neste momento que fez o seu maior elogio ao dirigente comunista.

Há até mesmo uma clara linguagem marxista no livro:

- Para eles [coronéis] está bom mesmo! Não precisam trabalhar e são donos de tudo, das terras, das casas, das fábricas...
- ...e do produto do trabalho dos outros. O mal está aí, Zé. No dia em que quem trabalha ficar dono do produto do seu trabalho tudo entrará nos eixos e todos serão felizes. Mas isso de cem trabalharem para um só ficar com tudo, isso não está certo e tem de acabar.³⁶⁵

Na conclusão do livro, Lobato comenta a necessidade de dar conhecimento ao camponês brasileiro, para que ele entendesse a sua condição de explorado. Talvez por

³⁶⁴LOBATO, Monteiro. **Problema Vital, Jeca Tatu e outros textos**. São Paulo: Editora Globo, 2010. p.117.

³⁶⁵LOBATO, Monteiro. **Problema Vital, Jeca Tatu e outros textos**. São Paulo: Editora Globo, 2010. p.121.

este mesmo motivo, a obra tenha uma linguagem fácil e com poucas páginas – facilitaria a sua distribuição no campo.

O livro *Zé Brasil* facilitou a construção ideológica da direita brasileira (e da Igreja) do “Monteiro Lobato, comunista”. Lobato, no final de sua vida se interessou mais por Henry George, um reformador, do que por Karl Marx. A tese que aponta propaganda comunista na obra de Lobato só faz algum sentido (e com muito exagero) a um panfleto que não chegou ao seu destino final – o trabalhador rural.

Numa entrevista que não foi publicada, datada de 09/05/1947, Lobato deixou claro sua inclinação política e o porquê de seu apoio aos comunistas:

- Qual a sua impressão sobre o fechamento do partido comunista?
- Ótima! Tenho duas razões para dizer isso. Uma, pessoal: a aposta que fiz com o meu amigo Yan, de que a democracia dutrina, (...) não duraria muito tempo, sendo o decaído Estado Novo substituído pelo Estado Novíssimo, no qual a nova Constituição seria pendurada (suspensa) num ganchinho no quarto dos badulaques. Ganhei essa aposta. A outra razão é política: a certeza em que fiquei da futura vitória comunista ou socialista.
- É verdade que é comunista?
- Não, sou georgista por convicção absoluta, mas sempre tive muita simpatia pelo comunismo. Agora, (...) vejo o comunismo proscrito e perseguido, e proibido pelos governos, sou forçado a acolhê-lo no coração, porque nunca admiti que governo nenhum *determine* as ideias que os homens devem ter. (...).
- Muito bem. Mas adquiriu a segurança da vitória futura numa ideia que vai ser perseguida em grande estilo?
- Justamente por isso: porque vai ser perseguida. “Ideia perseguida, é ideia vitoriosa”, disse Herculano, eterna verdade histórica eternamente esquecida pelo “Poder”. Verdade histórica sim; e a História ainda nos diz que quanto maior for a perseguição, maior será a vitória. O caso do cristianismo é formidável.³⁶⁶

Um livro que procurou responder se Lobato foi mesmo um comunista-atéu chama-se *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças*, escrito pelo padre Sales Brasil e publicado em 1957. No prefácio da obra, monsenhor Álvaro Negromonte afirmou:

Este livro devia ter vindo há muitos anos, para evitar os imensos males que anda espalhando a Literatura Infantil de Lobato. Sempre tivemos, aqui e ali, pequenos estudos da obra demolidora de Lobato, desde que começaram a circular os seus livros. Fui um dos primeiros a combater essa influência perniciosa, na tribuna, na imprensa e no rádio. Em 1936, a Associação de Professores Católicos de Diamantina, denunciando “os grandes males que poderiam advir, para a fé e a educação cristã das crianças, da leitura das últimas obras de Monteiro Lobato”, pediu ao seu Arcebispo que as proibisse

³⁶⁶ LOBATO, Monteiro. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 319-320.

naquela arquidiocese. A resposta foi que os referidos livros já estavam proibidos pelo próprio Direito, segundo as normas do Cânon 1399 que condena “os livros que defendam heresia ou cisma ou de qualquer maneira procurem destruir os fundamentos da Religião”.³⁶⁷

O que provocou o padre Sales Brasil a escrever este livro, foi o panfleto *Zé Brasil*. O seu objetivo, como o próprio título da obra indica, é analisar a obra infantil de Lobato, procurando coincidências com o programa comunista. Sales Brasil divide o programa comunista desta forma:

- Negação de uma causa superior à matéria, que, a esta, lhe tivesse dado origem, portanto.
- Negação da divindade de Cristo e da existência de Deus.
- Negação da superioridade do cristianismo; ou melhor, afirmação explícita da superioridade do paganismo em face da religião cristã; e mais ainda, explicação (...) da inferioridade da religião católica, relativamente aos ramos que trazem menos seiva de cristianismo, etc...
- Negação da espiritualidade da alma e da existência de outros espíritos.
- Negação da verdade lógica, ontológica e da certeza absoluta; negação da imoralidade da mentira e da força do direito.
- Negação do vínculo matrimonial indissolúvel.
- Negação da moralidade do pudor e negação do impudor das obscenidades.
- Negação da hierarquia social.
- Negação da Independência da Pátria.
- Negação do direito à propriedade particular.

No livro do padre Sales Brasil cada “negação” merece um capítulo, onde a obra infantil de Lobato é destrinchada, e encontrada apologia ao programa comunismo – tendo várias citações retiradas do seu contexto.

Monteiro Lobato viveu o bastante para ver a gênese desta apropriação/recepção de sua obra – morreu em 1948. A construção de Lobato como um comunismo-ateu dependia de um ambiente radical (como a Guerra Fria) e da paranoia da direita brasileira. Com o fim deste ambiente, (fim da URSS e da Ditadura Militar) esta

³⁶⁷NEGROMONTE, Álvaro. Prefácio. In: BRASIL, Sales. **A literatura infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para crianças**. São Paulo: Edições Paulinas, 1958.

construção foi esquecida e só é lembrada por estudiosos da obra do autor ou por pessoas que viveram aqueles anos. A atual presidente da Argentina, Cristina Kirchner, escreveu no prefácio para a edição infantil das obras de Lobato, republicadas em seu país, que:

Certa tarde de fevereiro de 1976, um dia irrespirável não apenas pelo calor, mas por aquilo que estava acontecendo [naquele ano, começou a ditadura militar na Argentina, que se prolongou até 1983], cheguei à casa de mamãe. Já não morava lá; no ano anterior, havia me casado com um colega de faculdade. Ao entrar, encontrei minha irmã encapando livros cuja simples posse, em caso de revistas domiciliares – muito frequente naquela época –, era passaporte direto para o cárcere, na melhor das hipóteses. Gisele, ao mesmo tempo, estava cortando as primeiras páginas dos livros de Narizinho e Pedrinho e colando-os nos livros de Puiggrós, Fanon, Walsh ou Cooke. “O que você está fazendo, sua louca?”, perguntei, sempre amável e diplomática. Ela me disse: “Eu, louca? Louca está a mamãe, que quer queimar todos os livros; (...) Minha irmã continuou encapando os livros “perigosos” e retirando páginas dos livros de Monteiro Lobato, enquanto eu a contemplava, absorta, sem saber se eu deveria rir ou chorar.”³⁶⁸

Ao que tudo indica, a má fama de Lobato chegou aos novos vizinhos também, não sendo restrita à Igreja Católica brasileira.

Recentemente, a obra infantil de Lobato foi acusada de conter teor racista. Talvez o momento histórico atual, marcado por uma discussão sobre a realidade do racismo brasileiro e a constitucionalidade das cotas raciais tenha alguma influência nesta nova construção. É um trabalho de adivinho procurar responder como a obra de Monteiro Lobato será entendida daqui cinquenta anos.

³⁶⁸KIRCHNER, Cristina. *Reinações de Kirchner. Folha de São Paulo*. São Paulo, 25 de abril de 2010.p. 5.

CONCLUSÃO

Monteiro Lobato dificilmente pode ser rotulado. Mesmo que a mudança de opinião seja algo comum na vida de qualquer intelectual, ele se esforçou ao máximo para manter uma relação de constante autocrítica, reflexão e contradição com suas antigas opiniões.

Em 1914, o autor ganhou fama nacional com o seu personagem rural, Jeca Tatu: ele destruía a natureza, sempre votava no governo, não conhecia a arte e representaria o nosso atraso em relação ao mundo civilizado. Em 1917, o mesmo Jeca era o melhor representante de nossa nacionalidade, bastando que fosse tratado corretamente pelos médicos. Na década de 1920, Lobato foi um dos principais críticos do modelo político adotado pela elite brasileira: o voto cabresto. Escreveu cartas, criou uma Liga, tudo com o objetivo de modernizar a eleição. Eleição conhecida pela fraude e pela violência. O objetivo de Lobato era simples: o eleitor tinha o direito ao voto secreto, algo que hoje é considerado básico para qualquer democracia. Também foi, durante toda sua vida um crítico da arte moderna.

Dado o fracasso de sua editora em 1924, e com a chegada de W. Luís ao poder, Lobato teve a oportunidade de se mudar, junto com a família, aos Estados Unidos, em 1927. A sua ida a este país não foi mero acaso: Lobato considerava o americano Henry Ford o teólogo do progresso humano e isto certamente influenciou a sua mudança. Uma das primeiras coisas que Lobato fez, ao chegar lá, foi ir de carro até Detroit e conhecer a fábrica Ford. Tinha até mesmo o desejo de trabalhar como mero operário na fábrica, para sentir como era o ambiente cotidiano desta. Porém, o autor não se interessou apenas por Ford, mas por inúmeras questões da vida americana: a mulher e sua libertação sexual, o cinema, a democracia, as universidades, o puritanismo e sua luta contra a ciência moderna e principalmente, a riqueza desta sociedade. Não é um exagero afirmar que Lobato voltou (para usar uma palavra que o próprio autor utilizou constantemente) assombrado com o que viu.

O seu retorno dos Estados Unidos, em 1931, marcou o abandono de sua literatura adulta e suas antigas cruzadas (higiene, voto secreto etc.). Viu na ausência de ferro e petróleo em território nacional o nosso verdadeiro atraso em relação aos países desenvolvidos, tendo os Estados Unidos como o principal modelo de como um país deveria ser organizado, seja economicamente quanto politicamente. Por 10 anos procurou encontrar petróleo e mudar a legislação brasileira, tornando-a mais atraente

aos investimentos privados. Fracassou. Não tinha a legislação nem o governo federal ao seu lado. Ao contrário. Ambos impossibilitaram a sua empreitada.

Nos últimos anos de sua vida, Lobato se aproximou dos comunistas (mesmo sendo no passado um ferrenho crítico da intromissão do Estado na economia) e em razão desta mesma aproximação, no contexto da Guerra Fria, sua obra infantil ganhou uma nova conotação para a direita católica brasileira: comunismo para crianças.

Entretanto, sempre haverá a tentação de defini-lo, seja como um conservador, comunista, liberal ou simplesmente, racista. Para esta dissertação, Lobato foi um crítico social que procurou, por seu trabalho literário, mudar a realidade brasileira. E não apenas pelo seu trabalho literário, mas por seu trabalho como empresário. Toda a obra de Lobato (sendo obvio em seu trabalho infantil) tem um caráter pedagógico. Isto se reflete na formação de seus personagens nas obras adultas: de um lado o aprendiz, do outro o feiticeiro. Em *O Presidente Negro*, temos Lobo e Miss Jane. O primeiro instrui-se com a segunda. Em *Mister Slang e o Brasil e América* temos o personagem brasileiro (sem nome) absorvendo toda a erudição do inglês. Logo, o leitor da obra também deveria apreender alguma coisa. A literatura “lobatiana” é a literatura do convencimento e catecismo. Há um aspecto funcional ou utilitário em seus livros adultos: a tentativa de seduzir o leitor a ver o mundo do mesmo modo que o autor.

O Brasil que Lobato queria criar era um espelho dos Estados Unidos: democrático, industrial e produtor de petróleo. A imagem do Brasil como o “gêmeo” do colega norte-americano fala por si só. O fato de Lobato ter abandonado a literatura adulta e ter gastado dez anos de sua vida procurando petróleo pelo interior brasileiro também não pode ser menosprezada – indica o quanto ele levava a sério esta crença. Creio que não existe outro caso na literatura brasileira dum autor célebre que tenha feito algo do tipo. Lobato tinha tanta esperança na sua vitória final que não levou em conta que todo o período histórico (no caso, a década de 30) conspirava contra o seu empreendimento. A sua prisão, em 1941, levou ao fim não apenas de sua empresa, mas o projeto dum Brasil moderno que ele havia imaginado por tanto tempo.

Lobato deve ser lido por várias razões. Como foi dito acima, estamos tratando de um crítico social. Mas não apenas isso. Estamos tratando de um crítico esquecido pelos historiadores. Este esquecimento, em especial de sua obra adulta, possivelmente pode ser resultado do seu sucesso como escritor de obras infantis. Lobato, mesmo tendo uma obra extensa, não tem o status dentro da academia que Lima Barreto ou Euclides da Cunha. Todo caso, os três foram os principais críticos da República Velha. Exagerando

um pouco, podemos ver em Lobato o representante do “empresário ressentido” com o Governo Federal, em especial com Artur Bernardes e posteriormente, Vargas. Euclides da Cunha, como jornalista, representaria a classe-média. Lima Barreto, por sua condição de negro numa sociedade racista, fez uma crítica mais ácida do período e em alguns romances mostrou uma identificação com os “de baixo” ou derrotados.

O objetivo desta dissertação, além de procurar analisar a trajetória e a recepção que as obras e ideias de Lobato tiveram na imprensa e no Governo Federal, foi trazer à luz um Lobato mais “político” do que “infantil”. Um Lobato que permanece relativamente desconhecido na academia e do público leigo.

Se há algo que nunca mudou na vida do autor, foi sua capacidade de mudar de opinião.

ANEXOS

1)

Resenha de “O Choque”.

Autor: Silveira Bueno.

Jornal da Manhã

Dia: 31/01/1927

Adalgiso Pereira, escrevendo um panegyrico ao aparecimento do livro “Urupês”, dizia em êxtase: “que não será Lobato romancista! Que romance maravilhoso não publicará esse magnífico escriptor”. Que felicidade haver morrido aquelle panegyrico antes que apparecesse “O Choque”! Como Deus foi misericordioso, poupando tamanha decepção ao entusiasta admirador de Lobato! Elle morreria de um colapso cardíaco, ficaria louco ou então escreveria muito mais desassombro do que vou fazer. Pobre autor do “Urupês”. Como é lastimável a decadencia intellectual de uma pessoa que já se admirou! Lobato é coisa morta, liquidada mentalmente e como tal, não deve mais aparecer em público. Deve ficar na sombra do único livro bom que escreveu e viver do passado, dirigindo a Editora Nacional com mais acerto do que fez com a Graphica Editora, afim de não falir novamente. Mas por amor aos seus amigos, não escrever mais, sobretudo, romance de aventuras. Há um só romance de aventuras que elle deve pôde, como nenhum outro, compor admiravelmente: o romance do homem que no anno de 3457 chegou a grande fortuna sem ter nada e com a idéa de muita gente compoz duzentos volumes... Desta vez borrou-se completamente. “O Choque” não passou de uma tentativa falhada de romance. Não há proporção nenhuma entre o que se espera e o que se verifica no fim. Antes de tudo fique bem claro isso: a idéia do chronizador, do apparelho que enxerga o futuro e no passado é de Wells. Lobato é um plagiário muito mais feroz do que Menotti Del Picchia, que passa por ser o maior do Brasil. Menotti faz os seus plágios e como um adversário sem guarda, descobre-se aos ataques. Monteiro copia, imita outros e fecha-se de unha e dente. Este é mais hábil do que aquelle. Os seus satellites poderão calar-se. Na “Folha da Manhã” não se costuma calar a respeito de nada. Lobato plagiou Wells, quem quizer certificar-se, que os compare. Já não é a primeira vez que elle avança em território alheio: as suas fábulas são todas imitadas de outros autores; no “Urupês” a maioria dos contos não lhe pertence. Coelho Netto que leia bem “Os pharoleiros” e o reconheça de longe, e outros escriptores, inclusive Sylvio Florestal, que façam o mesmo. “O choque” não tem lógica, não tem coherencia: o autor se contradiz por todas as páginas, Ayrton Lobo é um ignorante e discute e comprehende os problemas da physica, da mechanica, etc, conversa fazendo citações de autores profundos. A morte do velho Benson é muito artificial: não há quem a engula. Os homens do anno de 2228, depois de um progresso espantoso, depois de um aperfeiçoamento colossal em tudo, - no physico, no moral, na parte psychológica, etc.,

são tão estúpidos como os de hoje, como o prof. autor. Falam ainda em “cherchez la femme”, em “ovo de Colombo”. Diz que pela selecção humana já não havia mais calabanas nas eleições, nos votos, etc., entretanto, mal Jim Roy irradia o nome do candidato, imediatamente um preto, que se vendera á “leader” feminina, se comunica, em segredo, com ella, trahindo, cabalando a eleição. Este Lobato não vê taes infantibilidades? Pela selecção humana a mulher daquele anno é superior, valente, corajosa, etc. Basta que a “leader” feminina receba a noticia de seu espião para desmaiar como qualquer uma melindrosa de hoje. Onde ficou a superioridade? O discurso desta famosa mulher depois da derrota é uma pagina de romantismo decadente, não já do nosso tempo, mas de 1830 para trás. Onde ficou a mentalidade da mulher de 2228? A imaginação de Lobato é tão fraquinha, que daqui a mil annos, os maiores homens de época, discutem si o quarto verso de um soneto estava perfeito ou exacto. Isto é positivamente ridículo, seu Lobato. Qualquer futurista “mangué”, qualquer colaborador do “Tico-Tico” imaginaria uma outra fórmula de poesia para annos tão adeantados e v. exc. ainda apparece com o soneto que data da Renascença?! Que fraqueza de phantasia! É melhor recolher-se o livreiro, não é mesmo? No anno 2228, o presidente Kerlog tem dor de cabeça; sabem como elle se cura? Com aspirina ainda, com a velhíssima aspirina! Porque não fabricou o romancista um outro medicamento mais moderno? Para o (ilegível, talvez, formidável) Lobato as raças se distinguem pela cor e pela forma dos cabellos; um sujeito negro que conseguiu desencarapinhar (ilegível) o ficar mais claro, já é de raça branca. Até os fazedores de almancks sabem que há outras qualidades muito mais determinantes, radicadas na própria formação intima dos individuos que differenciam as raças. Na pág. 240 há um plagio de Mahomet: - Só o aryano é grande (ilegível, e ou o) Dudley o seu (ilegível); nem Mahomet escapa! O final da brochura é ridículo: tudo ficou reduzido á fórmula do cabello e no cabello a sciencia do Lobato collocou as forças genetrizes dos negros de 2228. Que maravilha de concepção! Nem Freu, nem Woronoff, nem Eipstein, podem com o formidável rebento de Taubaté... A parte peor do livro, onde se revela a ruindade de Lobato, constituiu um caso de polícia, de tribunal até, é aquella em que, para fazer elogio, ou melhor, para patentear a sua adulação de Ford, aos Estados Unidos, vae systematicamente atacando, deprimindo a raça latina, o Brasil que elle visa amesquinhar. Só há uma pessoa na terra – é o Ford. Só há um paiz no mundo – os Estados Unidos. Só há uma raça no globo – é a americana do Norte. Porque não se naturaliza yankee? Porque não sae do Brasil? Porque não se oferece ao Ford como divertimento delle? Pensa que faria falta a este paiz, que já fez muito em atural-o até agora? Nenhuma. Si nunca houvesse nascido, não teria dado tanto prejuízo á praça de S. Paulo, nem o trabalho deste artigo. Parece que Lobato seja como tantos outros já foram, emissários de estrangeiros para a propaganda delles aqui no Brasil. Talvez a sua amizade no “O Jornal” lhe mostrasse esta visão lucrativa da vida moderna. “O Choque”, além de todos os defeitos que possui, traz ainda este – de ser um livro contra o Brasil, escripto por um brasileiro renegado. Este vício de Lobato é antigo: que é o Jeca Tatu? O maior ridículo lançado ao caboclo que fez o maior paiz da America do Sul. Quem forjou o Jeca-Tatú? Monteiro Lobato. Quem foi que em contos, em artigos avulsos, em conversas, até em sonhos sempre deprimiu os brasileiros, dando-os como ignorantes, como enfermiços, caricaturas de gente, etc.? Monteiro Lobato.

Neste último livro a raiva delle se volta contra o homem pequeno, feio e preto, estigmas diz elle, de inferioridade racial. Lobato já comprou um espelho? Quem há mais feio e preto e pequeno do que elle? É urgente uma campanha contra os difamadores do Brasil e dos brasileiros. O chefe dessa escola, desprezadora, aviltante de tudo e quanto é nosso é Monteiro Lobato. Persigamol-o como inimigo commum. Brevemente se irromperá aqui em S. Paulo uma campanha contra esse devorador da nossa fama. Ello (sic) que vá escrever em inglez, si é que o sabe. E a propósito do annuncio que elle distribuiu, dizendo que “O Choque” appareceria em inglez, allemão, etc. é pura phantasia. Todos sabem como foi feita a traducção do “Urupês” para o hespanhol. Pensam que vieram pedir para traduzir? Lobato pagou e muito bem essa vaidade inútil, prejudicial ao Brasil, porque foi mostrar a outros povos que os maiores difamadores desta pátria são os próprios escriptores da marca do autor do “Urupês”. E quanto ao portuguez? É um dos livros mais defeituosos que já li: desconhece as regras mais corriqueiras da euphonia, pois chega a escrever – mágica della – o que dá uma terrível cacophaton. Erra todas as collocações de pronomes, os infinitos pessoaes, ignora a regência dos verbos na língua portuguesa. Escreve paginas melífluas, decadentes, ao lado de outras dignas do “D. Quixotte” ou do “Tico-Tico”. Em summa, um fracasso este livro que o autor nunca deveria ter publicado. Aconselho o Lobato um longo silêncio, um profundo exame de consciência, afim de nunca mais escrever nada, ou, si o fizer, que faça coisa que valha ao menos o papel de jornal em que foi impresso.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Ildefonso. **Jeca Tatu**. 1º edição. Rio de Janeiro: Livraria Araujo, 1920.

ALENCAR, José. **O Sertanejo**. São Paulo: Editora Ática, 2010.

AMADO, Jorge. **Os subterrâneos da liberdade: a luz no túnel**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

AZEVEDO, Carmen L; CAMARGOS, Márcia; SACCHETA, Vladimir. **Monteiro Lobato, Furacão na Botocúndia**. São Paulo: Editora Senac, 2001.

BOSI, Alfredo. As letras na Primeira República. In: FAUSTO, Boris. (Org). **História Geral da Civilização Brasileira**, Tomo III, Volume 9. São Paulo: Bertrand Brasil, 2008.

BRASIL, Sales. **A literatura infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para crianças**. São Paulo: Edições Paulinas, 1958.

BRINKLEY, Douglas. **Wheels for the World**. USA: Penguin Books, 2003.

CAMPOS, André Luiz Vieira. **A República do Picapau Amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CÂNDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, J.A. **Das Origens ao Romantismo**. Rio de Janeiro: Difel, 1976.

CÂNDIDO, Antônio. O personagem no romance. In: CÂNDIDO, Antônio; PRADO, Décio de Almeida; ROSENFELD, Anatol. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: Vida e obra: Tomo I**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Ed. da UnB, 1998.

CHIARELLI, Tadeu. **Um Jeca nos Vernissages**. São Paulo: Edusp, 1995.

COHEN, I.S. **Bombas sobre São Paulo: A Revolução de 1924**. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

DEMARIA JR, Robert. Introdução. In: SWIFT, Jonathan. **Viagens de Gulliver**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

DEUTSCHER, Isaac. **Trotski: o profeta banido (1929-1940)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

- FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- FAUSTO, Boris. **Memórias de um historiador de domingo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FORD, Henry. **Os Princípios da Prosperidade**. Rio de Janeiro: Editora Brand LTDA, 1926.
- FREUD, Sigmund. **Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos: 1920-1923**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- GRANDIN, Greg. **Fordlândia: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Impérios**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- JOHNSON, Hewlett. **O poder soviético**. Rio de Janeiro: Editora Calvino Limitada, 1945.
- KAHN, Albert E; SAYERS, Michael. **A grande conspiração: a Guerra secreta contra a Rússia Soviética**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1947.
- KOSHIYAMA, Alice M. **Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor**. São Paulo: Edusp, 2006.
- LAHUERTE, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: LORENZO, Helena Carvalho de. e COSTA, Wilma. (Org). **A década de 20 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora Unesp, (?).
- LAJOLO, Marisa. CECCANTINI, João Luís. (Org). **Monteiro Lobato, Livro a Livro: obra infantil**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- LE BON, Gustave. **Psicologia das Multidões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre: Tomo 1º**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.
- LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre: Tomo 2º**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.
- LOBATO, Monteiro. **Cartas Escolhidas: Volume I**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.
- LOBATO, Monteiro. **Cidades Mortas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.
- LOBATO, Monteiro. **Conferências, artigos e crônicas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.
- LOBATO, Monteiro. **Críticas e Outras Notas**. São Paulo: Editora Globo, 2009.
- LOBATO, Monteiro. **Ferro e O voto secreto**. São Paulo: Editora Globo, 2010.
- LOBATO, Monteiro. **Ferro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.

- LOBATO, Monteiro. **Fragmentos, Opiniões e Miscelânea**. São Paulo: Editora Globo, 2010.
- LOBATO, Monteiro. **Ideias de Jeca Tatu**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.
- LOBATO, Monteiro. **Literatura de Minarete**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.
- LOBATO, Monteiro. **Mister Slang e o Brasil**: colloquios com o inglez da tijuca. 1^o edição. Companhia Editora Nacional, 1927.
- LOBATO, Monteiro. **Mister Slang e o Brasil**. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- LOBATO, Monteiro. **Na Antevéspera**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.
- LOBATO, Monteiro. **O escândalo do petróleo e Georgismo e Comunismo**. São Paulo: Editora Globo, 2011.
- LOBATO, Monteiro. **O escândalo do petróleo e ferro**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.
- LOBATO, Monteiro. **O Presidente Negro**. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- LOBATO, Monteiro. **O Poço do Visconde**. São Paulo: Editora Globo, 2010.
- LOBATO, Monteiro. **O Saci-Pererê**: Resultado de um Inquérito. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- LOBATO, Monteiro. **O Saci**. São Paulo: Editora Globo, 2011.
- LOBATO, Monteiro. **Prefácios e Entrevistas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.
- LOBATO, Monteiro. **Problema Vital, Jeca Tatu e outros textos**. São Paulo: Editora Globo, 2010.
- LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- LOYOLA, Leonidas. **Urupês e o Sertanejo brasileiro**. 1^o edição. 1919.
- MARTINS, Oliveira. **Teoria do Socialismo**. Lisboa: Guimarães & Editores, 1952.
- NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato: O editor do Brasil**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2002.
- NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato Vivo**. Rio de Janeiro: Editora MPM, 1986.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: FAUSTO, Boris. (Org). História Geral da civilização brasileira. **O Brasil republicano**: estrutura de poder e economia (1889-1930). São Paulo: Bertrand Brasil, 1997.
- POCOCK, J.G.A. **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: Edusp, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- SILVEIRA, Valdomiro. **Os Caboclos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

SKINNER, Quentin. **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

VIOTTI DA COSTA, Emília. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

Jornais:

AMARAL, Rubens. Fernão Dias e Jeca Tatu. **Folha da Manhã**, São Paulo, 25 de jan.1934. p. VI.

A industria de aço no Brasil. **Folha da Manhã**, São Paulo, 01 Julho 1929.

BUENO, Silveira. Livros novos. **Folha da Manhã**, São Paulo, 31 de jan.1927.

BASTOS, Lourival. Traços de um grande escriptor. **Folha da Manhã**, São Paulo, 10 de dezembro de 1935.

Companhia Mattogrossence de Petroleo: Manifesto para subscrição publica. **Folha da Manhã**. São Paulo, 6 de dezembro de 1936.

GOMES, Yaynha Pereira. America. **Folha da Manhã**, São Paulo, 22 junho 1932.

KIRCHNER, Cristina. Reinações de Kirchner. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 25 de abril de 2010.

LINS DO REGO, José. **Dois Escriutores**. Folha da Manhã, São Paulo, 25 de junho de 1935.

LOBATO, Monteiro. Eleição na America. **Folha da Manhã**, São Paulo, 15 jan. 1932.

LOBATO, Monteiro. Os livros da época. **Folha da Manhã**, São Paulo, p 3, 15 de agosto de 1931.

Monteiro Lobato mostra-se confiante no futuro do petróleo no Brasil. **Folha da Manhã**. São Paulo, 25 de janeiro de 1939.

O Processo Metallurgico Smith, **Folha da Manhã**. São Paulo, 22 de julho de 1931.

PICCHIA, Menotti Del. America. **Folha da Manhã**, São Paulo, 3 junho 1932.

Registro Bibliographico. **Folha da Manhã**, São Paulo, 28 jan. 1934.

SERVA, Mario Pinto. Suprema necessidade. **Folha da Manhã**, São Paulo, 02 set. 1924.

70 litros de petróleo jorraram do poço de Lobato. **Folha da Manhã**. São Paulo, 25 de janeiro de 1939.

Revistas:

TOLEDO, Roberto Pompeu de. Visionário Espiroqueta. **Piauí**. Número 25. p. 86-92. Outubro de 2008.

Inquérito:

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. **Bases para o inquérito sobre o petróleo**. Rio de Janeiro, 1936.

Sites:

<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0130-1.pdf>